Universidade de São Paulo
Faculdade de Educação

Rita Sampaio

O livro didático e o cânone literário-escolar
(1930-1945)

São Paulo
2010

RITA SAMPAIO

**O livro didático e o cânone literário-escolar
(1930-1945)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, na linha de pesquisa História da Educação e Historiografia, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Schapochnik.

São Paulo
2010

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

371.34 Sampaio, Rita
S192L O livro didático e o cânone literário-escolar / Rita Sampaio;
orientação Nelson Schapochnik. São Paulo: s.n., 2010.
153 p. : il., tabs.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação.
Área de Concentração: História da Educação e Historiografia) - -
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Livro didático – 1930-1945 2. Literatura 3. Leitura 4. Cânone 5.
Língua – Estudo e Ensino 6. Política educacional I. Schapochnik, Nelson,
orient.

Folha de aprovação

Nome: Rita Sampaio

Título: O livro didático e a formação do cânone literário-escolar (1930-1945)

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de
São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: História da Educação e Historiografia

Orientador: Prof. Dr. Nelson Schapochnik

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Ao Dema e à Alice pela paciência e carinho.

Aos meus amigos por serem leitores deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer inicialmente ao professor Nelson, por sua orientação e amizade.

À professora Maria Rita, por sua disponibilidade em ajudar.

Aos funcionários da biblioteca da Faculdade de Educação.

A Tânia, funcionária do arquivo da Companhia Editora Nacional.

Aos meus pais e meus irmãos.

Aos meus amigos. Em especial Ana Claudia, Raquel, Antonio Martins, Rita, Marcos Reis, Lucia, Denise, André Mota, Joana, Mauricio, Luciene e André Barbosa, todos leitores deste trabalho.

Às amigas educadoras Selma, Renata e Adriana.

A Ana e Cosme pela ajuda na finalização.

Aos meus amigos da Escola Municipal “Ibrahim Nobre”: Alessandra, Agenor, Glória, Rose, Esmeralda, Roberto, Mônica e, especialmente, Veridiana, pela compreensão e carinho.

Sem esquecer de Almir, Osvaldo, Cristina e Itania.

Ao Dema e à Alice, em especial.

A todos por terem a paciência de ouvir e ler.

A minha labuta de crítico num grande diário carioca, iniciada há pouco, me convenceu que os negócios de edição melhoraram sensivelmente nestes últimos anos. (...) Se as circunstâncias atuais se prolongarem, e tudo leva a crer que sim, as grandes casas editoras poderão lançar-se a um movimento mais largo, passando para o vernáculo por penas tão adestradas quanto a do tradutor de Mowgli e o lobo, os primores clássicos das grandes literaturas em edições de grande tiragem cujo preço de exemplar não vá além de 2 ou 3 mil-réis. Seria um serviço enorme prestado à nossa cultura. A Editora Nacional veio provar que o Brasil quer ler. Não lia porque o livro era caro. Aí por esse interior adentro o custo de um livro representava mais de um dia de trabalho. Agora as modas mudaram. A verdadeira avalanche que há um mês apenas vem abarrotando a minha mesa de edições nacionais me está persuadindo que desta vez a onda vai...

(“O Brasil começa a ler” (Revista Souza Cruz, dez./1933-jan./1934). In: Júlio Castañon Guimarães (Org.). *Manuel Bandeira. Crônicas inéditas 2 (1930-1944)*. São Paulo: Cosacnaify, 2009, pp.158-159).

RESUMO

SAMPAIO, Rita. *O livro didático e o cânone literário-escolar (1930-1945)*. São Paulo, 2010 – Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

Este trabalho procurou investigar a inserção de autores modernistas no livro didático da Companhia Editora Nacional, nos anos de 1930-1945, tendo por objetivo verificar como ocorreu a escolarização dos autores modernistas. Utilizando-se do referencial teórico relacionado à História Cultural, principalmente a história do livro e da leitura, entendendo o material didático como um espaço de legitimação e consagração literária, pois é este material que vai formar as novas gerações. Portanto, estar presente no livro didático é fazer parte do cânone literário, mesmo considerando que essa seleção não ocorre necessariamente por questões estéticas, mas, também, por questões que envolvem o ensino da língua, a política educacional e o mercado editorial.

Palavras chave: Livro didático – Leitura - Literatura - Cânone

ABSTRACT

SAMPAIO, Rita. *The text book and the school-literary canon (1930-1945)*. São Paulo, 2010 – Dissertation (Master of Education) - Faculty of Education, São Paulo University.

This research intends to investigate the insertion of the Brazilian literary movement called “modernism” in low-schoolbooks launched by Companhia Editora Nacional – an editing house which was simultaneously mainstream and critic – in last century's thirties and forties. It tries to verify how “modernist” authors became accepted in low-schoolbooks. Its theoretical referent is History of Cultures, mainly book and reading History. It sees didactic low-schoolbooks as a space where authors are legitimated and consecrated. The books launched in this ambience are the ones which will, in Brazilian conditions, shape new generations. To be quoted in these books is extremely important, in order to be part of mainstream education – even if the selection is not exactly only due to esthetical reasons, but also to matters tied to the language learning, the educational policies and the editorial market.

Keywords: schoolbook – Reading - Literature - Canon

LISTA DE FIGURAS

Pág.

Figura 1 – Paulo de Freitas. <i>O nosso idioma</i> (5 ^a edição), 1937.....	41
Figura 2 – Capas da Coleção Biblioteca Pedagógica	54
Figura 3 – Contra-capas de Trechos Seletos, 1938 e Programa de Português, 1941.....	55
Figura 4 – Capa e contracapa, Antologia, Aníbal Bruno, 1943.....	57
Figura 5 – Comentário da <i>Seleção Moderna</i> , de Othoniel Motta, por Gustavo Barroso.....	84
Figura 6 – Reprodução do quadro “Caipiras negaceando”, de Almeida Júnior”	85
Figura 7 – Gravura na obra <i>Programa de Português</i> , de Julio Nogueira	91
Figura C.1 – Capa da obra <i>Selecta Moderna</i> , de Othoniel Motta. Este exemplar foi adquirido em sebo, apresentando as marcas do uso, como este adesivo na parte central.....	148
Figura C.2 – Contracapa da obra <i>Selecta Moderna</i> , de Othoniel Motta, relacionando os volumes da Coleção BPB, Série Didáticos, em que se observam os preços das obras.....	149
Figura C.3 – Capa da obra <i>O nosso idioma: sintaxe geral</i> .de Paulo de Freitas, cujo padrão de diagramação se repetiu nas outras obras do autor.....	150
Figura C.4 – Folha de rosto da obra <i>Trechos Seletos</i> , na qual se observam elementos para a legitimação da obra, tais como o símbolo da Coleção BPB e a referência acadêmica do autor.....	151
Figura C.5 – Folha de apresentação dos volumes da BPB, publicados na Série Didática, presente em algumas obras analisadas.....	152
Figura C.6 – Exemplo de lombadas, da BPB e da BEB.....	153

LISTA DE QUADROS

Pág.

Quadro 1 – Autores modernistas presentes nos livros didáticos pesquisados.....	97
Quadro A.1 – Lista de autores presentes nos livros didáticos pesquisados.....	119
Quadro B.1 – Othoniel Motta, <i>Seleção moderna</i> , 1935 (4ª edição).....	126
Quadro B.2 – Paulo de Freitas, <i>O nosso idioma</i> , 1936 (1ª edição).....	128
Quadro B.3 – Júlio Nogueira, <i>Programa de Português para as primeiras e segundas séries do secundário</i> , 1938 (1ª edição).....	129
Quadro B.4 – Júlio Nogueira, <i>Programa de Português – Antologia</i> , 1940 (1ª edição).....	130
Quadro B.5 – Julio Nogueira, <i>Programa de Português – Antologia</i> , 1944.....	132
Quadro B.6 – Sousa da Silveira, <i>Trechos Seletos</i> , 1942 (5ª edição)	135
Quadro B.7 – Aníbal Bruno, <i>Língua Portuguesa</i> , 1941 (1ª edição).....	138
Quadro B.8 – Aníbal Bruno, <i>Língua Portuguesa</i> , 1941. Textos de apoio às lições (1ª edição).....	139
Quadro B.9 – Aníbal Bruno, <i>Língua Portuguesa – Antologia 1ª série</i> , 1943 (1ª edição).....	140
Quadro B.10 – Aníbal Bruno, <i>Língua Portuguesa – Antologia 2ª série</i> , 1943 (1ª edição).....	142
Quadro B.11 – Aníbal Bruno, <i>Língua Portuguesa – Antologia 3ª série</i> , 1943 (1ª edição).....	144
Quadro B.12 – Aníbal Bruno, <i>Língua Portuguesa – Antologia 4ª séries</i> , 1943 (1ª edição)...	146

LISTA DE ABREVIATURAS

AB – Aníbal Bruno

ABE – Associação Brasileira de Educação

ABL – Academia Brasileira de Letras

BEB – Biblioteca Escolar Brasileira

BPB – Biblioteca Pedagógica Brasileira

CEN – Companhia Editora Nacional

CNLD – Conselho Nacional do Livro Didático

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

JN – Júlio Nogueira

OM – Othoniel Motta

PF – Paulo de Freitas

SS – Sousa da Silveira

SUMÁRIO

Pág.

INTRODUÇÃO	14
1. LIVRO DIDÁTICO, MODERNIZAÇÃO E MODERNISMO.....	21
1.1. COMPANHIA EDITORA NACIONAL: LIVROS DIDÁTICOS, MODERNIZAÇÃO GRÁFICA E PEDAGÓGICA	27
1.2. AS INOVAÇÕES GRÁFICAS E OS LIVROS DIDÁTICOS.....	35
2. O LIVRO DIDÁTICO, OS PROGRAMAS CURRICULARES E A FORMAÇÃO DO LEITOR.....	46
2.1. OS LIVROS DIDÁTICOS DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL	52
2.2. LIVRO DIDÁTICO E OS PROGRAMAS CURRICULARES	58
2.3. A FORMAÇÃO DO LEITOR.....	67
3. O LIVRO DIDÁTICO E A CONFORMAÇÃO DO CÂNONE.....	73
3.1. OS LIVROS DIDÁTICOS SELECIONADOS	82
3.1.1. Othoniel Motta – <i>Seleta Moderna</i>	82
3.1.2. Paulo de Freitas – <i>O nosso idioma</i>	86
3.1.3. Julio Nogueira – <i>Programa de Português</i>	88
3.1.4. Sousa da Silveira – <i>Trechos Seletos</i>	93
3.1.5. Aníbal Bruno – <i>Língua Portuguesa</i>	94
CONCLUSÃO	103
REFERÊNCIAS.....	108
FONTES	109
BIBLIOGRAFIA	110
APÊNDICES	118
APÊNDICE A – AUTORES PRESENTES NOS LIVROS DIDÁTICOS PESQUISADOS	119
APÊNDICE B – QUADROS DE AUTORES E EXCERTOS ANALISADOS	126
APÊNDICE C – IMAGENS DOS LIVROS DIDÁTICOS ANALISADOS	148

INTRODUÇÃO

Este trabalho se originou de alguns questionamentos: por que estudamos determinados autores e outros não? Por que em nossa vida escolar somos apresentados a autores como José de Alencar, Machado de Assis, Euclides da Cunha, Mário de Andrade e não a outros? Essa pesquisa buscou entender como ocorre essa seleção de autores que são ensinados e tomados como modelo de boa literatura.

Como ponto de partida consideraram-se os autores modernistas ligados à Semana de 1922, por se entender que este movimento tornou-se, por meio de seus protagonistas e da crítica literária formada após 1922, um marco divisor da história literária nacional, ou nos dizeres de Antônio Candido um “momento decisivo” CANDIDO, A., 2000, p.103). Nas últimas décadas ocorreram revisões sobre essa história “escrita pelos modernistas”, por parte de uma bibliografia que procurara compreender este movimento em um contexto mais amplo (MICELI, 1979; VELLOSO, 1993; GOMES, 1993; HARDMAN, 1994; PASSIANI, 2003). Este trabalho dialoga com essa revisão e aborda como uma parcela da produção literária identificada com o movimento modernista se insere no livro didático e como ocorre a sua escolarização. Neste processo tomou-se o modernismo como um dos aspectos da modernização pela qual passava o país e especificamente São Paulo.

Neste processo de modernização encontram-se a expansão da escola pública e do mercado de livros didáticos, e as propostas educacionais dos renovadores ligados aos ideais da Escola Nova, que buscavam, por meio da reforma da escola, reformar a sociedade (NAGLE, 1974, p. 109; CARVALHO, 1998b, p. 141). Esses educadores procuravam implementar as suas propostas com as Reformas Educacionais dos anos 1920 e também pela divulgação das suas concepções, por meio de revistas, jornais e coleções voltadas para o meio educacional. Assim como os modernistas, também estavam envolvidos no debate sobre o país e sua identidade, e nas mudanças necessárias para transformar o país.

Neste aspecto, depara-se com o intenso debate travado entre os renovadores ligados à Escola Nova e o grupo dos Católicos na disputa do campo educacional, que reverberou em vários setores da nossa sociedade durante as décadas de 1920, 1930 e 1940. Os impressos, livros, revistas, entre outros materiais, eram lidos então como instrumentos de disputa, atuando como divulgadores das concepções de cada um desses grupos (CARVALHO, 1993). O livro didático era parte desta estratégia de divulgação das concepções pedagógicas e torna-se fonte e objeto de investigação, levando-se em conta as condições de sua produção; sua

materialidade; os critérios de seleção de conteúdo; e sua relação com as concepções político-pedagógicas. Portanto, consideraram-se os aspectos gráficos do material, e neste sentido a escolha dos livros da Companhia Editora Nacional foi essencial, pois esse material, além de se identificar com a renovação pedagógica, trazia também as marcas da inovação gráfica, como se pode verificar pela atuação de Monteiro Lobato e sua preocupação em garantir uma qualidade gráfica ao material.

Ao se tomar o livro didático como objeto de pesquisa, depara-se com a dificuldade de defini-lo, devido às suas características, sua multiplicidade de uso e funções. De acordo com Choppin, o livro didático teria quatro funções essenciais: a função referencial, na qual o livro é tradução do programa; a função instrumental, em que o livro permite a análise dos métodos de aprendizagem e da concepção de ensino; a função ideológica e cultural, sendo empregado no fortalecimento de valores cívicos e morais, atuando na formação do cidadão sob o controle do Estado; e a função documental, onde o conjunto de documentos desenvolveria o senso crítico (CHOPPIN, 2004, p. 553). Além disso, Choppin lembra que o estudo sobre o livro didático não pode descurar da análise dos aspectos que envolvem a sua produção. Isto implica na atenção para com a materialidade do impresso e também para as intervenções de mediadores que transmutam o texto autoral em um projeto editorial que se apresenta como uma mercadoria.

Nesta pesquisa buscou-se apoio em autores como Chervel (1990) e Bittencourt (2003), que trabalham com a história das disciplinas e têm os livros didáticos como fonte e objeto de pesquisa. Bittencourt, em seu estudo sobre o livro escolar, *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*, de 1993, investiga o papel do livro didático no cotidiano escolar, analisando sua historicidade, as diretrizes governamentais, as relações entre saberes eruditos e saberes escolares e o livro como uma mercadoria. Portanto, ao se pesquisar o livro didático, é necessário levar em conta que este artefato é simultaneamente objeto e produto de mercado, fruto das interseções entre os gestores e legisladores da educação, por um lado, e a cadeia produtiva (autores, editores, ilustradores, gráficas, livrarias), por outro lado. Também é necessário considerar a produção da crítica literária, que, no período estudado, não se encontrava na academia.

O recorte selecionado foi a análise de uma pequena parcela dos livros didáticos de ensino de língua e literatura, produzidos por uma editora de destaque nos anos 1930-1940, a Companhia Editora Nacional (CEN). A CEN foi, sem dúvida, a grande editora do período,

com forte presença no mercado de livros didáticos para o ensino secundário, fundada por um dos mais atuantes intelectuais de então, o escritor Monteiro Lobato. Este consagrado editor e escritor, vale lembrar, era considerado conservador pelo grupo modernista (CHIARELLI, 1995). Outra marca desta editora é que implementou a organização de coleções como estratégia para se enraizar no mercado do livro escolar, sendo a Biblioteca Pedagógica Brasileira (BPB) a de maior destaque. Esta coleção teve por editor Fernando de Azevedo, reconhecidamente um dos pioneiros da Escola Nova, cujo prestígio e lugar ocupado fazia da coleção um instrumento de divulgação da renovação (TOLEDO, 2001, p. 60-61). Para entender o processo de escolarização da literatura dos modernistas no material didático foi necessário observar os dispositivos discursivos presentes no material, como prefácios, textos de propaganda, advertências, notas e dedicatórias.

A inserção dos escritores ligados ao modernismo de 1922 no livro didático desta casa editorial nos aproximou dos estudos de história literária e da história da educação, inserindo a pesquisa no campo da história cultural, mais precisamente na área de história da leitura e do livro. Os autores ligados à história cultural apontam a necessidade de que o historiador do livro e da leitura tem de investigar a produção e a circulação deste material e a sua apropriação pelos leitores, no caso desta pesquisa, os alunos em formação. Como ressalta Chartier:

Contra a representação, elaborada pela própria literatura, do texto ideal, abstrato, estável porque desligado de qualquer materialidade, é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor. (CHARTIER, 1990, p.127).

Os livros selecionados e analisados nesta investigação são: *O nosso idioma*, de Paulo de Freitas; *Programa de Português* e *Programa de Português – Antologia*, ambos de Júlio Nogueira; *Seleção Moderna*, de Othoniel Motta; e *Trechos Seletos – Complemento prático às Lições de Português*, de Sousa da Silveira. Convém sublinhar que todos os livros arrolados integravam a Biblioteca Pedagógica Brasileira. Acrescentem-se, ainda, os livros de Aníbal Bruno, *Língua Portuguesa* e *Língua Portuguesa – Antologia*, pertencentes à coleção Biblioteca Escolar Brasileira, outra coleção também editada pela CEN.

Além da importância intrínseca deste repertório bibliográfico para o desenvolvimento da investigação sobre o processo de incorporação da literatura modernista no livro escolar, devem-se reconhecer os limites desta escolha. Em grande medida, a seleção e consulta das

obras foi obstaculizada em função da reorganização da empresa. Por se tratar de um arquivo privado, as visitas ficaram à mercê da autorização dos proprietários, que em determinado momento vetaram o acesso à documentação, não permitindo uma consulta mais sistemática e tampouco uma seleção distinta.

Com a impossibilidade de se acessar o arquivo, parte do material que seria objeto desta pesquisa, como catálogos, registros contábeis e as diferentes edições de um mesmo livro, ficou bloqueado. Em razão disto, o trabalho que se apresenta concentrou-se na análise dos livros didáticos, com ênfase nos seus aspectos gráficos e na verificação dos excertos e autores selecionados. Procedeu-se a uma investigação de nomes e temas, produzindo diversos quadros que permitiram algumas aproximações entre os programas curriculares e os textos selecionados.

Com base nesses quadros elaborou-se o Apêndice A, no qual são arrolados os escritores presentes nos livros didáticos, procurando-se saber um pouco mais sobre as atividades e as instâncias culturais e políticas que os legitimavam. O Apêndice B contém os quadros com autores e excertos presentes em cada obra analisada. No Apêndice C são reproduzidas imagens nas quais se destacam as marcas da editora e o seu cuidado com os aspectos gráficos.

Na medida em que se tomou contato com a bibliografia e com o *corpus* documental, novas questões se apresentaram. Verificou-se que no tocante ao ensino de língua e literatura são utilizados textos de natureza e gênero diversos, portadores de virtudes e exemplos de conduta, cujo emprego no contexto pedagógico parecia reiterar certa missão de moldar o aluno, inculcando e fortalecendo certos valores (LAJOLO, 1982).

Outro ponto observado na pesquisa refere-se às características do período de produção dos livros didáticos a serem analisados. A política governamental naqueles anos era de forte intervenção no campo cultural e educacional, tendo o patriotismo e o nacionalismo como marcas. Naquele contexto, a educação foi peça-chave para formar o *homem novo*. Nota-se neste momento o envolvimento dos intelectuais das mais diversas tendências nas políticas públicas, sobretudo por meio da atuação dos mesmos no Ministério de Educação e Cultura (GOMES, 1993). Essa relação entre Estado e intelectuais, na qual estes últimos foram vistos como agentes de transformação que acreditavam num Estado forte, capaz de fazer as mudanças necessárias para se construir a nação, marca a seleção de excertos e de autores para comporem o livro didático e auxiliarem na conformação de um cânone literário escolar.

De acordo com o repertório bibliográfico examinado, a presença de citações e excertos dos autores modernistas que aparecem mencionados no material didático analisado data de 1940. Conforme se procurou indicar, é possível desvendar que muito longe de ser incorporada como um monólito, apenas uma linhagem destes autores modernistas se fará presente. Entre eles figuram os escritores que se alinharam em torno do Grupo Verde-Amarelo, identificados como um agrupamento estético e político simpático às diretrizes do pensamento autoritário e mais próximos dos preceitos da política educacional e cultural do Governo Vargas.

O trabalho se organiza em três capítulos. O Capítulo 1 apresenta um painel sobre o processo de modernização pelo qual passava o país. Enfatiza o impacto da modernização nos aspectos gráficos e editoriais, o debate educacional entre renovadores e católicos e o uso dos impressos como estratégias de ação desses grupos e como esses fatores incidiram sobre a feitura do material didático. Isto implicou na tentativa de compreender as tensões e afinidades no cenário educacional daqueles anos e como os impressos, livros e revistas atuaram na divulgação de novos modelos, argumentos e procedimentos.

No Capítulo 2 discute-se a escola como espaço de formação do leitor, salientando que esta procura trabalhar com textos exemplares. Constatou-se que os excertos utilizados deveriam ser exemplos da boa escrita e trazer valores morais. Foram analisados os programas curriculares de 1931 e 1942, com as suas instruções sobre o ensino de língua e literatura, e a intencionalidade dos grupos governantes.

Na análise dos programas, verificou-se a forte presença de um ensino marcado pelo patriotismo, que embora não tenha sido exclusivo, foi uma das características do período Vargas (VIEIRA, 2008). Neste período, nota-se a inserção dos renovadores educacionais e dos escritores modernistas nos órgãos vinculados à educação e à cultura no Governo de Getúlio Vargas, sobretudo no Ministério da Educação, cuja relação já foi bastante analisada e tematizada por historiadores e sociólogos.

No Capítulo 3 são apresentados os autores presentes no material publicado pela Companhia Editora Nacional. Aqui, uma longa lista permite inferir que o conjunto de textos e autores selecionados e antologizados nos livros didáticos parecem traduzir uma dupla exigência. Por um lado, sua seleção reiterava os critérios literários do que era concebido como a “boa literatura” preconizada pelo Programa de Ensino vigente, e por outro lado, atendiam o imperativo da literatura como instrumento que auxiliava a formação do cidadão.

Entre os autores pesquisados verificou-se a forte presença de escritores que, para além de uma definição estilística, no que se refere à sucessão de escolas literárias, expunham temáticas de tom nacionalista decorrente de uma leitura genealógica do passado, como também da valorização das experimentações “regionalistas”, cuja soma contribuiria para reforçar a representação da Nação. A investigação da inserção dos autores modernistas elencados nos livros da Companhia Editora Nacional revela uma profunda sintonia com as diretrizes governamentais para a educação, como também as citações parecem reforçar laços de amizade e convivialidade entre os autores dos livros e os autores dos textos.

1. LIVRO DIDÁTICO, MODERNIZAÇÃO E MODERNISMO

– Como eram as edições naquele tempo?

– Havia umas tantas galinhas velhas – Garnier, Alves Briguiet – que de vez em quando botavam um livro. Uma edição de mil exemplares durava a vida inteira. Tudo feito ao molde português, tal qual português também copiava o francês. Nós mudamos tudo. Arranjamos desenhistas para substituir as monótonas “capas tipográficas” pela capas desenhadas – moda que pegou e ainda perdura. Os balcões das livrarias encheram-se com livros de capas berrantes, vivamente coloridas, em contraste com a monotonia das capas amarelas das brochuras francesas.

– E os autores?

– Ah, fui um editor revolucionário. Abri as portas aos novos. Era uma grande recomendação a chegada dum autor totalmente desconhecido – eu lhe examinava a obra com mais interesse. Nosso gosto era lançar nomes novos, exatamente o contrário dos velhos editores que só queriam saber de “consagrados”.

(Monteiro Lobato. “Lobato, editor revolucionário” (Entrevista dada a *Leitura*). *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1958, p.267.

As décadas iniciais do século XX foram marcadas por momentos de grandes conflitos e mudanças na sociedade brasileira: industrialização, urbanização, modernização e um intenso debate sobre o país. Na cidade de São Paulo, essas transformações foram vertiginosas e o processo de metropolização ocorreu de forma intensa, com aumento populacional, grande fluxo imigratório e alterações na paisagem urbana, gerando uma série de problemas: a ocupação desordenada do território, marcada pela especulação imobiliária; o surgimento dos bairros operários, formados por um grande número de imigrantes das mais diversas nacionalidades, que ocupavam os terrenos desvalorizados das várzeas; e as péssimas condições de trabalho encontradas nas fábricas.

Essa massa de trabalhadores imigrantes, juntamente com negros, mulatos e caipiras, criava um clima de tensão na cidade, com seus hábitos, suas reivindicações, seus dialetos, colocando em risco a ordem vigente, tornando o espaço urbano um local de tensões entre a elite e os trabalhadores. Neste período observou-se o crescimento do movimento operário e a greve de 1917 paralisou a cidade de São Paulo. A associação dos movimentos operários com os imigrantes deu vazão à idéia de um “perigo estrangeiro” e o seu reverso a questão do nacionalismo, a idéia de que era necessário se “abrasileirar” e “homogeneizar” essa população. A cidade que se modernizava, que passava por um processo de transformações técnicas e materiais, com novos traçados e novos hábitos urbanos, com cinemas, teatros, saraus; cidade orgulho da elite paulistana. Essa parcela da população, que não se encaixava no ideal da elite paulistana passou a ser alvo de controle e disciplinamento pelo Poder Público, que procura dissipar os conflitos presentes na cidade, organizando e legislando o espaço urbano em favor das elites dirigentes.

Em São Paulo, esses conflitos provocaram o debate sobre onde e como intervir para garantir a ordem. A imprensa passou a debater os problemas da cidade e do país, os grupos governantes e a oposição passaram a identificar uma série de mazelas que atravancavam o desenvolvimento nacional e a propor alterações que pudessem levar o país ao progresso, colocando o estado de São Paulo como protagonista deste processo (CAPELATO, 1989).

Surgem discussões sobre como “sanear o País”, “formar o povo”, “civilizar” e colocar o Brasil no caminho da “ordem e do progresso” ou do “progresso dentro da ordem”. Intelectuais, políticos, militares e trabalhadores passam a debater e a propor mudanças e reformas para a sociedade, cada grupo procurando garantir formas de participação nas

decisões sobre os rumos do país. Esses conflitos diziam respeito a como organizar a cidade, como controlar as tensões geradas por essa nova situação. Os governantes reagem, procurando caminhos para garantir a ordem. Um dos caminhos apontados foi a necessidade de educar a população – algo visto, desde então, como chave para solucionar os problemas nacionais.

Em 1920 ocorreu, em São Paulo, a reforma educacional de Sampaio Dória, que modificou a escola primária, reduzindo para dois anos, com o objetivo de ampliar o atendimento e combater o analfabetismo, pois desta forma acolheria um número maior de crianças. Com essa reforma inicia-se uma série de modificações e intervenções no ensino público paulista que se estende ao longo do período de 1920-1930 (NERY, 1999). A temática educacional passa a ser debatida intensamente. Inicia-se o que Nagle (1976) denomina “entusiasmo pela educação”. Conforme este autor, na década de 1920, passou-se a acreditar que com a expansão das instituições escolares e a incorporação de grandes camadas da população, o país entraria no “caminho do progresso” e que as novas formulações sobre a educação (como escolanovismo), permitiriam a reforma do homem e da sociedade. Marta Carvalho (1998b), em seu estudo sobre a Associação Brasileira de Educação, também assinala essa característica, que faz da educação uma das chaves para viabilizar o progresso do país.

O futuro é insistentemente aludido como dependente de uma política educacional: futuro de glórias ou de pesadelos, na dependência da ação condutora de uma “elite” que direcione, pela educação, a transformação do país. Na oposição construída por imagens de um país presente condenado e lastimado e de um país futuro desejado, país de prosperidade, é que se constitui a importância da educação como espécie de chave mágica que viabilizaria a passagem do pesadelo para o sonho. (CARVALHO, 1998b, p. 141).

No momento em que o país está sendo rediscutido e o velho sistema oligárquico parece não dar mais conta da nova realidade e dos novos personagens que surgem com a crescente urbanização e industrialização da cidade. A elite política de São Paulo, organizada no Partido Republicano Paulista, passa a se desentender e em 1926 ocorre a fundação do Partido Democrático, fratura desta oligarquia, que, descontente com os rumos tomados, se coloca como oposição ao governo, defendendo em suas propostas a reforma das práticas políticas dos governantes, sem, no entanto, alterar as bases da sociedade brasileira (PRADO, 1986, p. 172-174).

Esses grupos se organizavam por meio de partidos e jornais que fomentavam o debate sobre o país. No caso de São Paulo, os dois principais jornais eram o *Correio Paulistano*,

órgão do Partido Republicano Paulista e *O Estado de São Paulo*, que se firmou como órgão de oposição ao governo, mas mantendo uma posição independente de partidos. Esses jornais agregavam um grande número de intelectuais e jornalistas, ligados aos partidos que propunham mudanças e renovações no país em todas as áreas, na política, nas artes e na educação.

As mudanças e os debates sobre as transformações na educação e na escola refletiam esta cisão. Era necessário ampliar e atender, mesmo que aos poucos e de forma desigual outras camadas da população que se formavam nas cidades, era necessário, em suma, ampliar a educação escolar. Nos anos 1920 surgem a Sociedade de Educação de São Paulo, fundada em 1922, que tinha entre seus membros Fernando de Azevedo, Sampaio Dória e Lourenço Filho; e a Associação Brasileira de Educadores (ABE), criada em 1924, formada por educadores ligados às idéias de renovação do ensino, entre os quais Heitor Lira, Delgado de Carvalho, Antonio Carneiro Leão, Venâncio Filho e Edgar Sússekind de Mendonça. Por meio de suas revistas e de seus membros, essas entidades criaram um campo de debate das idéias educacionais. A Sociedade de Educação atuou em São Paulo de 1922 até 1932, ocorrendo um período de suspensão de atividades entre 1924-1927. Por meio da publicação de suas revistas e conferências, essa sociedade leva a público os debates educacionais que ora ocorriam (NERY, 1999).

Alguns desses educadores, conhecidos como renovadores, atuaram na década de 1920 nas reformas estaduais e nas décadas de 1930 e 1940 em órgãos governamentais como ministérios e comissões educacionais e também no mercado editorial, destacando-se entre eles Lourenço Filho, organizador da Coleção Biblioteca de Educação, para a editora Companhia Melhoramentos, e Fernando de Azevedo, organizador da Biblioteca Pedagógica Brasileira, para a Companhia Editora Nacional, a primeira iniciada em 1927 e a segunda em 1931.

Lideradas por educadores como Sampaio Dória, em São Paulo, 1920; Lourenço Filho no Ceará, 1922/23; Francisco Campos, em Minas Gerais, 1927/28; Carneiro Leão, em Pernambuco, 1928; e Fernando de Azevedo no Distrito Federal, também em 1928, as reformas educacionais da década de 1920 identificavam-se com o novo e com o moderno no campo educacional. Esses educadores, signatários do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, assinado em 1932, passam a ser conhecidos como pioneiros. São eles: Antonio Sampaio Dória, Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Mario Casasanta, Afrânio Peixoto,

Lourenço Filho, Delgado de Carvalho, Venâncio Filho, Edgar Süsskind de Mendonça, Cecília Meirelles, entre outros.

Esses educadores, ligados aos ideais da Escola Nova, estavam integrados no processo de modernização por que passavam o país e a cidade de São Paulo. Propunham mudanças, para ampliar o público da escola pública, procurando intervir na sua estrutura e na prática pedagógica dos professores. Por meio das reformas, buscavam mudar o espaço escolar e por meio dele reformar a sociedade, passando a escola a ser vista como um instrumento do progresso e do civismo.

Ao analisar essas reformas, Cecília Hanna Mate faz considerações importantes sobre o seu papel em relação à modernização do espaço escolar e a sua intencionalidade:

Os subsídios teóricos e práticos dessas experiências passam a significar *modernizações* pedagógicas cujas dimensões políticas relacionavam-se à reorganização de poderes e concepções de escola, bem como de professor/aluno. Ou seja, a despeito de diferentes idéias, modos de viver, sentir e educar presentes naquele contexto, ou até por isso mesmo, os *reformadores* defendiam um projeto homogenizador de escola que, com idas e vindas, se fortalecia contemplando um conjunto de pressupostos políticos e excluindo outros. Assim, mais do que uma política nacional de educação adotada a partir de 30, tratava-se de um projeto de reforma cultural já em curso, através do qual a escola seria o lugar privilegiado para a pretendida padronização dos costumes. (MATE, 2002, p. 23).

Cabe ressaltar que essa modernização do espaço escolar trazia consigo uma série de contradições. Apesar da memória construída pelos renovadores, segundo a qual essas reformas estariam muito à frente do seu tempo e que seriam um bem em si, estudos recentes vêm demonstrando que os pioneiros construíram a sua própria memória, de modo a valorizar suas ações e apagar os conflitos e as idiossincrasias. Toda essa modernização estava ligada a um processo de racionalização e de reforma cultural, que buscava formar o homem novo e se concretiza a partir dos anos 1930.

Esse processo de reforma cultural debatido nos anos 1920 irá influir na estruturação do sistema educacional no decênio seguinte, com a centralização do ensino, a ênfase no ensino secundário e superior e a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, em 1930. Ocorre nesse período a incorporação de vários educadores ao governo, tanto ligados à Escola Nova quanto ao grupo de educadores católicos. Nesse processo de reforma cultural os

impressos tais como revistas pedagógicas, livros destinados à formação do professor e livros didáticos, teriam o papel de dar continuidade à propagação dos ideais renovadores¹.

1.1. COMPANHIA EDITORA NACIONAL: LIVROS DIDÁTICOS, MODERNIZAÇÃO GRÁFICA E PEDAGÓGICA

Nos anos 1920, a educação como objeto de interesse passa a fomentar o surgimento de revistas, inquéritos, congressos e associações. O debate educacional apresenta a educação como elemento articulador das reformas política, social e moral da sociedade brasileira, colocando-a como um tema que estaria acima das questões políticas e ideológicas, permitindo, assim, a adesão de grupos dos mais diversos matizes ideológicos. Esse debate ampliou o interesse pelo tema e favoreceu o mercado de livros educacionais e escolares, impulsionando as editoras a investir neste segmento.

A consideração da educação como uma das vias para modernização do país fazia parte do reconhecimento do fracasso da República e da crise moral pela qual passava o Brasil. Era necessário combater as “enfermidades da nação”, a corrupção, as fraudes eleitorais e o analfabetismo generalizado. Naquele momento ocorre a fundação da Liga de Defesa Nacional (1916), proposta por Olavo Bilac, e a proliferação das ligas nacionalistas nos estados, que passam a fomentar o debate cívico-patriótico, sendo a questão educacional, neste debate, um ponto central para o desenvolvimento do país. Portanto, publicar livros voltados para a temática educacional era intervir na política do país, era se posicionar em favor da cultura e do progresso da sociedade. Tal posição está presente no editor Monteiro Lobato, que também era membro da liga nacionalista de São Paulo, como atesta o artigo *Guerra ao Livro*, no qual este critica a política de taxaço do papel, implementada pelo governo de Artur Bernardes (1922-1926).

A cultura se faz por meio do livro. O livro se faz com papel. Carregar de taxas o papel é asfixiar o livro, é matar a cultura. Pois no seu projeto de reforma o legislador parece que não visou outra coisa. (LOBATO, 1946, p. 165).

A escolha da **Companhia Editora Nacional - CEN** como objeto de análise deve-se à sua incontestável importância no mercado editorial brasileiro. Sua origem está na Editora Monteiro Lobato & Cia, que foi à falência em 1924 e ressurgiu no ano seguinte como

¹ CARVALHO, Marta (1993, 1996, 1998 a) em seus estudos aborda a importância do impresso para a difusão do ideário da Escola Nova no Brasil.

Companhia Editora Nacional, de propriedade de Monteiro Lobato e Octalles Marcondes². De acordo com Hallewell (1985) a Companhia Editora Nacional, era nos anos 1930, a principal editora de livros didáticos voltados para o ensino secundário, a importância desta modalidade de publicação era fundamental para os negócios da editora. Outro aspecto é a posição dos editores de que publicar livros era intervir na política do país, como atesta a conhecida frase de Lobato “Um país se faz com homens e livros”. Segundo Hallewell, (1985), o desenvolvimento da indústria gráfica em São Paulo estava intimamente articulado ao processo de expansão escolar promovido pelos governos republicanos e acabou também por constituir uma importante e garantida fonte de renda para as editoras.

Os livros didáticos proporcionam uma linha de vendas segura e permanente; dão também ao editor nacional uma vantagem sobre competidores estrangeiros, cujos produtos jamais podem adaptar-se tão bem aos currículos locais. (HALLEWELL, 1985, p. 207).

De acordo com esse autor, ter livros didáticos em seus catálogos era de grande importância para a sobrevivência das editoras. Márcia Razzini, em sua pesquisa sobre as editoras Francisco Alves, Tipografia Siqueira e Editora Melhoramentos, também reafirma a importância da expansão escolar para o mercado editorial³. Na CEN, essa importância fica clara nos anos iniciais da empresa, quando procura se estruturar e se consolidar no mercado. Como assinala Beda,

Para solucionar o primeiro problema - a questão de obras a serem editadas, Octalles voltou-se preferencialmente, para obras de domínio público; depois, para obras didáticas de saída garantida... (BEDA, 1987, p. 216).

A importância da CEN se liga também ao papel de Lobato⁴ como intelectual e editor. Nas primeiras décadas do século XX, Lobato era um autor de prestígio, que articulava uma série de escritores, políticos e jornalistas em torno da *Revista do Brasil*, publicação criada em 1916 por Júlio de Mesquita, dono do jornal *O Estado de São Paulo*, já naquele momento um dos principais jornais do país. Lobato, que era colaborador de *O Estado de São Paulo*, adquiriu a *Revista* em 1918, passando a ser editor. A sua atuação na *Revista do Brasil* permitiu uma articulação com vários setores da elite governante e intelectual do país, o que

² Para a compreensão deste capítulo da história editorial ver BEDA, 1987.

³ Márcia Razzini em seu estudo sobre a Editora Francisco Alves indica que a expansão escolar foi um elemento fundamental para a decisão desta editora de abrir uma filial em São Paulo (RAZZINI, 2007).

⁴ Sobre Lobato editor ver: AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETA, 1998; LUCA, 1999; LAJOLO, 2000; e KOSHIYAMA, 2003.

favoreceu a sua posterior atuação no campo editorial. Sua atitude era de intervir no debate, fosse ele literário, artístico ou educacional. Lobato, no seu papel de editor, inovou as práticas editoriais, desde a distribuição do livro até a sua apresentação e forma gráfica.

Uma das medidas de Lobato foi garantir o maior número de pontos de venda para o seu produto: o livro. Assim, fez contato com bancas de jornais, farmácias, armazéns, pontos comerciais e outros locais onde o livro poderia ser vendido, em um sistema de consignação. Caso o produto não vendesse, o dono do estabelecimento devolveria a mercadoria, sem prejuízo algum. Isso elevou substancialmente os pontos de venda. O sucesso editorial das publicações organizadas por Lobato, que publicava com o selo *Revista do Brasil*, levou à fundação da Monteiro Lobato & Cia, em 1920, que em 1924 passou a denominar-se Companhia Gráfica-Editora Monteiro Lobato, tendo como sócio Octalles Marcondes, que torna-se seu braço direito nos negócios; e em 1925 à fundação da Companhia Editora Nacional.

Outro ponto que merece destaque foi a preocupação de Lobato com a inovação gráfica de suas publicações ou das publicações da editora, com aquisição de novos equipamentos, como pode ser constatado na correspondência com seu amigo Godofredo Rangel, em 1919:

O negócio vai crescendo de tal modo que já estamos montando oficinas próprias, especializadas na fatura de livros. Talvez o número de março já seja feito em casa. Também iniciamos a importação de papel. Ontem chegou de Santos uma partida de 40 toneladas. (LOBATO, 1961, p. 189-190).

Além disso, o editor Lobato se cercou de artistas gráficos, modificou o formato dos livros, cujas capas eram predominantemente em papel amarelo constando somente os caracteres tipográficos com o título e o nome do autor. Lobato transforma a apresentação do livro, suas capas passam a ser elaboradas por artistas como Belmonte, Antonio Paim, Wash Rodrigues, J. Prado, Ferrignac e Di Cavalcanti (HALLEWELL, 1985, p. 251-252). Preocupou-se com a qualidade do papel, modificou o formato padrão francês de 12x19 cm para um formato menor, de 16,5 x 12,0 cm.

Desde a sua atuação na *Revista do Brasil*, Lobato publicou obras de autores ligados à renovação literária e pedagógica, como Oswald de Andrade, Sampaio Dória, Antonio

Carneiro Leão e Lourenço Filho, colaboradores da Revista⁵. Sua editora publicou também textos de vários escritores modernistas, que anteriormente difundiam suas próprias obras pagando de seu bolso as edições. O trabalho de Nery (1999, p. 51), informa que Lobato foi editor da *Revista da Sociedade de Educação de São Paulo* entre agosto de 1923 e dezembro de 1924, ou seja, Lobato acompanhava o debate educacional e tinha relações com esses educadores, cujos textos foram posteriormente editados pela CEN.

Mas o sucesso editorial da Companhia Gráfica-Editora Monteiro Lobato foi freado por problemas econômicos decorrentes: da Revolução dos Tenentes de 1924, que paralisou a cidade de São Paulo; do endividamento resultante da compra de máquinas tipográficas para montagem do parque gráfico; do racionamento de energia provocado pela falta de chuvas no ano de 1924; e da mudança na política econômica de Artur Bernardes. Todos esses fatores acabaram por provocar a falência da empresa.

No entanto, em 1925, Lobato e Octalles Marcondes aparecem com uma nova casa editorial: a Companhia Editora Nacional. Uma das primeiras medidas à frente da empresa foi recuperar o acervo da antiga editora. Com relação à sua direção, Octalles Marcondes tomou a frente do negócio e Lobato manteve-se sócio, mas afastou-se das decisões da empresa, e em 1927 torna-se adido comercial nos Estados Unidos, nomeado por Washington Luís, vendendo a sua parte das ações na editora, em 1930. Contudo, ele permaneceu atuando como tradutor, escritor e colaborador das publicações da casa até meados dos anos 1940.

Entre os anos de 1920 e 1930, Lobato publicou as seguintes obras dos autores modernistas: de Menotti Del Pichia: *O homem e a morte* (1922), *A mulher que pecou* (1922), *Dente de Ouro* (1923), *O nariz de Cleópatra* (1923), *Juca Mulato* (1923, 4ª ed.), *O crime daquela noite* (1924), *Angústia de D. João* (1925) pela Editora Monteiro Lobato. Pela CEN reeditou *A mulher que pecou* (1927), *Juca Mulato* (1927, 16ª ed.), *O homem e a Morte* (1929), *A tragédia de Zilda* (1927), *A filha do Inca* (1933) e publicou *Os amores de Dulcinéia* e *As máscaras in Os mais belos poemas de amor*, *A crise da democracia* (1931) e *A Revolução Paulista* (1932). Com Alfredo Ellis publicou *O tesouro de Cavendish* (1928); de Plínio Salgado, *O esperado* (1931); de Graça Aranha, *Espírito Moderno* (1925 pela editora Monteiro Lobato e em 1932 pela CEN); de Oswald de Andrade *Trilogia do exílio* (1922 pela editora Monteiro Lobato e 1934 pela CEN); de Ronald de Carvalho, *Itinerário* (1935); de Cassiano

⁵ Tânia de Luca traz uma listagem dos autores que colaboraram na Revista do Brasil, desde educadores, médicos e escritores (LUCA, 1999, p. 54).

Ricardo, *Canções da minha ternura in Os mais belos poemas de amor* (CEN, 1930), *Martim Cererê* (1936, 5ª ed.); e de Guilherme de Almeida, *Nós* (1927, CEN), *Era uma vez* (1927) e *A dança das Horas* (1928) *in Os mais belos poemas de amor*.

Entre os livros didáticos publicou: Eduardo Carlos Pereira: *Gramática Expositiva e Gramática Histórica*; Othoniel Motta: *Lições de Português, Seleta Moderna, Chave da Língua, O meu idioma*; Sampaio Dória: *Como se aprende a língua, Educação e Psicologia*; Tales de Andrade; *Ler brincando*; Paulo de Freitas: *O nosso Idioma*; Artur de Almeida Torres: *Compêndio de Língua Portuguesa*; Antenor Nascentes: *O Idioma Nacional*; Maria Junqueira Schmidt: *Mon Petit Univers, Heures joyeuses, La France*; Jacomo Stávale: *Primeiro Ano de Matemática, Segundo Ano de Matemática, Terceiro Ano de Matemática, Quarto Ano de Matemática, Quinto Ano de Matemática*; Edgar Sússekkind de Mendonça: *Curso de Desenho*; Francisco Venâncio Filho: *Ciências Físicas e Naturais*; Aroldo de Azevedo: *Geografia Humana e Geografia*; Renato Jardim: *Geografia Ginásial*; Delgado de Carvalho: *Geografia Humana*; Leonardo Pinto: *Conjugações, Locuções adverbiais francesas, Conjugação dos verbos, Collocação dos pronomes*; Almeida Junior: *Cartilha de Hygiene e Elementos de Anatomia e Fisiologias Humanas*, livros presentes na Biblioteca Pedagógica Brasileira.

Como relata Beda (1987, p. 213-235), os sete anos iniciais da CEN foram críticos, de paulatina consolidação, quando Octalles Marcondes provou a sua habilidade para os negócios. Suas primeiras medidas foram readquirir o acervo da antiga editora e garantir para seus produtos uma qualidade de impressão, o que levou Octalles a investir na edição de livros com rápido retorno comercial.

Uma das marcas de Lobato e da CEN era a concepção de que publicar livros significava intervir na política nacional, no entanto, tal concepção não implicava a desatenção ao livro enquanto produto de mercado que era necessário garantir a sobrevivência da empresa. Esses dois componentes foram as marcas da CEN. A casa editorial nunca se esqueceu de que era uma empresa e se caracterizava pela inovação, além da incorporação de autores de prestígio, atuante no cenário político nacional.

Desta forma, pode-se dizer que a CEN é representativa, pois, no material pesquisado, percebe-se que esta casa editorial procurava inovar e modernizar a indústria do livro por meio de uma série de transformações gráficas. Lobato, um dos seus fundadores, insistiu na correspondência com seu amigo Godofredo Rangel, em frisar que o livro é um produto que deve ser consumido e colocado como tal para o leitor; quem trabalha com livros necessita

considerar o mercado, como anotou em pelo menos dois momentos, em carta de 1919 e, posteriormente, em 1924.

Recebi *Vida Ociosa*. Parece-me aconselhável trocar a simples enumeração dos capítulos, coisa anticomercial, pela denominação dos capítulos, coisa comercialíssima. Acho horripelmente árido um romance de capítulos numerados. E é fértil o em que cada capítulo tem um titulozinho tentador. Como faz Mestre Machado. O do Léo Vaz também é assim. Tudo que nos livros predispõe bem o público leitor e comprador é agradável a Deus. (LOBATO, 1961, 10ª edição, p. 189).

Teu livro está impresso e dobrado. Se demora, é porque a proximidade da abertura das aulas põe a mercadoria didática a frente de tudo mais. Só cuidamos agora de cartilhas, gramáticas, aritméticas – todos os instrumentos de torturar crianças. (LOBATO, 1961, 10ª edição, p. 189 e p. 263).

Nas duas considerações, percebe-se a preocupação de Lobato como editor, ao indicar as mudanças para tornar o produto mais palatável e, portanto, mais comercial e a necessidade de priorizar o material didático, importante fonte de renda da editora.

A editora passou então a organizar o seu material e as suas publicações, utilizando o acervo da editora, e a estabelecer coleções e séries. Em 1931 começa a ser publicada a coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira⁶, organizada por Fernando de Azevedo, estando os livros didáticos analisados nesta pesquisa incluídos nessa coleção. A idéia básica das coleções era garantir, por meio de um editor de renome, de um projeto gráfico inovador e de uma boa seleção de textos, uma identidade editorial, uma marca. Assim, era extremamente importante a escolha do editor para dirigir e dar forma à coleção. O editor iria administrar as coleções, selecionar textos e autores e assegurar a qualidade do material escolhido, colocando o seu prestígio a serviço do reconhecimento da coleção, conferindo legitimidade à seleção e garantindo a qualidade do material como um todo ao público consumidor.

O projeto das coleções auxiliou na organização do material da editora e orientou o leitor. A escolha de Fernando de Azevedo como editor da Biblioteca Pedagógica Brasileira – (BPB) demonstra a preocupação com as propostas de renovação pedagógica de então, e a legitimidade deste no campo educacional, pois Fernando Azevedo era reconhecido como o educador que fez a reforma educacional do distrito federal e que orientou o inquérito sobre a educação promovido pelo jornal o Estado de São Paulo. A escolha de Fernando de Azevedo conferiu autoridade na seleção dos títulos e dos autores, e possivelmente aumentou a

⁶ Conforme Toledo (2001), a Biblioteca Pedagógica Brasileira, organizada por Fernando de Azevedo, tinha por objetivo divulgar as novas concepções pedagógicas; a coleção era formada por 5 séries, sendo uma de livros didáticos.

receptividade do material junto ao público consumidor. Desta forma, a escolha do editor implicava tanto a sua capacidade de selecionar, organizar e garantir a identidade da coleção, quanto ser um nome reconhecido na área de atuação. Para o público leitor o editor sinalizava o que este possivelmente iria encontrar.

A ação do editor passou a ser também de exercício de poder, principalmente em uma editora conceituada como a Nacional. Ao definir o que se publicava, o editor mobilizava seus conhecimentos para a seleção do material, articulava projetos e pessoas, determinando o que era fundamental para o conhecimento da área.

Com a projeção que a própria editora adquire, com seu sucesso comercial e com seu renome de formadora da cultura, transforma seus postos de direção de coleção em lugares de prestígio intelectual. A direção de coleções torna-se importante lugar de poder para seu organizador que por meio do projeto difundido na coleção interfere no universo de publicação de obras, autores, títulos, impondo de certo modo, suas representações sobre o que é fundamental para a cultura e o leitor, prescrevendo temas, abordagens, problemas etc. que imagina serem fundamentais para a sociedade a que pertence. (TOLEDO, 2001, p. 56).

Portanto, ter um espaço de decisão e influência sobre o que ia ser publicado e quais autores seriam publicados foi importante na determinação dos rumos do debate educacional. A publicação de determinados textos procurava formar os leitores dentro de determinada concepção pedagógica, sendo essenciais na disputa da política educacional.

O período coberto pela pesquisa (1930-1946) abrange toda a gestão de Fernando de Azevedo como editor da CEN e coincide com o primeiro período Vargas (1930-1945), marcado por relações complexas entre intelectuais e Estado⁷. Durante o Governo Vargas houve um rearranjo de forças. Vários intelectuais, entre eles muitos modernistas e renovadores, passaram a colaborar com o governo, principalmente nas áreas de educação e cultura, com a intenção de se construir um novo homem e um novo Brasil.

Se no início da década de 1920 havia um consenso de que a educação era uma das chaves para a reforma da sociedade brasileira, no final da década houve um acirramento entre o grupo dos católicos e o dos renovadores sobre a determinação dos rumos da educação.

Os católicos, por intermédio do Centro D. Vidal, fundado em 1922, se organizaram para fomentar a resistência ao liberalismo proposto pelos pioneiros, procurando influenciar as decisões governamentais relacionadas ao ensino, numa luta pelo espaço educacional. A

⁷ Sobre os intelectuais e sua ação no Governo Vargas ver MICELI, 2001 e SCHWARTZMAN; COSTA; BOMENY, 2000.

militância dos católicos ocorreu também no campo literário, com a forte presença de Alceu Amoroso Lima, um dos principais críticos literários do período, convertido ao catolicismo em 1928⁸ e dirigente do Centro D.Vidal, naquele ano. Os católicos, desde a década de 1920, se posicionaram contra o liberalismo, o ensino laico e o que eles denominavam “materialismo”, que levaria o país à desordem. Por meio da revista *A ordem*, inicialmente combateram as medidas do Governo Vargas, mas no final de 1930 passaram a defender o novo regime e se posicionaram na defesa de uma sociedade cristã, ressaltando o papel essencial da religião para a educação. Em 1931, foram favorecidos pelo governo com um decreto que permitia o ensino religioso nas escolas públicas. Naquele período, os católicos se lançaram numa ofensiva para garantir espaços no governo, principalmente nos órgãos ligados à educação.

Desde 1934, durante a gestão de Gustavo Capanema no Ministério da Educação, educadores ligados ao movimento da Escola Nova passaram a trabalhar para o governo, como Lourenço Filho, no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Pedagógicas - INEP; Jonathas Serrano e Delgado de Carvalho, membros do Conselho Nacional de Educação; e Carneiro Leão, da Comissão Nacional do Livro Didático, sendo esses três últimos autores com títulos publicados pela CEN⁹. Tais educadores viam a possibilidade de trabalhar no governo como uma oportunidade de legitimar, intervir, colocar suas idéias em ação e garantir um projeto de educação para o país.

Naquele momento, participar das comissões governamentais, dos debates mediante a produção em jornais, revistas e livros, didáticos ou não, continuou sendo uma estratégia de luta para correntes opostas. A apresentação e conteúdo de cada obra a situava dentro do campo educacional e a atuação editorial era vista como estratégia na disputa por esse campo.

O embate doutrinário no campo pedagógico foi, para esses grupos, estrategicamente fundamental na luta pelo controle do aparelho escolar na primeira metade da década de trinta, até, pelo menos, a decretação do Estado Novo, em 1937. Nela, a questão principal era normativizar e orientar as práticas do professor, promovendo uma mudança de mentalidade capaz de fazer da escola um instrumento eficaz de “organização nacional através da organização da cultura” tal como diferencialmente postulavam os dois grupos em confronto. Nessa luta, o impresso desempenhara um papel fundamental. Na forma de livro de estudo para a Escola Normal, de livro de

⁸ Sobre Alceu Amoroso Lima e o catolicismo, ver LAFETÁ, 2000, p 57-103.

⁹ Antonio Carneiro Leão tem publicado pela CEN *Introdução à administração escolar*, 1939. Delgado de Carvalho, *Geografia Humana*, na coleção BPB, Série Livros Didáticos, 1938. Jonathas Serrano, *Farias Brito – O homem e a obra*, BPB, Série Brasileira, 1939.

formação integrante de uma Biblioteca Pedagógica, de artigo de revista dirigida ao professor, de instrução regulamentar endereçada às escolas, de artigo de polêmica em jornal de grande circulação etc., o impresso será utilizado como dispositivo de regulação e modelagem do discurso e da prática pedagógica do professorado. (CARVALHO, 1996, p. 61).

Nessa disputa, a qualidade e a apresentação do impresso, no caso o livro didático, iria receber muitos cuidados, com uma preocupação não só em relação ao seu conteúdo (que estava determinado pela legislação do período), mas também em relação à forma. Ou seja, as modificações e os avanços técnicos alterariam a apresentação do material, a qualidade do papel, a diagramação, a organização das notas e dos índices, a utilização de gravuras, a paginação e a diversificação das fontes. O objetivo era tornar a leitura e o ensino menos enfadonhos. Portanto, os recursos gráficos e materiais também entravam na disputa¹⁰.

1.2. AS INOVAÇÕES GRÁFICAS E OS LIVROS DIDÁTICOS

Quando se observam os livros da CEN, verifica-se que existe uma preocupação com a qualidade do impresso. O material sempre traz referência ao local da impressão e a editora coloca-se como uma casa editorial que produz impressões de qualidade, seja para livros de ficção ou didáticos. A editora legitima-se não somente pelos autores publicados, mas também pela qualidade do livro como peça gráfica, indicando que não basta ter um bom texto: é necessário ter uma boa apresentação, com qualidade de encadernação, de papel e de recursos de impressão. Essa preocupação com a qualidade do impresso é ressaltada na correspondência de Lobato com seu amigo Godofredo Rangel, na qual este comenta sobre as novas máquinas adquiridas pela editora e instalação de um parque gráfico moderno, capaz de garantir a qualidade do material.

Estamos em pleno *fervet opus* de reinstalação no novo prédio da rua Brigadeiro Machado, no Braz. Cinco mil metros quadrados de área coberta, tudo cheio de maquinas; entre elas, novidades: os primeiros monotipos entrados em S.Paulo. O linotipo compõe linhas inteiras; o monotipo funde tipo por tipo. Maravilha. (LOBATO, 1961, p. 264).

Autores como Hallewel (1985) e Azevedo, Camargos e Saccheta (1997), comentam em seus trabalhos a tentativa de Lobato de criar um parque gráfico que atendesse à demanda da editora.

¹⁰ Para Chartier (1994, p 13-23) a forma que toma o escrito, as intervenções editoriais no aspecto gráfico vão contribuir para as expectativas do leitor, facilitando o manejo do material e a leitura.

Dotado de tecnologia de ponta, esse complexo gráfico – que incluía cerca de uma dezena de linotipos para composição em geral, três monotipos, além de equipamentos para costura, encadernação e acabamento, onde chegaram a trabalhar cerca de duzentos operários – entrava agora em processo de expansão. Aguardava máquinas da Europa e dos Estados Unidos, importadas para atender à crescente demanda por serviços que iam de livros a impressos mais diversos. (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETA, 1997, p.137).

Os livros didáticos pesquisados trazem a indicação do local de impressão, sendo impressos na empresa Revista Gráfica dos Tribunais ou pela São Paulo Editora, com exceção do livro de Sousa da Silveira, impresso pela Typographia Cupolo. Conforme Hallewell¹¹, as duas primeiras empresas seriam montadas com o maquinário comprado por Lobato e Octalles para a ampliação da Companhia Gráfica-Editora Monteiro Lobato, leiloado com a falência da editora. Parte das máquinas leiloadas foi parar nas mãos de dois antigos sócios de Lobato e Octalles: Natal Daiuto e Savério D'Agostino, fundadores da São Paulo Editora, que passaram a prestar serviços à CEN, garantindo a qualidade de suas impressões. Outra parte foi adquirida pela Empresa Gráfica Revista dos Tribunais, que tinha como diretor Nélson Travassos, com o objetivo de imprimir a *Revista dos Tribunais*. Esta Empresa também prestou serviços à CEN e tornou-se uma das maiores empresas impressoras de livros no Brasil (HALLEWELL, 1985, p. 270, 271, 272).

Como já mencionado, com o desenvolvimento da cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX, houve uma ampliação dos serviços gráficos e editoriais, propiciando o surgimento de um grande número de tipografias para atender à crescente demanda de produção de cartões, panfletos, etiquetas, papéis timbrados, envelopes, cartas de baralho, cadernos, revistas e livros, fortalecendo a formação de novos profissionais.

O Liceu de Artes e Ofícios, entidade de caráter educativo que tinha em seu currículo ornamentação, decoração, estofos e gravuras, passou a formar profissionais ligados também à indústria gráfica¹². Estes criavam produtos de qualidade e introduziram uma nova concepção estética, preparando e educando o público para as inovações gráficas.

Todo esse processo de modernização afetou a feitura do livro, modificando o próprio suporte. Novas máquinas, linotipos, ilustrações e a melhor qualidade do papel alteraram

¹¹ Hallewell (1985) comenta como essas máquinas foram adquiridas pelas empresas gráficas: a Revista dos Tribunais e a São Paulo Editora, as quais se tornaram prestadoras de serviços para a CEN, garantindo a qualidade de impressão.

¹² Sobre ilustradores e outros profissionais gráficos verificar o trabalho de LIMA, 1985.

também a leitura e o leitor. Nas décadas iniciais do século XX verificou-se, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, um aumento muito significativo de revistas, jornais, gráficas e artistas gráficos, contribuindo para as transformações das capas e dos miolos dos livros, modernizando o mercado editorial. Rafael Cardoso, em seu estudo sobre o *design* de livros no Brasil, traz algumas considerações sobre a concepção do livro como objeto gráfico industrial:

Quando se fala em design de livros, deve-se considerar o tratamento dispensado ao objeto como um todo, desde sua construção tridimensional (tamanho, papel, encadernação) até a sua impressão, diagramação e ilustração. A crescente popularidade da brochura acarretou importantes mudanças nesse sentido, privilegiando um novo formato de livro popular com medidas em torno de 18,5 x 13 centímetros. A maioria dos livros que trazem capas ilustradas nas décadas de 1910 e 1920 enquadra-se nessas dimensões, com pequenas alterações de meio centímetro para mais ou para menos. Do ponto de vista tipográfico, há pouca variedade nessas edições, sendo as fontes mais utilizadas variações comuns de romano. Em termos de diagramação, no entanto, percebem-se determinadas iniciativas no sentido de valorizar a disposição do texto na página. Primeiramente nos livros de poesia e depois, timidamente, em alguns livros de prosa, procede-se ao emprego de margens mais amplas; de uma mancha tipográfica visivelmente mais cuidada em termos de espaçamento e entrelinhas; de fios, barras e outros elementos ordenadores do espaço gráfico. (CARDOSO, 2005, p.176-177).

Esses elementos ordenadores do espaço gráfico são encontrados no material da CEN, como gravuras, fios, barras, espaçamentos novos que facilitavam a leitura; utilização de negrito para os títulos; uso de fontes diferentes para o texto e para as notas; exercícios; e numeração das linhas do texto para organizar os comentários do autor. Tudo de forma a auxiliar o aluno nos seus estudos. Nos livros analisados, alguns desses elementos ordenadores do espaço gráfico se fazem presentes, tais como: as gravuras; a identificação da lição com o uso de tipos e fontes diferentes; o título em negrito; o nome do autor em itálico; a parte gramatical com outro tamanho de fonte e o uso do negrito e do itálico novamente para destacar aspectos da lição; os números à direita para auxiliar o aluno nos exercícios; e o uso de quadros explicativos e notas de rodapé. Esses dispositivos foram observados em todas as obras analisadas.

A Companhia Editora Nacional procurou formar leitores em um país de não leitores. Buscou, assim, não só a “alta literatura”, aquela recomendada pelas academias. Arriscou nos novos, em novas linguagens, como romances policiais, literatura para moças, aventuras, ficção científica, uma produção distante do que pode-se chamar de “alta literatura”. Fonseca (2010, p. 34), em seu estudo sobre a coleção Biblioteca do Espírito Moderno, editada pela CEN, mostra como o editor desta coleção, no caso Anísio Teixeira, apontava a necessidade de

se formar o leitor, a coleção sendo vista como uma espécie de *projeto civilizador* de formação do leitor.

A editora buscava o mercado, formava esse mercado e trabalhava o livro como mercadoria e produto de cultura. Toledo (2001), em seu trabalho sobre a Coleção Atualidades Pedagógicas da CEN, analisa as ações e estratégias desenvolvidas pelo editor Lobato para atingir os potenciais leitores.

Num país em que se liam livros importados e que o mercado era reduzido às grandes capitais, a estratégia que Lobato apresenta, para a expansão de sua editora, é a de levar o livro onde estivesse o leitor, *caçando-o e fazendo cair o livro sobre o seu nariz*. Impõe ao leitor livros produzidos, *obrigando o país a ler à força*. Apostando na estratégia comercial de distribuição e propaganda, na ordenação dos textos para predispor o leitor, organizando coleções segundo os perfis dos leitores (gosto, moral, tamanho do bolso), redimensionando o livro como mercadoria mais barata, voltada para a massa, os novos editores como Lobato vão impondo suas representações sobre o campo do impresso, substituindo a leitura de outros tipos de impresso pela leitura de livros e de livros em coleções. (TOLEDO, 2001, p. 26).

A produção da mercadoria livro didático envolve uma série de mediações entre as questões econômicas, as concepções pedagógicas e as políticas educacionais. Essa produção é circunscrita a um lugar e a um momento histórico e traz as marcas deste momento. A seleção de autores e textos precisa ser analisada a partir das articulações entre as instituições envolvidas na sua produção: editora, Estado e escola. A estratégia de considerar o livro didático como pertencente a uma coleção ocorreu talvez com o intuito de reorganizar o acervo da editora, agregando valor a este material. Como já mencionado, uma das formas encontradas por Octalles, após a falência, foi reeditar o material pertencente ao acervo, a partir de 1931, inserindo-o em coleções e definindo seu público.

A série 2 – livros didáticos da BPB, é a mais ampla e variada coleção que já se tentou no Brasil de obras escolares, destinadas a todos os graus de ensino, isto é, de manuais, livros de textos e livros fontes, para alunos das escolas primárias e secundárias (gerais e profissionais), normais e superiores. É certo que a eficiência do ensino depende mais da “maneira de ensinar” do que da quantidade de conhecimentos que se transmitem e se adquirem, se este ensino se efetua por métodos racionais, de modo atraente e eficaz, os alunos chegam a sentir pela matéria tal simpatia e tão vivo interesse que são impelidos a estudar e a investigar “por si mesmos”, continuando fora das classes os estudos relativos a cada uma das disciplinas. Mas como poderão os professores ministrar um ensino realmente eficaz, se lhes faltarem, a eles e aos alunos, esses admiráveis instrumentos de trabalho, que são os livros adequados ao ensino e ao estudo de cada matéria? (SILVEIRA, 1938, texto de contracapa de *Trechos Seletos*).

Neste trecho do texto da contracapa que acompanhava os livros da Série Didáticos da BPB fica clara a valorização da coleção, como a mais ampla e variada, destinada a todos os graus de ensino, ou seja, a Série se valorizava por conseguir abordar os mais variados segmentos do ensino, do primário ao superior. Demonstra estima ao professor ao valorizar a sua didática, a sua maneira de ensinar e enfatiza o papel fundamental dos livros da coleção para a realização dos estudos.

A CEN, por uma exata compreensão da importância que tem a renovação dos livros escolares para a renovação pedagógica, não tem poupado esforços para desenvolver e aperfeiçoar o seu plano de literatura didática, já melhorando em todos os sentidos, reedições de obras consagradas pela aceitação do público, já encomendando livros escolares de todos os tipos aos grandes especialistas no magistério dos diversos graus de ensino. Se é “o mestre que faz a escola” não é menos verdade que “ao mestre o fazem, em grande parte, as circunstâncias, em que se vê obrigado a trabalhar”. O livro é um dos seus “instrumentos de trabalho”, quanto mais útil e aperfeiçoado o “material de estudos”, que pusermos nas mãos dos alunos, tanto maior a eficácia com que o mestre desenvolverá o seu plano de ação, com economia de tempo e esforços. O êxito crescente dos livros didáticos dessa Série é uma prova do rigoroso critério que preside a escolha das obras didáticas que a compõem e a que deve a sua autoridade e a sua reputação. (SILVEIRA, 1938, texto de contracapa de *Trechos Seletos*).

Na continuação do texto percebe-se que o autor enaltecia as características do material e o sucesso da Série, deixando clara a importância do material didático para a renovação pedagógica. Ressaltava ainda que a editora, além dos livros novos, continuava publicando os livros consagrados, valorizando-os como instrumentos essenciais para a realização do trabalho do professor. O texto não apenas fazia publicidade do material, mas de certa concepção pedagógica. O nome do editor da coleção, Fernando de Azevedo ganhava, conseqüentemente, destaque na contracapa do material. O texto, ao se dirigir ao professor, apontava que a qualidade do seu trabalho relacionava-se com seu instrumento de trabalho, isto é, o livro. Pode-se pensar que o texto propunha um pacto com seu interlocutor, pois este, ao adquiri-lo, posicionava-se no campo da renovação da educação no Brasil. De acordo com o texto, o próprio sucesso da Série era a prova da sua qualidade.

Sendo o material didático também um instrumento para a divulgação de novas concepções educacionais, como aparece nas propagandas das contracapas e na intencionalidade do editor, conforme demonstrou Toledo (2001), o livro é um meio de divulgação e embate de todo um movimento cultural.

Neste embate, o livro torna-se arma de propaganda fundamental na transformação da cultura nacional, seja pela instrumentalização da reforma da escola, seja pela propaganda dos *verdadeiros valores nacionais* contidos

na literatura, nos manuais de cidadania e nas coleções de vulgarização da literatura nacional. As editoras, conseqüentemente, ganham um lugar de agências do desenvolvimento da cultura nacional, pela sua função de produção deste importante instrumento de transformação cultural: o livro. Editar significa, então, interferir politicamente no estado geral da cultura nacional. Editar livros de autores nacionais é um ato de patriotismo e de defesa da cultura nacional; editar livros escolares é intervir e contribuir para a instrução pública. (TOLEDO, 2001, p. 46-47).

O estudo e a análise do livro didático são, assim, essenciais para o entendimento do debate educacional do período e para as discussões sobre os rumos do país. O material reforça e valoriza determinadas características da nação. No material analisado, a seleção de textos e autores presentes nos livros de ensino de língua e literatura procura atender a essas características de valorização da nação. Ao selecionar o que deve ser ensinado aos alunos, o livro e seu autor, colocam-se como agentes de mudanças, ao fazer um recorte do passado, manifestam sua preocupação com o futuro, dando indícios de qual sociedade buscam construir, na medida em que o livro didático tem por objetivo educar e preparar as novas gerações.

Buscou-se verificar a inserção de autores modernistas no material didático por se entender que o modernismo literário, em São Paulo, durante as primeiras décadas do século XX, atuava no processo de reforma cultural. Estava em pauta a busca da identidade brasileira na qual se empenhavam, além dos modernistas, diversos intelectuais atuantes do período.

A análise dos paratextos (prefácios, apresentações e introduções) auxiliou o entendimento do processo de inserção dos modernistas no livro didático, a projeção de seus nomes e de suas obras para um público mais amplo. Os discursos que precedem o texto, ao trazer informações sobre a feitura do livro, a seleção dos excertos, os agradecimentos a indicações de outros educadores, as reformulações apontadas de uma edição para outra, as dedicatórias, permitem situar o leitor e verificar com quem os autores do material didático dialogavam. Os paratextos entram como um dispositivo de valorização das obras, na medida em que vão revelando as relações desses autores com editores, educadores e escritores¹³ (GENETTE, 2001).

¹³ Sobre os paratextos tomaram-se como referência os estudos de Gerard Genette (2001), sobre *La instancia prefacial*, nos quais este autor considera os prefácios como textos distintos do corpo do texto, que podem se modificar de edição para edição, permitindo uma análise da representação que o autor faz de si e de sua obra.

Conforme mostrado na Figura 1, a apresentação do livro *O nosso idioma*, de Paulo de Freitas, escrita por Monteiro Lobato, autor e editor renomado nacionalmente, garantiu legitimidade ao livro. Este material integrava a Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira, da CEN. Teve vida editorial longa, editado de 1936 até 1950. A partir da 4ª edição, a obra era acompanhada por uma carta de Monteiro Lobato, falando de sua importância para a renovação do ensino. Foi um sucesso editorial, com quatro edições em 1936, totalizando 16 mil exemplares.

Figura 1 – Apresentação do livro *O nosso idioma*, de Paulo de Freitas. (5ª edição, 1937).

No prefácio da 1ª edição, encontram-se agradecimentos a Lobato, *Este livro é mais de Lobato do que meu*, e referências a Paulo Setúbal, que no período era autor de sucesso, membro da Academia Brasileira de Letras desde 1934 e que publicava pela mesma casa editorial. Chamado por Paulo de Freitas de “O magnífico bandeirante de nossas letras”, Paulo Setúbal, em contrapartida, refere-se ao livro, em trecho de carta reproduzida neste mesmo prefácio, nesses termos: “...tenho impressão que V. fez obra nova, moderna, diferente das que andam por aí com o mesmo intuito. E, além disso obra fundamente brasileira.”

No prefácio de *Trechos Seletos*, de Souza da Silveira (prefácio da 2ª edição, de 1934), há um agradecimento especial ao amigo Manuel Bandeira, identificado com os modernistas, o qual tornou-se referência para os autores dos livros de português por sua organização de antologias, entre elas *Noções de História das Literaturas*, editada pela CEN. Dentre as indicações do poeta encontram-se os seguintes autores: Anchieta, Alphonsus de Guimarães, Lima Barreto, Raul Pompéia, Aluísio de Azevedo, Manuel de Almeida e Graça Aranha. Sousa da Silveira também dedica sua obra “à memória do Dr. Silva Ramos, meu mestre e meu amigo”. Silva Ramos era filólogo e membro da Academia Brasileira de Letras e foi professor de Sousa da Silveira no colégio Pedro II.

No material de Othoniel Motta, *Selecta Moderna*, 4ª edição, de 1935, encontrou-se dedicatória a José Carlos de Macedo Soares, então ministro das relações exteriores do governo Vargas. No seu prefácio, o autor destaca a sua intenção com a obra e o seu “desprendimento material”, colocando a produção do seu livro como uma contribuição para a comunidade. O texto é pontuado por frases como *auxiliar meus jovens conterrâneos na aprendizagem do nosso tão bello quão desprezado idioma*, ou *Sinto-me bem ao fim desta jornada. Nella visei, acima de tudo, ao bem da comunidade. O lucro material, Deus bendito, foi a última idéia que me passou pelo pensamento*. O autor, que era pastor protestante, classifica a sua produção como uma missão, conforme pode ser visto nesta passagem:

Terei atingido o alvo que me propuz? Deus o sabe e o futuro o dirá, quando eu não puder mais, talvez, ouvir a sua sentença. Basta-me por hoje a consciência de haver posto no alvo, sinceramente desejado, sem desfalecimento, os mais ardentes anhelos. Quem isto faz, já se pagou a si mesmo, e por mais modesta que seja a sua contribuição na vida da coletividade, sempre há de produzir algum fructo bemfazejo, ainda que sem brilho. (MOTTA, *Selecta Moderna*, Prefácio, 4ª. edição, 1935).

No livro de Julio Nogueira, *Programa de Português - exame de admissão e antologia primária*, de 1941, o prefácio vinha com o título *A orientação deste livrinho*, no qual o autor mencionava que o livro obedecia um *plano de ensino prático*, que apresentava *as obras-*

primas que se podem fazer com a palavra e que está sempre dentro dos programas e instruções baixadas pelo governo. O livro analisado de Aníbal Bruno não apresenta prefácio ou outro tipo de paratexto.

Essas amabilidades entre autores revelam uma sociabilidade, o pertencimento a determinados grupos literários. Outra marca dos prefácios é o diálogo entre o autor e seu público, no caso do livro didático, professores e alunos e nesse diálogo os autores expõem o que pretendem com a obra, o que pensam sobre os jovens “espíritos em formação”.

Outra característica do material didático que utiliza textos literários é a busca de equilíbrio entre o novo e o tradicional. O livro como instrumento de ensino identifica-se com as novas *correntes metodológicas*, mas tem que selecionar excertos e autores legitimados pela história literária até então.

A 2ª série compreende obras propriamente didáticas, isto é, de aplicação didática para manuseio de alunos em escolas primárias, profissionais, normais, secundárias e superiores. É uma coletânea de compêndios, pequenos tratados e seletas de autores de valor incontestável e identificados com as novas correntes metodológicas. Ela pretende ser a melhor, a mais atual e completa coleção de obras didáticas. (Catálogo da Companhia Editora Nacional de 1933).

Como o próprio catálogo apontava, a coleção buscou identificar-se com o novo. Sabia que o seu público leitor, seu usuário, era um leitor em formação, que precisava ser orientado e cultivado, como demonstra a nota presente em *Programa de Português*, de Julio Nogueira (1ª edição, 1940), pertencente à Biblioteca Pedagógica Brasileira, dirigida ao ensino secundário e ao primeiro ano das escolas normais:

Este livrinho obedece ao mesmo plano de ensino prático adotado nos anteriores evitando, quando possível, a aridez fatigante das regras, no intuito de tornar o aprendizado da língua mais suave para a mocidade estudiosa. Entendemos que é preciso ministrar lições teóricas somente depois de despertar na mentalidade dos jovens o prazer de uma boa leitura, depois de mostrar-lhes as obras-primas que se pode fazer com a palavra, para que eles compreendam a necessidade de inteirar-se da técnica da língua, afim de manejá-la tão bem quanto os seus grandes cultores. Na escolha dos assuntos, não tivemos em vista apenas o ensino da língua. É preciso não esquecer a impressão, o efeito que a literatura pode deixar no espírito em formação da juventude das escolas. Assim procuramos trechos que não perturbem no coração das crianças os sentimentos sãos que devem ornar o caráter do homem de amanhã e formar a mentalidade sadia de que precisamos. (NOGUEIRA, Prefácio 2ª edição, 1941).

O texto de Júlio Nogueira deixa clara a sua intenção: despertar o prazer da *boa leitura*, mas sem esquecer o impacto do *efeito que a leitura pode deixar no espírito*. O autor

reconhece que deve-se cuidar da leitura: selecionando o que denomina a *boa leitura*, que deve, segundo o autor, *ornar o caráter*, portando é necessário legitimar essas escolhas e essa seleção junto ao público escolar.

O autor sabe que o seu produto não se dirige somente ao estudante, mas, também, ao professor e à escola, que indica aos seus alunos o livro a ser adotado. O material didático tem esta característica: ele é usado na formação do aluno, mas sua escolha é feita por um adulto. Ao elaborar o material, portanto, o autor do livro didático procura considerar a criança ou o jovem em formação, e também o adulto, o professor. Marisa Lajolo destaca essa relação:

Por tais razões, o livro didático dirige-se, simultaneamente, a dois leitores: o professor e o aluno. Esta sua dupla destinação manifesta-se, por exemplo, no fato corrente de que certos exemplares do livro didático são chamados de *livro do professor*.

Por dever de ofício, o professor torna-se uma espécie de leitor privilegiado da obra didática, já que é a partir dele que o livro didático chega às mãos dos alunos. Daí que o *livro do professor* precisa ser mais do que um exemplar que se distingue dos outros por conter a resolução dos exercícios propostos.

O livro do professor precisa interagir com seu leitor-professor não como a mercadoria dialoga com seus consumidores, mas como dialogam aliados na construção de um objetivo comum: ambos, professores e livros didáticos são parceiros em um processo de ensino muito especial, cujo beneficiário final é o aluno. (LAJOLO, 1996).

Como já apontado, os autores do material didático procuravam despertar o seu leitor aluno para a *boa leitura* e convencer o seu leitor professor da qualidade do livro. No período estudado, este exercício de convencimento precisa incluir o censor, pois o material era encaminhado para a Comissão Nacional do Livro Didático¹⁴, que determinava as regras para aprovação do material. Portanto, a feitura do livro didático envolvia vários aspectos. Como produto comercial, necessitava atingir o mercado e tornar-se lucrativo. Como produto de intervenção cultural, precisava ter a legitimidade dada pelos educadores. Para poder se movimentar nos interstícios da lei, devia considerar a política educacional presente nos programas governamentais.

Ao analisar os textos e autores presentes nos livros didáticos, percebe-se que determinados autores modernistas estavam começando a ganhar legitimidade para ter seus trabalhos selecionados. Dos livros pesquisados observam-se excertos de autores modernistas no material de Júlio Nogueira, *Programa de Português* (1ª edição, de 1940), como Cassiano

¹⁴ Sobre a ação da Comissão Nacional do Livro Didático, ver FERREIRA, 2008.

Ricardo, que neste período já era membro da Academia Brasileira de Letras¹⁵, Manuel Bandeira e Ribeiro Couto e no material de Aníbal Bruno, no qual se encontra Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia, Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida e Manuel Bandeira.

Ao estudar essas oscilações e permanências, essas alternâncias de autores, procurou-se entender como se articulavam com as instituições produtoras da política educacional e cultural. Até que ponto o debate sobre a nação brasileira no período estudado repercutiu na seleção dos autores modernistas, destacando ora um autor, ora uma corrente do movimento? Quais fatores extraliterários também influenciaram essa constituição?

O movimento modernista – ou antes, o conjunto de autores hoje identificados com o movimento, como Mário Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Menotti Del Picchia, Ronald de Carvalho, Cassiano Ricardo e Guilherme de Almeida – pautou-se pelo questionamento e reavaliação da produção e da tradição literária nacional, com vistas a uma inovação estética e ideológica. Procurou-se investigar em que circunstâncias e por quais meios esses autores e suas obras passaram a ser incorporados ao universo escolar.

O livro didático possibilita acompanhar, por meio das seleções, a constituição de um cânone escolar ou como novos autores são incorporados. Nesse contexto, o livro didático contribuiu para apresentar e disseminar pedagogicamente uma concepção de literatura definida por “modernista”. Portanto, investigar as relações entre editora, gestores das políticas educacionais e autores (dos livros didáticos e presentes nos livros didáticos), talvez esclareça que concepções de leitura e de literatura não trilham somente o caminho do estético. Tendo em vista a importância do livro didático para a reconstrução de uma história literária construída no espaço escolar, recorre-se novamente às autoras Lajolo e Zilberman:

O livro didático interessa igualmente a uma história da leitura porque ele, talvez mais ostensivamente que outras formas escritas, forma o leitor. Pode não ser tão sedutor quanto as publicações destinadas à infância (livros e histórias em quadrinhos), mas sua influência é inevitável, sendo encontrado em todas as etapas da escolarização de um indivíduo: é cartilha, quando da alfabetização, seleta, quando da aprendizagem da tradição literária: manual, quando do conhecimento das ciências ou da profissionalização adulta, na universidade. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p. 121).

¹⁵ Guilherme de Almeida, Cassiano Ricardo, Manuel Bandeira e Menotti Del Picchia, entraram para a Academia Brasileira de Letras, respectivamente em 1930, 1937, 1940 e 1943.

2. O LIVRO DIDÁTICO, OS PROGRAMAS CURRICULARES E A FORMAÇÃO DO LEITOR

Não há perna-de-pau modernista que não me venha com seu coice.

(...)

Até o fim do ano, passo de 2 milhões em minhas tiragens. Estou (ou vou ficar até o fim do ano) com 66 edições aqui e 37 na Argentina (ou mundo da língua espanhola), tudo isso dando renda.

(...)

Eles são um uns gênios – mas não vendem; têm que viver como carrapatos do Estado, presos a empreguinhos. O Lobato é uma besta, mas está vendendo bestialmente, cada vez mais. Daí o atual “pau no Lobato”.

(Carta de Monteiro Lobato a Jaime Adour da Câmara *apud* Saccheta)

As perspectivas colocadas pela História Cultural influenciaram os estudos em História da Educação e abriram novos rumos para o pesquisador, fazendo da escola “produto histórico da interação entre dispositivos de normatização pedagógica e práticas dos agentes que se apropriam deles” (CARVALHO; TOLEDO, 2007, p. 89). Assim, são tomados como objeto de estudo os regulamentos, os programas curriculares, os livros didáticos e as normas que incidem sobre o espaço escolar e a apropriação desses pelos agentes envolvidos com aquele espaço. Desta maneira, o uso do livro didático como fonte de pesquisa ganha outras configurações:

Passam também a interessar como *objeto*, no duplo sentido de objeto de investigação e de objeto material, cujos usos, em situações específicas se quer determinar. A *materialidade* desses objetos passa a integrar o questionário que orienta o investigador no estudo das práticas que se formalizam nos seus usos; passa, portanto a ser elemento central do diálogo que o historiador estabelece com as fontes, obrigando-o a considerá-las em sua materialidade de objeto cultural, de produto de práticas sociais determinadas. (CARVALHO; TOLEDO, 2007, p. 90).

Ao utilizar o livro didático de ensino de língua e literatura como fonte de pesquisa sobre o cânone escolar literário e o modernismo deve-se considerar vários elementos: a perspectiva material da produção; o seu aspecto ideológico; as suas características como instrumento de ensino; e, no caso específico do livro de ensino de língua e literatura, a análise dos textos e autores escolhidos para formar o *corpus* do material didático.

No decorrer da pesquisa, constatou-se a dificuldade de se trabalhar com um material instável como o livro didático de língua portuguesa, pois este assume diversas formas de organização, como “Seletas”, “Antologias”, “Compêndios” e livros de ensino de “Literatura e Gramática”.

A instabilidade do material didático incitou uma reflexão da escola como espaço de leitura a ser questionado, de modo a indicar o que era lido, porque era lido e como era lido. Desta forma, a pesquisa com o livro didático pode elucidar aspectos importantes da formação do leitor, das intenções implícitas nesta formação e, no caso deste trabalho, a normatização de um cânone escolar literário.

É importante notar que no Brasil vem se constituindo, nas últimas décadas, uma mudança no campo de pesquisa sobre o livro didático. Se inicialmente os trabalhos procuravam analisar os aspectos ideológicos destas obras ou, ainda, o seu conteúdo programático, mais recentemente vem ocorrendo uma modificação na abordagem, decorrente do desenvolvimento dos estudos de história da educação identificados com a História

Cultural¹⁶. Desde então ocorreu uma ampliação da pesquisa sobre livro didático e leitura, como se pode constatar pela organização de associações e eventos voltados para a leitura, o livro e o livro didático¹⁷.

Verificou-se, por meio desses estudos, que o livro didático foi, no Brasil, durante um período longo e ainda não de todo encerrado, o único livro a que tiveram acesso muitos leitores em potencial¹⁸. Para a maioria da população, ele é o primeiro contato com a leitura e a única fonte de sua formação como leitor, portanto, essencial para o estudo da conformação do cânone literário escolar. A esse respeito, afirma Antônio A. G. Batista:

O pequeno valor social atribuído ao livro didático não justifica, porém, a pouca atenção a ele dada. Em primeiro lugar, vem-se constatando (SILVA, 1997; MELO, 1997 e MEC, 1997) que – ainda que lamentavelmente – os livros didáticos são a principal fonte de informação impressa utilizada por parte significativa de alunos e professores brasileiros e que essa utilização intensiva ocorre quanto mais as populações escolares docentes e discentes têm menor acesso a bens econômicos e culturais (Dias, 1999). (BATISTA, 1999, p. 531).

São muitas as abordagens presentes nos estudos que têm o livro didático como tema. Circe Maria Bittencourt (1993) analisou os projetos educacionais do século XIX e das primeiras décadas do século XX no Brasil, sublinhando a maneira pela qual estes seguiram um ideário liberal que pretendia estender lentamente os direitos de cidadania à população, integrando os ex-escravos, imigrantes e classe trabalhadora. Por esta razão, o poder governamental teria passado a utilizar mecanismos de controle de disseminação do saber, sendo o livro didático alvo de especial cuidado das elites dirigentes.

Outros autores, como Kazumi Munakata (1999) e Antonio G. Batista (1999) analisaram as formas assumidas historicamente pelo material didático e a dificuldade em defini-lo como objeto de pesquisa, visto ser, ao mesmo tempo, um material descartável e desvalorizado como obra. Estes autores ponderaram sobre as modificações sofridas pelo

¹⁶ Ver BATISTA, 1999; BITTENCOURT, 1993; LAURIA, 2004; MUNAKATA, 1999; e RAZZINI, 2007.

¹⁷ Referência aos Congressos de Leitura (COLE), organizados pela Associação de Leitura Brasileira, ao Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, e às associações, como a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), Sociedade Brasileira de História e Educação (SHBE), entre outras.

¹⁸ LAJOLO; ZILBERMAN, 1999. No capítulo “Livros didáticos, escola, leitura”, as autoras destacam a importância do material didático para a formação do leitor.

material didático e como os procedimentos técnicos repercutiram nas condições de sua produção.

Como apontado no capítulo anterior, a virada do século XIX e as primeiras décadas do século XX foram marcadas pela estruturação do mercado editorial no país, articulado ao processo de expansão escolar promovido pelos governos republicanos.

A composição do livro didático, isto é, a forma pela qual se articulam os conteúdos previstos, guarda uma relação estreita com as demandas dos programas e diretrizes curriculares. Não por acaso, os textos e autores compilados têm de estar adequados à concepção de ensino e educação preconizada nos programas governamentais.

A partir de 1930, observa-se a implantação de uma legislação que orientava e avaliava o material didático. O Decreto-lei nº 1.006, de 30 de dezembro de 1938, instituiu a Comissão Nacional do Livro Didático - CNLD, que determinava as condições de produção e utilização do livro didático. Em seu Capítulo IV tratava das causas que impediam a autorização do livro didático, interferindo na organização e seleção do conteúdo do material, como será visto posteriormente. Entre essas causas, pode-se destacar aquelas contidas no artigo 20, as quais ressaltavam a valorização da pátria e da “raça brasileira”, as tradições do país, suas autoridades, seus “heróis” e a unidade nacional.

Decreto- lei 1.006, de 30 de dezembro de 1938, Capítulo IV.

Das causas que impedem a autorização do Livro Didático

Art.20 - Não poderá ser autorizado o uso de livros didáticos:

- a) que atente, de qualquer forma, contra a unidade, a independência ou a honra nacional;
- b) que contenha, de modo explícito ou implícito, pregação ideológica ou indicação da violência contra o regime político adotado pela Nação;
- c) que envolva qualquer ofensa ao Chefe da Nação, ou às autoridades constituídas, ao Exército, à Marinha, ou às demais instituições nacionais;
- d) que despreze ou escureça as tradições nacionais, ou tente deslustrar as figuras dos que se bateram ou se sacrificaram pela Pátria;
- e) que encerre qualquer afirmação ou sugestão, que induza ao pessimismo quanto ao poder e ao destino da raça brasileira;
- f) que inspire o sentimento da superioridade ou inferioridade do homem de uma região do país, com relação ao das demais regiões.

No artigo reproduzido acima constatou-se a preocupação com a unidade nacional, ou seja, o ensino não deveria levar à reflexão ou a questionamentos, mas ao fortalecimento de uma nação harmônica, virtuosa, onde todos colaboram para o seu engrandecimento. Essas indicações podem ser apreciadas em todo o material pesquisado e essa conotação já se apresentava nos livros anteriores ao decreto, o que posteriormente facilitaria a sua adequação.

Nesta perspectiva, encontraram-se excertos como *Meu Brasil*, de Olegário Mariano¹⁹, presente no livro Programa de Português, 2ª edição, 1941, de Julio Nogueira.

Vinde ver! Vinde ouvir, homens de terra estranha!
O Brasil de minha alma atormentado e aflito,
Cujo nome parece um grito de montanha,
De quebrada em quebrada, acordando o infinito

...
É o Brasil intrépido na pele retesada e bronzeada
Do caboclo feliz como um galo da serra;
O caboclo que com o delbar da madrugada,
faz o sinal-da-cruz e vai cavar aterra.

...
É o Brasil da aventura! O Brasil bandeirante,
Rompendo os matagais e escalando as espaldas,
Para rolar barranca abaixo, agonizante,
Em farrapos, com mãos faiscando de esmeraldas.

...
O Brasil de alpercata e de chapéu de couro,
Ágil, nervoso, leal, puro como nasceu,
Que tem na sua rede o ouro do seu tesouro
E tem no seu cavalo a asa que Deus lhe deu.

Na leitura dos quadros do Apêndice B, pode-se verificar pelos títulos dos excertos como o material atendeu às determinações dos programas, com escolha de excertos como: *Pátria, A língua portuguesa, Oração à Bandeira* de Olavo Bilac; os excertos de João do Norte (Gustavo Barroso), *A raça, O curandeiro, A queimada, A chuva, Terra de sol*, que tratam do sertão nordestino; excertos de Afonso Arinos, *Um trem na mata, Atalaia Bandeirante, Tropas e tropeiros*; de Euclides da Cunha, *O gaúcho e o vaqueiro, Estouro de Boiada, Visão do amazonas*; e de Adelmar Tavares, *Chegando a Recife*, entre outros.

De acordo com este mesmo Decreto, os membros da Comissão não poderiam ter vínculos com as editoras, mas o artigo foi modificado pelo Decreto-lei nº 1.417/39, no qual outra comissão ficaria responsável pela autorização dos livros de autores pertencentes à CNLD.

Art. 2º. A autorização para uso do livro didático, cuja autoria seja no todo ou em parte de algum membro da Comissão Nacional do Livro Didático, será requerida ao Ministro da Educação, com observância do disposto no art. 12 do Decreto-lei nº 1.006, de 30 de dezembro de 1938. Recebido o livro, submetê-lo-á o Ministro da Educação ao exame de uma comissão especial de três ou cinco membros, por ele escolhidos dentre especialistas estranhos à Comissão Nacional do Livro Didático (Decreto-lei nº 1.417/39).

¹⁹ Olegário Mariano (1889-1958), poeta popular, membro da boemia carioca, era denominado “príncipe dos poetas brasileiros”.

A editora apresentava o seu material e este era examinado pela Comissão Nacional do Livro Didático²⁰, que tinha entre seus membros autores de livros didáticos, alguns publicados pela CEN, como Maria Junqueira Schmidt, Delgado de Carvalho, Antonio Carneiro Leão e Sousa da Silveira. Os trabalhos e exigências da Comissão levaram editores a se adaptarem e a criarem estratégias para atender as demandas do governo, pois os livros apresentados já vinham de uma longa carreira editorial, consolidada junto ao público consumidor. Este material passa a ser reformulado para se adequar às novas regras.

2.1. OS LIVROS DIDÁTICOS DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Como já salientado, a opção pelo livro didático da Companhia Editora Nacional deve-se ao prestígio desta casa editorial, que desde sua fundação traz um perfil inovador ao mercado, com suas estratégias de distribuição, seus contratos com escritores, sua política de tratar o livro como mercadoria, seus recursos tipográficos, que garantiam uma qualidade ao material impresso, tornando-a uma das principais editoras de livros didáticos para o ensino secundário.

O material escolhido é pertencente às coleções Biblioteca Pedagógica Brasileira (BPB) e à Biblioteca Escolar Brasileira (BEB). A opção por essas coleções foi feita a partir da análise do acervo da editora²¹. Verificou-se que a editora adotava uma política de diversificação, apresentando para o seu público consumidor uma variedade de livros e autores didáticos referentes a uma única disciplina. No caso de língua portuguesa, a editora contava com 12 autores, que produziam um grande número de material, como Sampaio Dória, Orlando Fonseca, Paulo de Freitas, Raul Gómez, Mário Pereira de Souza Lima, Othoniel Motta, Antenor Nascentes, Julio Nogueira, Carlos Eduardo Pereira, Sousa da Silveira, Tales de Andrade e Arthur Torres de Almeida. Essa prática possivelmente buscava atingir as várias parcelas do mercado de livros didáticos, pois a editora tinha que viabilizar a sua sobrevivência como empresa.

Os materiais analisados pertencentes à Biblioteca Pedagógica Brasileira - BPB são os livros de Othoniel Motta, Paulo de Freitas, Júlio Nogueira e Sousa da Silveira. A escolha

²⁰ Ferreira (2008), em seu estudo sobre a Comissão Nacional do Livro Didático, comenta as dificuldades desta comissão para realizar o trabalho de avaliação e as disputas internas que envolviam seus membros.

²¹ O acesso ao arquivo da Companhia Editora Nacional foi feito de forma irregular, pois a editora suspendeu diversas vezes o acesso ao seu acervo.

deste material foi de acordo com o acesso aos arquivos da editora. A BPB foi planejada com o objetivo de atuar na renovação do ensino e dentro do quadro de disputa educacional dos anos 1930, entre católicos e pioneiros. A BPB se ligava aos renovadores, que desde os anos 1920 procuravam ampliar o seu espaço de atuação.

Os livros didáticos pertenciam à 2ª Série da BPB, que estava organizada em 5 séries ou coleções: 1ª - Literatura Infantil; 2ª - Livros didáticos; 3ª - Atualidades Pedagógicas; 4ª - Iniciação científica; e 5ª - Brasileira. Ou seja, a organização da coleção procurava atingir todos os níveis de ensino, do primário ao universitário e atuar na formação de alunos e professores. As séries 1ª e 2ª foram organizadas a partir do fundo da editora, com livros didáticos publicados fora de coleções, pois a CEN já atuava no mercado de livros escolares desde o seu início (BEDA, 1987, p. 221).

Os autores do material didático analisado nesta pesquisa já tinham obras publicadas por outras editoras, como é o caso de Othoniel Motta, com obras publicadas pela editora Weisflog (1918); de Julio Nogueira, pela editora Freitas Bastos (1919); de Sousa da Silveira, pela editora Bernard Frères (1919), a obra *Trechos Seletos* foi publicada sem alteração de título por essa editora e posteriormente pela CEN; e, ainda, Paulo de Freitas, pela editora Álvares Penteado, em 1931. No caso de Aníbal Bruno, é importante salientar que o autor tinha como palco de atuação Pernambuco e era reconhecido como jurista e educador, ligado ao movimento de renovação pedagógica. De 1931 a 1937 foi diretor do Departamento de Educação de Pernambuco, mas ainda assim não foram encontradas referências de publicações em outras editoras antes da Nacional, supondo-se que o início da edição de suas obras sobre o ensino de português foi, de fato, na CEN, onde foi o organizador da coleção Biblioteca Escolar Brasileira, publicada a partir de 1935²². A publicação desta coleção está provavelmente atrelada ao movimento de renovação pedagógica de Pernambuco, pois todos os autores presentes na coleção são atuantes neste estado, dentre os quais pode-se citar Arnaldo Carneiro Leão, Estevão Pinto, Valdemar de Oliveira e o próprio Aníbal Bruno.

Os autores dos livros didáticos publicados pela CEN eram atuantes e reconhecidos no meio educacional, sendo, em sua maioria, professores de escolas renomadas, com livros publicados por outras editoras, apontando que, no mercado de livros didáticos, os autores

²² As informações sobre Aníbal Bruno constam de ARAÚJO, 2002.

reconhecidos eram fundamentais para se dar credibilidade e garantir as vendas do material, tendência que se evidencia a partir do final do século XIX, como mostra Bittencourt:

A valorização das experiências pedagógicas do escritor passou a ser fortemente considerada por parte dos editores como critério de escolha dos autores. Da mesma forma, a seleção destes voltava-se para os que acompanhavam avanços pedagógicos dos países onde a alfabetização se estendia para uma população cada vez maior. (BITTENCOURT, 2004, p. 484).

Esses livros são voltados para o ensino de português. O de Paulo de Freitas para o curso elementar e preparo para o exame de admissão, o de Júlio Nogueira e Aníbal Bruno para as primeiras séries do secundário, e o de Sousa da Silveira para os anos finais do ensino secundário, todos trazendo exercícios e uma antologia para ser trabalhada pelo professor.

Conforme mostra a Figura 2, esses livros apresentavam as marcas da coleção. Em suas capas encontrava-se o logotipo da coleção, um sol iluminando o caminho, e, abaixo, o nome da editora. Na parte superior havia uma tarja preta indicando a Série 2ª - Livros Didáticos e o nome da coleção BPB, o nome do autor, o nome do livro, a edição e o uso de cores e fontes diferentes organizando o espaço gráfico.

Figura 2 - Capas da Coleção Biblioteca Pedagógica.

Na contracapa (Figura 3), encontravam-se textos que funcionavam como propaganda do material produzido pela casa editorial. No livro de Sousa da Silveira foi publicada a propaganda da Série 2ª, com o texto reafirmando a intenção de renovação pedagógica presente na coleção, o nome do editor da mesma, Fernando de Azevedo e as praças comerciais da editora. Na contracapa do livro *Programa de Português*, de Júlio Nogueira, de 1941, estampava-se a propaganda do dicionário (*Pequeno dicionário brasileiro de língua portuguesa*), denotando a intenção da editora de se colocar ao lado da renovação, do moderno e do Brasil. Cabe ressaltar a chamada *Um dicionário genuinamente brasileiro*, texto de apresentação do dicionário, destacando que o material foi organizado no Brasil e para o Brasil, no qual se encontram palavras e locuções nossas, fazendo referência ao regionalismo e à língua falada nas ruas, *que brota da pena de nossos escritores*. No quadro situado no canto esquerdo inferior da contracapa há um destaque para os organizadores do material, autores ligados à renovação pedagógica. Todos esses indícios colocam a CEN ao lado da renovação educacional e enfatizam a sua intenção de intervir na política do país.

Figura 3 - Contracapa de *Trechos Seletos*, 1938 e *Programa de Português*, 1941.

A contracapa deste livro mostrava o preço, exigência da lei, o nome da gráfica, o local onde foi impresso e como o leitor podia ter acesso ao material, por meio do reembolso postal

e dos endereços do Rio de Janeiro e de São Paulo. Esse modelo de contracapa repetia-se nos outros livros da coleção, ora com o texto de apresentação, ora com material de propaganda da editora, e também com os volumes publicados dentro da Série. Segundo Toledo (2001, p. 52), a organização das coleções criava uma identidade editorial, primeiro por meio do editor, mas igualmente pelos aspectos gráficos, proporcionando ao leitor uma garantia da qualidade do material.

Esses dispositivos editoriais e tipográficos (padronização das capas, contracapas e lombadas; organização interna dos livros; prefácios; e textos de apresentação e divulgação) permitiam a identificação da coleção e da editora, facilitando a sua escolha por parte do leitor. Por outro lado, revela a opção da editora em utilizar a edição de coleções como estratégia editorial de inserção e ampliação do mercado editorial e de intervenção na cultura²³.

O material de Aníbal Bruno tem a particularidade de pertencer à Biblioteca Escolar Brasileira, tendo como editor o próprio Aníbal Bruno. Esse editor era ligado a Antônio Carneiro Leão, educador responsável pela reforma educacional de Pernambuco em 1928. Carneiro Leão foi nomeado em 1939 para a Comissão Nacional do Livro Didático e tem também livros publicados pela CEN. Aníbal Bruno foi diretor da Diretoria Técnica de Educação (1930-1937), posicionando-se ao lado dos renovadores e em sua gestão criou a Escola de Aperfeiçoamento, a Biblioteca Central dos Educadores, as Bibliotecas Escolares e o Museu Pedagógico Central. Sua atuação em Pernambuco foi marcada pelos embates com o grupo católico²⁴.

A coleção começou a ser publicada em 1935, posteriormente à publicação da BPB, e as edições do livro de português só tiveram início em 1938. A coleção trabalhava somente com 4 autores, que abordavam as áreas de português, química, ciências naturais e físicas, história natural e história da civilização. A BEB teve uma projeção menor que a BPB, mas pelos autores envolvidos na coleção pode-se concluir que esta fazia parte do projeto de renovação pedagógica.

A Coleção Biblioteca Escolar Brasileira também utilizou dispositivo gráfico e editorial semelhantes aos da Biblioteca Pedagógica Brasileira, destacando o nome do diretor da

²³ Ver CARVALHO; TOLEDO, 2007, p. 93.

²⁴ Sobre a atuação de Aníbal Bruno na Diretoria Técnica de Educação de Pernambuco, ver SELLARO, Leda Rejane A. *A formação profissional e o exercício do magistério em Pernambuco, na gestão de Aníbal Bruno*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdf/tema3/0365.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2010.

coleção, Aníbal Bruno, que era educador reconhecido em Pernambuco. Observando-se a capa e a contracapa nota-se o uso de uma tarja verde, identificando a coleção, destacando o nome do diretor e o volume. Logo abaixo encontra-se o nome do autor e o nome da obra, as séries para as quais se dirige e o nome da editora. Na contracapa nota-se propaganda do dicionário publicado pela editora, com o uso de fontes, estilos e tamanhos diferentes inseridos em um quadro e tendo abaixo o custo do volume e o local da impressão (Figura 4).

Figura 4 - Capa e contracapa de Antologia, de Aníbal Bruno, 1943.

As semelhanças de apresentações das duas coleções são evidentes: tem-se o mesmo tarja identificando a coleção e o volume; o destaque dado ao nome do autor, e em letras maiores o nome da obra, acrescido da série para a qual se dirigia, o volume e o nome da editora. Os livros da BEB apresentavam também o nome do editor inserido na tarja. Na contracapa verifica-se o mesmo procedimento: propaganda do material da editora (basicamente a mesma propaganda com texto semelhante), o preço e o local da impressão. Com pequenas diferenças, o projeto gráfico garantia a identificação, por parte do consumidor, de um produto da Companhia Editora Nacional. Considerando toda a preocupação da editora com a produção e apresentação do seu material, seus cuidados com o acabamento para

garantir um produto de qualidade comercial e pedagógica, essa similaridade não parece ser casual, mas uma tentativa de transferir o prestígio de uma coleção para outra. Foi utilizada uma estratégia editorial, na qual a importância de uma coleção conceituada culturalmente pudesse garantir o sucesso comercial da nova coleção.

2.2. LIVRO DIDÁTICO E OS PROGRAMAS CURRICULARES

A leitura literária no espaço escolar, com o objetivo de formação, trabalha com a seleção de determinados textos e autores, procurando interferir no desenvolvimento e inserir o aluno em determinada tradição cultural, cuja preservação julga-se necessária. No espaço escolar, essa intencionalidade se faz presente e ocorre o processo de escolarização da literatura, que ordena, seleciona e exclui, e que, como assinala Magda Soares, é inevitável.

É a esse *inevitável* processo – ordenação de tarefas e ações, procedimentos formalizados de ensino, tratamento peculiar dos saberes pela seleção, e conseqüentemente exclusão de conteúdos, pelo modo de ensinar e de fazer aprender esses conteúdos – é esse processo que se chama de escolarização, processo inevitável porque é da essência mesma da escola, é o processo que a institui e que a constitui. (SOARES, M., 2001, p. 21).

Neste aspecto, a análise dos excertos e autores presentes nos livros didáticos pode revelar a intenção de seus autores, do programa curricular e da casa editorial sobre qual leitor se quer formar. Pois esses mediadores culturais são leitores, e pode-se dizer, com uma legitimidade construída por meio de instituições como escolas, jornais e academias, que dão garantia ao livro didático e à seleção de textos e autores que merecem ser lidos. Portanto, os programas curriculares, a seleção dos excertos e os exercícios de leitura fornecem pistas de qual leitura deve ser feita. Essas questões nos aproximam do leitor que a escola quer formar²⁵.

A escola é um dos espaços onde a leitura é trabalhada, onde se tem postura e regras para sua realização, onde esta tem uma intencionalidade: a formação do aluno²⁶. Todavia, esta formação se modifica, seus objetivos são variáveis no decorrer das mudanças na sociedade e no ensino. A formação se faz por meio da leitura de textos literários, recomendados pelos programas de ensino, selecionados para compor o material didático e com uma interpretação legitimada.

Os programas de ensino que abrangem o período pesquisado são os de 30 de junho de 1931 e de 11 de julho de 1942, além da Portaria Ministerial de 15 de julho de 1942, que

²⁵ Sobre literatura e escola no Brasil ver também LAJOLO, 1982 e LAJOLO; ZILBERMAN, 1999.

²⁶ Sobre a leitura na escola ver CHARTIER; HÉBRARD, 1995, p. 247-332.

expediu e determinou as instruções metodológicas para execução do programa. A análise desses programas, suas instruções e recomendações permitem um entendimento desse processo de escolarização, juntamente com a seleção de autores e excertos presentes no livro didático. Esta relação entre programas e livros didáticos suscita algumas questões: o programa de ensino traz a intencionalidade dos órgãos dirigentes que elaboram as políticas educacionais; e os autores do livro didático procuram fazer uso da literatura para atender a essas recomendações, ou seja, o autor do material tem que ficar atento e ser criterioso ao selecionar excertos que sirvam ao ensino da língua e represente o melhor da produção literária. É nesta relação que se verifica o tipo de leitor que a escola quer formar e qual produção literária será eleita para essa formação.

Deste modo, os programas prescrevem o que julgam conveniente à formação das novas gerações, ao passo que os livros didáticos levam a cabo a seleção do material. Nos programas analisados de português para o ensino secundário (ginásio e colegial), expedidos pelas Portarias nº 70, de 30 de junho de 1931; nº 170, de 11 de julho de 1942; e nº 172, de 15 de julho 1942, não existiam indicações pontuais de autores que deviam ser abordados, mas trazia indicações para a seleção de textos e autores, como *o gosto da leitura dos bons escritores, textos cuidadosamente escolhidos, o estudo, ainda que sumário, das melhores obras de escritores nacionais e portugueses* ou sobre o bom emprego da leitura, *tirar o máximo proveito da leitura, ponto de partida de todo ensino, não se esquecendo de que, além de visar a fins educativos, ela oferece um manancial de idéias que fecundam e disciplinam a inteligência...* (Programa de 30 de junho de 1931) e o uso de obras modernas. No programa de 1942, além do critério do nacionalismo, nas instruções metodológicas de 15 de julho de 1942 no item, *I. Finalidades do estudo de língua portuguesa* encontravam-se novamente *o gosto da leitura dos bons escritores*, a indicação *ministra-lhe apreciável parte do cabedal indispensável à formação do seu espírito e do seu caráter, bem como base da sua educação literária*. No item III – O papel da leitura, das instruções metodológicas encontra-se a seguinte recomendação:

Recomenda-se que, no comentário da leitura, ou mesmo noutras ocasiões, o professor conduza as suas considerações de maneira que ache meio de falar, embora muito sumariamente, não só dos grandes vultos da civilização brasileira, principalmente os escritores, mas também figuras mais eminentes das literaturas portuguesa e estrangeira. Isto para que o aluno não deixe o seu aprendizado ginásial sem saber, por exemplo, quem foi Homero, Demóstenes, Dante, Petrarca, Cervantes, Goethe, Schiller, Tolstoi, Ibsen, Camões, Gil Vicente, Garret, Herculano, Antero de Quental, João de Deus, etc.(Portaria Ministerial nº 172, de 15 de julho de 1942).

Essas indicações norteavam os autores dos livros didáticos, dentro das quais tinham liberdade de escolha no que se refere aos textos e autores selecionados, e as recomendações dos autores estrangeiros que nos filiavam a traição cultural européia. Mas, de qualquer forma, a sua seleção devia ter legitimidade. Neste ponto, os autores dos livros didáticos apoiavam as suas escolhas em autores consagrados pelos jornais, pela Academia Brasileira de Letras, pela história literária, e pela sua própria atuação no campo educacional, como pode ser visto no Apêndice A, no qual estão organizados os autores presentes no material didático. Esse processo, que tem por objetivo a formação do aluno mediante a seleção de excertos e escritores, recusa determinados textos e leituras e busca ter o controle da leitura, por meio de uma interpretação dita correta, mas cabe ponderar que o leitor sempre faz a sua interpretação, produzindo outros sentidos.

Paradoxos, portanto, de todo lado, mostrando o conflito entre a idéia convencional de uma literatura que *eleva e edifica* (segundo os padrões oficiais) e a sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não corrompe nem edifica, portanto; trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver. (CANDIDO, 2000, p.85).

Esses recortes se apresentam não só nos programas curriculares, como também no planejamento dos professores e no livro didático e deixa nítido que houve uma escolha, uma seleção de conteúdos que dizem respeito ao valor do que deve ou não ser ensinado e conservado. Uma seleção marcada pelos embates da sociedade presente²⁷. No caso desta pesquisa, que envolve textos e autores selecionados para o ensino de língua e literatura presentes nos livros didáticos das décadas de 1930 e 1940, as escolhas destacam determinados aspectos e valores da sociedade brasileira daquele período, como o civismo e o nacionalismo.

Partindo do pressuposto de que existe uma distância entre o que é prescrito nos currículos e programas e o que é realizado no espaço escolar, o estudo do currículo e desses programas formais, como fontes documentais, aponta a intencionalidade dos grupos governantes que promulgam e justificam as intenções básicas da escolarização. Mas, considerando o desenvolvimento da história das disciplinas²⁸, faz-se necessário pensar além

²⁷ Sobre a seleção cultural escolar, ver FORQUIM, 1992.

²⁸ O trabalho de André Chervel, sobre a História das disciplinas, no qual este autor demonstra que “a escola não se define por uma função de transmissão dos saberes, ou de iniciação às ciências de referência”. CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, v. 2, 1990.

do currículo escrito²⁹ e normativo, observando que entre o currículo escrito e o realizado no espaço escolar, a partir das práticas de professores e alunos, do uso dos materiais didáticos, da influência da produção acadêmica tanto quanto da produção historiográfica e dos estudos literários, a escola produziu um conhecimento sobre leitura e literatura, sobre como formar um leitor e todas as implicações que essa formação possa ter.

Com o ensino de língua e literatura, que envolve leitura e gramática, ocorre uma seleção de textos tidos como representativos da produção cultural. Havia o pressuposto de que a seleção daqueles textos (que mereciam ser conhecidos e estudados) era essencial para a formação dos educandos e no período estudado a seleção era determinada por questões ligadas ao projeto de nação do Governo Vargas, como destaca os programas. Mas é importante lembrar, também, que esses textos foram escritos originalmente para outro público que não o escolar, já que na sua origem se dirigiam a leitores adultos, em geral. Assim, a escola teve que desenvolver conhecimentos e instrumentos para trabalhar esses conteúdos selecionados com o seu grupo de educandos, intervindo desta forma na cultura geral da sociedade.

O estudo de Razzini (2000) traz um histórico do ensino de português e de literatura no secundário, desde 1838 até 1961. Com base nos programas curriculares aponta que, se em princípio o ensino de português estava vinculado ao ensino de retórica, paulatinamente o ensino de português e literatura ampliam o seu espaço no currículo e já nas primeiras décadas republicanas, tem-se a consolidação da disciplina escolar. Nos anos 1930, com a reforma Francisco Campos³⁰, o ensino secundário passa a ser organizado em dois ciclos e a sua habilitação passa a ser obrigatória para o ingresso no curso superior, provocando uma estabilização das disciplinas no currículo. O programa trazia a seguinte recomendação para a disciplina de Português:

O programa desta cadeira tem por objetivo proporcionar ao estudante a aquisição efetiva da língua portuguesa, habilitando-o a exprimir-se corretamente, comunicando-lhe o gosto da leitura dos bons escritores e ministrando-lhe o cabedal indispensável à formação do seu espírito bem como à sua educação literária (...). (Programas do Curso Fundamental do Ensino Secundário, expedidos pela Portaria nº 70, de 30 de junho de 1931).

²⁹ Conforme Goodson “O currículo escrito não passa de um testemunho visível, público e sujeito às mudanças, uma lógica que se escolhe para mediante sua retórica legitimar uma escolarização. Como tal, o currículo escrito promulga e justifica determinadas intenções básicas de escolarização à medida que vão sendo operacionalizadas em estruturas e instituições”. GOODSON, 1995, p. 21.

³⁰ ROMANELI, 1978, p. 135.

Neste trecho do programa percebe-se que, para efetivar o domínio e a aquisição da língua escrita, era necessário o uso de textos de qualidade, de autores que usassem corretamente a língua, como também textos que tivessem um predicado “moral”, pois a leitura de bons escritores era indispensável à formação do espírito.

(...) Como o que se pretende é antes de tudo, educar o gosto literário, quase todo o ensino, para ser atraente, tem de gravitar em torno do pensamento hodierno, em ambiente conhecido, convindo, portanto a preferência pelas obras modernas e deixando-se a análise das obras clássicas para o momento em que o aluno, dotado de algum senso crítico, estiver apto a assimilar com real proveito os velhos exemplares da boa linguagem (Programas do Curso Fundamental do Ensino Secundário, expedidos pela Portaria nº 70, de 30 de junho de 1931).

Nos trechos citados acima verifica-se uma preocupação com a aquisição da língua por intermédio da leitura dos bons escritores na formação do gosto literário e a indicação para se trabalhar com autores modernos. Outra observação é que se deve avaliar o momento apropriado para o ensino das obras clássicas, ficando estas para os últimos anos do secundário. Essa indicação aparece na organização do livro de Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, voltado para os anos finais do secundário. Este material contém autores do classicismo português como Bernardim Ribeiro, Gil Vicente, Camões, Padre Antonio Viera, Padre Manuel Bernardes.

O Apêndice A mostra a relação dos autores presentes nos livros didáticos, dentre os quais um grande número atuava na imprensa ou publicava livros nas primeiras décadas do século XX³¹ e muitos deles ainda vivos no momento da edição do material didático. Seria essa, portanto a aproximação dos alunos com as obras modernas desejadas, onde o termo moderno é tomado por atual, contemporâneo, em contraposição às obras clássicas, proximidade que, segundo o programa, facilitaria os estudos.

Sobre os autores e excertos presentes nos livros, cabe uma observação sobre o que era denominado moderno e o que os autores entendiam por moderno, que parece ser antes a produção contemporânea. Os programas solicitavam uma aproximação dos alunos com escritores modernos, podendo-se entender como autores das primeiras décadas do século XX, fazendo uma distinção entre o clássico e o moderno. Os autores do material seguiam essa indicação, como Othoniel Motta, que já utilizava o termo “moderna” no título da obra, pois no

³¹ Um grande número de autores presentes no material são os escritores da chamada *Belle Époque* ou o que Sérgio Miceli denominou escritores polígrafos anatólios. MICELI, 2001.

prefácio da edição de 1935 fazia a seguinte consideração: *neste volume procurei apresentar páginas modernas, da língua que se fala e escreve bem e belamente*; e Julio Nogueira inseriu na folha de rosto do Programa de Português, 2ª edição, de 1941 a seguinte observação: “Este livro contém: leituras extraídas de autores brasileiros contemporâneos, devidamente anotadas”. Nos quadros organizados a partir dos excertos presentes no material desses autores encontram-se autores da segunda metade do século XIX e das primeiras décadas do século XX.

Essas mudanças procuravam remodelar a escola e, através dos livros, habilitar o professor para o seu papel de agente de transformação. Sobre a concepção de leitura introduzida pela Escola Nova, Vidal (1999, p. 339) salienta que esta não considerava o ato de ler como passivo, mas como um meio de ampliar, estimular as experiências e as reflexões, devendo ser debatida em sala de aula, após terem sido objeto de leituras em silêncio. Tais textos deveriam então ser apresentados e explicados, sendo o livro visto como um *instrumento de trabalho*, como esclarece Fernando de Azevedo.

(...) o livro escolar na educação renovada é um “instrumento de trabalho”, na atividade total da escola, que se desenvolve sob o impulso e em torno da criança, - centro de gravidade da nova educação; aquele é o livro-padrão, que presume bastar-se a si mesmo, na função absorvente, uniformizadora e autoritária; este um “elemento de cultura”, que auxilia, completa e alarga a experiência que nos vem da observação direta e do trabalho - dos olhos, das mãos e da ferramenta; aquele, o instrumento a que o aluno se escraviza: este, o instrumento de que se utiliza, como meio; aquele, o livro imposto que se lê por necessidade e se abandona com prazer, o fastio das leituras sem interesse, com que a escola transmite o desamor senão horror aos livros; este o livro de que se precisa e que se procura, como fonte de informações, de estímulos e recreio e de reflexão (...) (AZEVEDO *apud* VIDAL, 2002, p. 343-344).

Encontra-se essa concepção nos textos que acompanham a contracapa dos livros da Série 2ª dos livros didáticos (ver cap.1). Ali chamam a atenção termos como *instrumento de trabalho*, *métodos racionais*, a idéia de que os livros deveriam ser *atraentes e eficazes*, despertar a *simpatia do aluno pela matéria*, que os leve a estudar por atitude própria, ou *por si mesmos*, revelando a concepção de uma leitura ativa e renovada, fundamental para a eficiência dos estudos.

Com as mudanças introduzidas nos anos 1940, sobretudo aquelas decorrentes das alterações das leis orgânicas e da Reforma Gustavo Capanema, de 1942, mantiveram o ensino em dois ciclos, sendo o primeiro, o ginasial, e o segundo, o colegial, subdividido em clássico e científico. O Programa de Português de 1942 forneceu as diretrizes pontuais, nas quais estavam explicitados os gêneros e os usos da literatura escolar, reiterando ainda o papel desta

na cunhagem daquilo que Furet (s.d.) designou em relação ao caso francês de “pedagogia do cidadão”³².

Primeira série: Far-se-á em trechos, em prosa e verso, que tenham por assunto principal a família, a escola e a terra, natal.

Segunda série: Far-se-á em trechos, em prosa e verso, que tenham por assunto principal a paisagem e a vida em cada uma das regiões naturais do Brasil.

Terceira série: Far-se-á em trechos, em prosa e verso, que, sempre subordinados à idéia geral de amor ao Brasil, tenham por assunto principal a conquista da terra, o melhoramento dela e a atualidade brasileira.

Quarta série: Far-se-á, por já aspirar a constituir uma iniciação literária, em excertos da literatura brasileira e portuguesa, distribuídos em três classes: cartas, prosa literária e poesia. (Portaria Ministerial nº 170, de 11 de julho de 1942).

O programa era claramente patriótico e nacionalista, trazendo as marcas do discurso ideológico do Estado Novo. A Reforma Capanema mostrava a preocupação de imprimir um pertencimento à nação brasileira. Ao estabelecer a obrigatoriedade da frequência à escola secundária *assegurava-se que as novas gerações se sentariam nos bancos escolares e neles permaneceriam o tempo suficiente para o aprendizado de uma cultura comum...* (SCHAWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000, p. 210).

Estas disposições aparecem de forma explícita na organização do livro de Júlio Nogueira, *Programa de português – Antologia*, 1ª e 2ª séries (1944), no qual o autor segue criteriosamente esta determinação, utilizando na organização do material os temas sugeridos, ordenando os excertos em blocos temáticos: *A família, A escola, A terra natal*, escolhendo como texto de abertura para a primeira série o excerto *A família em face da Constituição*, sendo apresentados os artigos 124, 125, e 127, da Constituição de 1937. O livro de Julio Nogueira segue de perto o Programa de 1942. Não por acaso, o autor faz questão de enfatizar esta adequação no texto de apresentação do livro: *Temos a satisfação de apresentar a nossa Antologia para a 1ª e 2ª séries, organizada inteiramente de acordo com a orientação do programa de 15 de julho de 1942* (NOGUEIRA, 1944).

Ainda que no restante do material analisado não se verifique esta mesma organização em blocos temáticos, a leitura dos conteúdos dos excertos presentes nos livros didáticos *Seleta Moderna*, de Othoniel Motta; *Programa de Português 2ª edição*, de Julio Nogueira; e *Língua*

³² FURET, François. O nascimento da história. *A oficina da história*. Porto: Gradiva, s.d.

Portuguesa, de Aníbal Bruno permite inferir que estes poderiam ser facilmente adaptados aos blocos temáticos sugeridos pelo Programa de 1942.

Nas introduções metodológicas para o programa reencontra-se essa concepção patriótica, que valoriza a filiação à *civilização ocidental* e eleva a *consciência patriótica* dos adolescentes, sugerindo uma formação que permite a continuidade dos estudos mais *elevados*.

Instruções metodológicas para o programa de português.

I. (...) d) mostrar-lhe a origem românica de nossa língua e, portanto, a nossa integração na civilização ocidental, o que o ajudará a compreender melhor o papel do Brasil na Comunhão americana e fora dela.

(...)

III. O papel da leitura

O professor se empenhará em obter o máximo proveito da leitura, um manancial de idéias que fecundam e disciplinam a inteligência e concorrem para acentuar e elevar, no espírito dos adolescentes, a consciência patriótica e a consciência humanística. Na leitura, explicada minuciosamente de todos os pontos de vista educativos, é que os alunos encontrarão boa parte da base necessária à formação da sua personalidade integral, bem como aquelas generalidades fundamentais donde eles poderão subir a estudos mais elevados de caráter especial. (Portaria Ministerial nº 172, de 15 de julho de 1942).

O material didático procurou atender às necessidades dos programas, pois precisava da aprovação governamental para poder chegar ao mercado. Nos anos 1930, o Ministério da Educação centralizou as políticas educacionais, principalmente aquelas relacionadas ao ensino secundário e também se ampliou o controle sobre a produção do livro didático, com a criação da Comissão Nacional do Livro Didático, em 1938. Ao examinar a seleção dos excertos, constatou-se que esta não era aleatória, mas envolvia a política educacional e a política cultural do período, assim como as intervenções e relações travadas pelos seus formuladores.

Toda essa preocupação do programa com o ensino da língua e o uso dos *bons escritores* sugere que no espaço escolar vinha se constituindo um cânone literário-escolar, e neste aspecto o livro tornava-se fonte principal, pois ele materializava essas indicações por meio da seleção de excertos e autores, sendo trabalhados textos modelares e tidos como essenciais para a formação do *caráter e da moral* do brasileiro. Portanto, cabe aqui pensar sobre o debate da nossa formação. A produção historiográfica e os estudos sobre currículo vêm apontando que o ensino de literatura e da nossa história literária contribuiu de forma

relevante para a constituição da identidade nacional³³. Os estudos históricos sobre a formação da Nação e do Estado-Nacional assinalam o papel proeminente da escola, do ensino de história e literatura para a consolidação de uma determinada concepção de nação e do papel que este material didático pode ter desempenhado. Alain Choppin assinala que o livro didático tem, entre suas funções:

Função ideológica e cultural; é a função mais antiga. A partir do século XIX, com a constituição dos estados nacionais e com o desenvolvimento, nesse contexto, dos principais sistemas educativos, o livro didático se afirmou como um dos vetores essenciais da língua, da cultura e dos valores das classes dirigentes. Instrumento privilegiado de construção de identidade, geralmente ele é reconhecido, assim como a moeda e a bandeira, como um símbolo da soberania nacional e, nesse sentido, assume um importante papel político. Essa função, que tende a aculturar – e, em certos casos a doutrinar – as jovens gerações, pode se exercer de maneira explícita, até mesmo sistemática e ostensiva, ou ainda, de maneira dissimulada, sub-reptícia, implícita, mas não menos eficaz. (CHOPPIN, 2004, p. 553).

O currículo brasileiro tem uma relação muito forte com a tradição francesa de currículo humanista, de conotação moral, que busca formar o homem livre, tendo por objetivo educar a elite dirigente da nação. Esta tradição de currículo humanista se apóia em textos canônicos, como ressalta os estudos de André Chervel e Marie-Madeleine. Tal currículo, preocupado com a retórica e com o conhecimento da língua, insere os alunos em uma tradição clássica, voltada para a formação literária e para as belas letras, preocupada com o desenvolvimento daquele que vai desempenhar o papel de cidadão capaz de administrar o Estado.

Essa formação confere àqueles que dela participam, uma marca indelével de pertencer à elite, sendo um signo de reconhecimento, senão pelo desempenho ou gosto pelas línguas antigas, pelo menos por uma certa familiaridade com frases ou citações latinas. (CHERVEL; COMPERE, 1999, p.152).

Esta tradição formadora de educação moral, de caráter liberal, de preparação de uma elite se fez presente no Brasil nos currículos do século XIX e início do XX, com a adoção de currículos enciclopédicos e liberais, nos quais a escola atendia a uma pequena porção da população. Os livros didáticos do período revelam essa concepção, apresentando textos clássicos, com prescrições morais e enaltecendo a nação brasileira, procurando inserir o país dentro da tradição européia. Com a Escola Nova, a partir dos anos 1920 e 1930, tem-se certa

³³ Há uma longa contribuição de historiadores e estudiosos sobre currículo que aponta a relação entre a formação do currículo e a formação da identidade nacional. Ver ABUD, 1998; AZEVEDO, 2003; BITTENCOURT, 1993.

continuidade, procurando-se realizar o projeto de reforma social e colocar o país nos trilhos da civilização e da modernização. Em suas reformas, os educadores ligados à Escola Nova, os denominados pioneiros, buscaram atender às novas demandas e, em última instância, “civilizar” o Brasil.

Os pioneiros realizaram suas reformas educacionais em alguns estados do Brasil e estas tornaram-se a base institucional do INEP (Instituto Nacional de Pesquisas Pedagógicas), criado para atuar como centro de estudos das questões educacionais, entre elas a questão curricular, sendo seu diretor Lourenço Filho, identificado com o ideário da Escola Nova. Os pioneiros carregavam certa ambiguidade, pois, embora se preocupassem com os aspectos técnicos da construção científica de ambientes instrucionais, se preocupavam também com questões sociais e procuravam, por meio da escola, fazer a reforma social. Não constituíam um grupo homogêneo, pois havia desde participantes de tendências liberais conservadoras, até os de posição mais radical. Parte desses educadores atuava em órgãos responsáveis pela elaboração de políticas educacionais durante o Governo Vargas, a partir da década de 1930³⁴, determinando programas, selecionando livros e textos que influenciaram a formação do aluno-leitor.

2.3. A FORMAÇÃO DO LEITOR

Conforme mencionado, o livro didático e os programas sinalizaram sobre a formação do leitor e de um cânone literário escolar. A sua difusão colaborou para estabelecer uma determinada tradição de autores e textos presentes no espaço escolar, que foram ensinados, declamados, analisados, tomados como exemplos de domínio da língua e da escrita literária.

O livro de ensino de língua e literatura procurava formar o leitor dentro de uma determinada convenção, que se traduz em um repertório de autores e textos negociados e abonados por uma tradição crítica. Portanto, longe de ser universal, o cânone literário remete a procedimentos de seleção e hierarquização plenos de historicidade, é objeto de revisitação e está sujeito à autoridade das comunidades interpretativas³⁵. A questão do cânone originariamente se articulava com a busca de uma interpretação unívoca do texto sagrado e

³⁴ Sobre a atuação dos intelectuais e educadores ver MICELI, 2001 e SCHWARTZMAN, BOMENY, e COSTA, 2000.

³⁵ Ver COMPAGNON, 2001, p.139-164.

homologado pelas autoridades religiosas. Posteriormente, foi aplicado à esfera do Direito com vistas a estabelecer a interpretação “mais correta” da norma jurídica³⁶.

A questão do cânone é de suma importância para esse estudo. Trata-se de saber quais são os critérios de seleção das “grandes obras” ou daqueles “textos fundadores” que corroboram a existência de uma “comunidade imaginária”³⁷. Ainda nesta perspectiva, é de fundamental importância esclarecer quem são as autoridades ou especialistas “competentes” para selecionar ou vetar textos e autores que transmitam os valores de uma cultura, obras perenes que devem ser apresentadas às novas gerações.

Ao refletir sobre a construção de um *corpus* interpretativo que subsidiou a formação do cânone literário brasileiro, o crítico João Alexandre Barbosa destacou a presença de dois vetores antinômicos:

Se no caso das literaturas européia e norte-americana a fixação de cânones literários resultou assim do aparecimento de grandes ensaios de interpretação da herança cultural do Ocidente, quase sempre movidos por um forte apelo classicizante, dando como resultado um rígida hierarquização de gêneros, raças, e modelos culturais, que somente será abalada pelos movimentos multiculturais de anos recentes, no caso brasileiro a formação do cânone literário segue, de bem perto, o próprio desenvolvimento de nossas relações de dependência e de autonomia com vistas as fontes metropolitanas.

Para tanto, contribuíram, sobretudo, os esforços no sentido de estabelecer um *corpus* de autores e obras identificados como brasileiros e diferenciados das origens européias, em que se destacavam, como não podia deixar de ser, as portuguesas. (BARBOSA, 1996, p. 23).

No Brasil, a atuação dos homens de letras românticos constituiu-se num esforço para a invenção de uma tradição literária nacional, mas que, simultaneamente, preservava as nossas relações com a tradição européia. Essa busca provocou historicamente a organização de antologias, mosaicos, parnasos e florilégios por críticos, eruditos e professores, como as realizadas por Januário da Cunha Barbosa, João Manoel Pereira da Silva, Gonçalves de Magalhães, Joaquim Norberto de Sousa e Silva e Francisco Adolfo de Varnhagen, que, num esforço de sistematização, compuseram uma primeira seleção de um cânone literário brasileiro³⁸. Este esforço se estende até as primeiras décadas do século XX, tendo continuidade no movimento modernista.

³⁶ Ver ISER, 2005 (em especial, capítulos 1 e 2).

³⁷ Ver ANDERSON, 1989.

³⁸ SCHAPOCHNIK, 1997.

Toda essa preocupação com a formação e a língua tem raízes fortes no Brasil³⁹ nas décadas iniciais do século XX. O debate sobre a língua portuguesa é bastante presente na imprensa e nos meios educacionais, apontando-se as diferenças do falar no Brasil e em Portugal entre puristas da gramática e os que defendiam a legitimidade dos brasileirismos. Essa polêmica vai se estender por todo o século XX, como se verifica na dificuldade de um acordo entre os países falantes da língua portuguesa. No Governo Vargas, precisamente em 1931, é feito o acordo entre Brasil e Portugal e se inaugura a ingerência do Estado brasileiro na questão ortográfica.

Cabe ressaltar que essa discussão resultou, muitas vezes, em um nacionalismo exacerbado, onde a questão a se resolver era saber o que somos, ou o que fazer com a influência africana e indígena - no nosso falar - negá-las, rejeitá-las ou incorporá-las? Todo esse debate apareceu nos jornais e revistas e, no geral, os homens das letras polarizaram-se entre os puristas da língua e os que defendiam a legitimidade dos brasileirismos⁴⁰.

Esse debate também se refletiu na educação e esta passou a constituir um instrumento para construção da nacionalidade (SCHWARTZMAN, 2000, p. 90) e de homogeneização da sociedade brasileira. Em um país com grande número de imigrantes é necessário incorporá-los, por meio de ações como a nacionalização do ensino primário, a publicação de material didático somente na língua nacional, desenvolver o civismo e o amor à pátria. Toda essa discussão sobre a nossa brasilidade passou a ser um fator determinante na organização dos programas e livros, tanto para o ensino primário como para o ensino secundário, como visto nos programas de 1931 e 1942, e na conformação do cânone escolar.

Para atender a essa política, o livro de ensino de língua e literatura trabalhou, na maioria das vezes, com os ditos autores modelares, os “consagrados”, aqueles que deviam ser ensinados às novas gerações e, se possível, trouxessem as marcas da nossa brasilidade. Portanto, autores já canonizados pela crítica e pelos espaços de consagração instituídos, como por exemplo, o Colégio Pedro II, referência no campo educacional, a Academia Brasileira de Letras e os jornais. Importa, pois, avaliar de que forma o estabelecimento e a revisão do

³⁹ Não apenas no Brasil, a língua é fundamental na formação dos Estados nacionais. Ver HOBBSBAWM, 1990.

⁴⁰ Sobre este debate ver LUCA, Tânia Regina de. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999 (em especial o Cap. 5 Língua: edificação da cultura nacional).

cânone literário se articulam com os processos de escolarização⁴¹ da literatura, como esta seria utilizada em sala de aula, atendendo aos aspectos recomendados nos programas de ensino de português e de literatura⁴². Lajolo (1982), em seu estudo sobre *Bilac e a literatura escolar*, identifica um espírito predominante no livro didático, que os textos literários têm que ser úteis, tendência encontrada nos livros da CEN, conforme pode ser visto nos quadros do Apêndice A.

O espírito predominante nos livros de antanho, a pensar no *dulce et utile* de Horácio, é de privilegiar o *utile*. O *Dulce* fica para os saraus acadêmicos e sessões de declamação. A literatura apresentada pela escola é sempre categórica: o imperativo do “ama com fé e orgulho a terra em que nasceste” repete-se sempre, num longo rosário de ordens, comandos e proibições. Pode-se entrever por trás disso, a crença ingênua (mas ao mesmo tempo maquiavélica e autoritária) de que o educando, situando-se na posição de ouvinte desse discurso mais ético do que literário, cumprirá, pela vida afora, as ordens que subliminar ou ostensivamente lhe foram transmitidas pelos textos das seletas escolares. (LAJOLO, 1982, p. 50).

Outro tópico fundamental, também decorrente desta reflexão sobre o cânone literário, com ênfase naqueles textos que circulavam na escola, é compreender o que era entendido ou designado por literatura. Hoje, quando se faz referência à literatura, pensa-se na escrita ficcional, mas quando se trata do material didático, encontra-se uma diversidade de gêneros literários: ensaios, sermões, discursos parlamentares, relatos de viajantes, textos não ficcionais. Isto é, a categoria “literatura” mostrava-se naquele momento bastante extensa e elástica. Com o surgimento do romance, a relação literatura e imaginação passaram a ser mais afinadas, mas o termo literatura sempre teve uma abrangência maior do que somente a concepção de literatura, como a criação de textos ficcionais. Considerando a longa tradição literária ocidental, verifica-se a existência de textos canônicos que, em sua origem, tinham outra função, eventualmente pedagógica, histórica e política, mas que ganharam outros sentidos por parte dos leitores em outros contextos históricos. Por exemplo, a leitura de oitiva dos sermões do Padre Viera no século XVIII tem um sentido totalmente distinto daquele previsto na antologização do sermão em um livro de leitura do século XX. Embora o texto

⁴¹ Ver SOARES, 2001; e LAJOLO, 1993.

⁴² Os programas analisados foram: os do curso fundamental do ensino secundário, expedido pela Portaria nº. 70., de 30 de junho de 1931; os do curso complementar do ensino secundário, expedidos pela Portaria de 17 de março de 1936; e os programas de línguas e de ciências do curso ginásial e do ensino secundário, expedidos pela Portaria Ministerial nº170, de 11 de junho de 1942.

seja o mesmo, a maneira como é manipulado, sua relação com o leitor e o suporte que garante a sua perpetuação, indicam a diversidade de experiências.

Esta tendência em naturalizar a experiência do fazer literário foi objeto de advertências do crítico Terry Eagleton, quando assevera que:

Se é certo que muitas das obras estudadas como literatura nas instituições acadêmicas foram “construídas” para serem lidas como literatura, também é certo que muitas não o foram. Um segmento de texto pode começar sua existência como história ou filosofia, e depois passar a ser classificado como literatura; ou pode começar como literatura e passar a ser valorizado por seu significado arqueológico. Alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros tal condição é imposta. (EAGLETON, 2006, p. 13).

Desta forma, a idéia de estudar a inserção de autores e textos do modernismo paulista no material didático da Companhia Editora Nacional, a partir dos anos 1930, deve-se ao fato de se considerar que este movimento ganhou grande projeção nos estudos literários, tornando-se para muitos um momento fundante da literatura brasileira, marco de nossa independência literária e um período de reorganização do cânone literário brasileiro.

Assim, pode-se afirmar que a Companhia Editora Nacional se colocou como agente da renovação cultural, pois inovou nos aspectos gráficos, na seleção dos seus autores e na constituição das suas coleções, elaborando estratégias editoriais que permitiram a sua inserção na renovação cultural do país e a sua sobrevivência como empresa, trabalhando o livro tanto como mercadoria, quanto como um produto cultural. Pela busca de excelência, pela qualidade editorial do material publicado e dos autores envolvidos em sua produção, da sua na importância econômica no mercado de livros essa casa editorial se constituiu em importante espaço de legitimação e consagração intelectual.

Observando-se os quadros de autores e excertos dos livros didáticos elaborados para este trabalho (Apêndice B), percebe-se que o movimento modernista teve na sua escolarização uma série de matizes, demonstrando a existência de vários modernismos e modernistas, ao lado de uma forte presença de autores contemporâneos aos modernistas, mas de corte simbolista, parnasiano ou, na denominação de Miceli (2001, p. 54), os anatolianos⁴³, bastante

⁴³ A denominação anatolianos de Sérgio Miceli, se refere ao “um tipo novo de intelectual profissional, assalariado ou pequeno produtor independente, vivendo dos rendimentos que lhe propiciam as diversas modalidades de sua produção, desde a assessoria jurídica, as conferências, passando pelas colaborações na imprensa, até a participação nos acontecimentos mundanos...” MICELI (2001, p. 54).

atuantes na imprensa e no mercado editorial, como por exemplo, Júlia Lopes de Almeida, Paulo Setúbal, Monteiro Lobato, Olavo Bilac, sucessos editoriais dos anos 1920, muito presentes nos livros didáticos analisados com excertos de suas obras.

Outra marca parece ser a perenidade de determinados autores, que foram se firmando ou se estabelecendo como cânones. Autores como Olavo Bilac, Machado de Assis, Euclides da Cunha, Casimiro de Abreu, Castro Alves, José de Alencar e Joaquim Nabuco, que estão presentes em quase todo o material analisado, como se pode notar pela leitura do Apêndice B (Autores presentes nos livros didáticos da Companhia Editora Nacional).

O processo de escolarização do movimento modernista no material analisado da Companhia Editora Nacional permite considerar que a construção de uma memória vitoriosa do modernismo paulista, ligado às figuras de Mário de Andrade e Oswald de Andrade, colocou no limbo diversos autores modernistas e contemporâneos dos modernistas, que podem ser recuperados ao analisar este material didático.

3. O LIVRO DIDÁTICO E A CONFORMAÇÃO DO CÂNONE

Antigamente era a frente única. Pancada nos inimigos. Agora é discórdia. Pancada nos companheiros. A preocupação de saber quem é que está certo. Ou quem é mais gostoso: quem é que está errado. Crítica e mais crítica. E principalmente a preocupação idiota (como já me disse Paulo Prado) de querer saber quem é mais brasileiro da gema. A toda hora surge um cavalheiro batendo com a mão no peito: Eu é que sou auriverde de verdade!

(Entrevista de Antonio de Alcântara Machado a Peregrino Jr. (*O Jornal*. RJ, 03/07/1927). In: *Obras* v.1 (Prosa preparatória & Cavaquinho e saxofone). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ INL, 1983, p.280).

O livro didático de ensino de português e literatura tem como recurso a utilização de excertos literários para o desenvolvimento da disciplina. Tais excertos não são escolhidos aleatoriamente, mas considerando-se: a política educacional e cultural do período; os programas curriculares; o desenvolvimento da crítica; a concepção dos autores do material didático; e as necessidades internas da disciplina, pois os excertos são utilizados para os exercícios de gramática e de análise literária, em um processo de escolarização da literatura, que seleciona e exclui. Portanto, os livros didáticos apresentam uma concepção de literatura e uma determinada história literária e acabam por conformar o cânone literário-escolar, por meio da seleção de excertos e autores. Na escolarização do movimento modernista encontra-se o mesmo processo de seleção, classificação e exclusão de autores e excertos, características da escolarização.

Neste trabalho, ao se pesquisar a inserção dos autores modernistas nos livros didáticos da Companhia Editora Nacional, considerou-se o modernismo dentro do processo de modernização por que passavam a cidade de São Paulo e o país, repleto de contradições, sendo que o momento do seu surgimento envolveu todo um desenvolvimento técnico e de mudanças comportamentais, abrangendo as mais diversas áreas, como o urbanismo, as artes gráficas, o cinema, a literatura, as artes plásticas, a educação e a própria cidade como o local de excelência do moderno.

Todas essas transformações têm por palco as cidades: viver nos grandes centros era desfrutar essa experiência, participar de um mundo novo, carregado de contradições. E essa ebulição estava presente na produção literária dos escritores europeus e americanos do período – e também no Brasil. Desde as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, os literatos traziam em suas obras, principalmente em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, as questões colocadas pela sociedade, que sentia o impacto da modernização no cotidiano, transformado por aparelhos como o cinematógrafo, o automóvel, o aeroplano, a máquina de escrever, as inovações gráficas entre outros⁴⁴. Essas inovações apareceram na produção de vários escritores das primeiras décadas do século XX, identificados ou não com o modernismo paulista.

⁴⁴ Sobre a modernização técnica e as transformações na escrita ver HARDMAN, 1998; SEVCENKO, 1989 e SUSSEKIND, 1987.

O movimento modernista de São Paulo tem como uma de suas características a de se discutir o país por meio do fazer literário, o que coloca o modernismo dentro da nossa tradição literária de busca pela nossa identidade, ou a nossa brasilidade. Preso ao seu tempo, o grupo modernista de São Paulo (Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo e Plínio Salgado) entrou no debate sobre identidade e originalidade da cultura brasileira, em um processo de redescobrimento do país que caminhava por distintas vias. Ou seja: junto com outros setores da sociedade, os modernistas, com todas as suas nuances e diferenças, pensaram e propuseram modificações para o país, assim como os educadores.

Nesse panorama de modernização geral se inscreve a corrente artística renovadora que, assumindo o arranco burguês, consegue paradoxalmente exprimir de igual forma as aspirações de outras classes, abrindo-se para a totalidade da nação através da crítica radical às instituições já ultrapassadas. Nesse ponto o Modernismo retoma e aprofunda uma tradição que vem de Euclides da Cunha, passa por Lima Barreto, Graça Aranha, Monteiro Lobato: trata-se da denúncia do Brasil arcaico, regido por uma política ineficaz e incompetente. (LAFETÁ, 2000, p. 17).

A história do movimento modernista tem sido alvo de muitos trabalhos, que vêm demonstrando que o modernismo foi múltiplo e repleto de ambiguidades. Se de um lado tem-se o modernismo de Mário de Andrade ou de Oswald de Andrade, têm-se, também, Plínio Salgado, Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo, autores que primeiramente estavam juntos na inovação estética proposta pelo movimento, mas que a partir de 1924, seguiram por caminhos diversos, com o surgimento de grupos e manifestos como o Manifesto Pau-brasil, de Oswald de Andrade, de 1924; o Grupo Verdeamarelo, em 1926; e o da Anta, em 1927.

Outro ponto de investigação é a relação entre o desenvolvimento da crítica literária no Brasil e o movimento modernista. Essa crítica se desenvolveu inicialmente nos rodapés das páginas de jornal e, posteriormente, nos estudos realizados nas universidades, principalmente na Universidade de São Paulo. Tais estudos incidiam sobre o conteúdo do material didático. Durante os anos 1930 e 1940, houve uma forte influência católica no campo educacional, que se fez presente também na crítica e na produção literária, tendo Alceu Amoroso Lima como o principal crítico da linha católica.

A temática dos modernistas encontra-se presente em outros escritores e ressalta-se que este movimento não se resumiu a São Paulo⁴⁵. O trabalho de Tânia de Luca sobre a Revista do Brasil, ao recuperar os debates presentes na revista, demonstra como os intelectuais daquele período debatiam questões educacionais, literárias e políticas e ressalta que a questão da desqualificação estética por que passaram os antecessores do modernismo deve-se à posterior posição que os modernistas ocuparam no campo literário.

A desqualificação estética imposta pelos modernistas aos seus antecessores, resultado da posição hegemônica que passaram a desfrutar, acabou por projetar sua sombra sobre toda e qualquer produção dos derrotados, que por extensão passou a ser considerada indigna de atenção. Entretanto, um olhar menos armado revela o enorme esforço despendido para tentar compreender o país e apontar caminhos. Os resultados, apesar de carregarem as marcas do seu tempo, fundaram explicações e acalentaram mitos que ainda conservam parte do seu fetiche. (LUCA, 1999, p.30).

A análise do livro didático, pertencente a uma coleção como a Biblioteca Pedagógica Brasileira, que se apresenta como renovadora dos livros escolares essenciais para a mudança pedagógica proporciona, nas nuances do seu conteúdo, acompanhar os caminhos trilhados pela inserção dos autores modernistas.

Analisando os textos e autores presentes nos livros de ensino de língua portuguesa da Companhia Editora Nacional, pode-se entender um pouco mais sobre como essa casa editorial, que tinha por editor Fernando de Azevedo, que lutou pela modernização da escola, apresentou o movimento modernista. Mais além pode-se identificar e discutir *quais* modernistas eram valorizados, ou seja, como novas concepções pedagógicas interagiam com novas concepções literárias. Pode-se entender, ainda, como o movimento de renovação pedagógica, que foi parte de todo o processo de modernização por que passava o país, relacionava-se com o movimento modernista na produção do material didático. Em outras palavras, com quais modernismos essa casa editorial tinha afinidades e que autores buscava consagrar.

Considerando a complexidade do movimento modernista, suas diversas correntes e diferenças internas, procurou-se ressaltar o enredamento que envolvia essas escolhas, com vistas a uma abordagem mais abrangente do processo de escolarização do modernismo e de consolidação de um determinado cânone escolar. Quando se observam os autores modernistas

⁴⁵ Verificar a análise de VELLOSO, 2003.

selecionados para figurar nos livros didáticos, entre eles Cassiano Ricardo, Guilherme de Almeida, Menotti Del Picchia, Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira e Ribeiro Couto, nota-se que esses escritores estavam, em sua maioria, envolvidos com a política educacional e cultural do governo Vargas, nos anos de 1930, e inseridos nos órgãos estatais, ligados à cultura e à educação. A seleção desses autores modernistas no material didático, durante os anos 1930-1940, passa não só por questões estéticas, mas também por questões ideológicas. Autores como Cassiano Ricardo, Ronald de Carvalho e Menotti Del Picchia são modernistas que não causam mais atritos, estão assimilados, são *modernistas da ordem*, comprometidos com a política cultural do Governo Vargas.

Do material analisado, têm-se livros que se destinavam ao ensino secundário: os voltados para o exame de admissão ao ensino secundário e livros para as séries iniciais e os anos finais. Todos envolviam, de alguma forma, o ensino secundário e a preparação dos adolescentes. No trabalho de pesquisa com os livros didáticos da CEN, a opção foi pela seleção de coleções didáticas que abrangessem as décadas de 1930 e 1940, mas consultando o arquivo da editora não se encontraram as coleções completas, em um primeiro momento, o que ganha visibilidade é a organização do material didático para atender aos programas governamentais.

A lenta mudança na alteração da lista de autores selecionados, as variações dos trechos escolhidos e as discussões estéticas e políticas do movimento modernista repercutiram na constituição deste novo conteúdo como objeto e saber escolar. Desta forma, os livros didáticos analisados durante a pesquisa apontaram que, no período de 1930 a 1945, os autores e excertos modernistas selecionados para estarem no material foram aqueles identificados com a temática nacionalista.

Examinar o conteúdo, as variações e permanências que ocorreram de edição para edição nos livros didáticos permitiu entender a mudança de sensibilidade em relação às obras e aos autores modernistas. Antonio Candido, em *A Revolução de 1930 e a cultura*⁴⁶, refere-se a uma rotinização e normalização do modernismo após a década de 1930.

⁴⁶ Antonio CANDIDO (2000) informa que os modernistas foram publicados talvez pela primeira vez no livro didático *Antologia da língua portuguesa*, de Estevão Cruz, em 1933, pela editora Globo de Porto Alegre. Neste livro aparecem pela primeira vez Mário de Andrade e Manuel Bandeira.

A incorporação das inovações formais e temáticas do Modernismo ocorreu em dois níveis: um nível específico, no qual elas foram adotadas, alterando essencialmente a fisionomia da obra; e um nível genérico, no qual elas estimulavam a rejeição dos velhos padrões. Graças a isto, no decênio de 1930 o inconformismo e o anticonvencionalismo se tornaram um direito e não uma transgressão, fato notório mesmo nos que ignoravam, repeliam ou passavam longe do modernismo. (CANDIDO, 2000, p. 186).

Como ocorre essa ‘normalização’; quais mudanças favoreceram os modernistas; e como o livro didático colaborou para essa “normalização modernista” no campo literário é o que nos interessa. Considerando que o modernismo não se estabeleceu de pronto, os livros didáticos e os agentes envolvidos na sua feitura (editores, autores, jornalistas, educadores, críticos e suas relações) são importantes para estabelecer outras interpretações sobre a história literária escrita pelos próprios modernistas ou por críticos ligados ao modernismo paulista.

Recuperar e investigar esse período de lutas e mortes que marcam parte da história da formação do campo literário nacional, na verdade, recuperar uma parcela da história cultural brasileira que parecia definitivamente escrita, pelos próprios modernistas, por historiadores da literatura e críticos literários sintonizados com a política modernista. (PASSIANI, 2003, p. 35).

Na pesquisa com o material pode-se identificar, como já apontado, que Lobato mantinha relações com educadores ligados à renovação pedagógica, como Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, bem como com escritores identificados com o modernismo paulista, que Lobato publicou em suas editoras, conforme ressaltado no capítulo 2, e com vários escritores que estavam publicando nas primeiras décadas do século XX. As informações presentes nos trabalhos de Luca (1999, p. 54-53), sobre autores publicados pela *Revista do Brasil*, e os dados do Fundo Monteiro Lobato, localizado no Instituto de Estudos Literários da Unicamp, permitem, por meio da correspondência ativa e passiva de Lobato, a identificação de uma série de autores presentes com excertos nos livros didáticos. Escritores que se encaixariam na indicação dos programas de trabalhar com *autores modernos*, com o sentido de contemporâneo, e que de alguma forma se relacionaram com o editor Monteiro Lobato, colaborando na Revista do Brasil ou tendo sua produção publicada pelas editoras de Lobato. São eles Câmara Cascudo, Maria Eugenia Celso, Roquete Pinto, João Ribeiro, Bento Arruda, Humberto de Campos, Coelho Neto, Lima Barreto, Amadeu Amaral, Julia Lopes de Almeida, Viriato Correa, Silva Ramos, Othoniel Motta, Afrânio Peixoto, Afonso Celso, Medeiros e Albuquerque, Ribeiro Couto, Vicente de Carvalho, Lourenço Filho, Gustavo Barroso, Graça Aranha, Paulo Setúbal, Alcântara Machado, Menotti Del Picchia, Luis Edmundo, Mário Sette, Múcio de Leão, Cassiano Ricardo, Mário de Alencar, Hélio Lobo, Alberto de Oliveira, Antonio Sales, Rui Barbosa, Alceu Amoroso Lima, Olavo Bilac, Martins

Fontes, Rodrigo Otavio, Guilherme de Almeida, Afonso Arinos, Olegário Mariano, Cleomenes Campos e Ronald de Carvalho. Ou seja, tem-se nos anos de 1920 toda uma gama de autores contemporâneos aos modernistas que estavam produzindo, e que nos anos de 1930-1940 tinham legitimidade para estarem presentes no material didático da Companhia Editora Nacional.

Apesar de representar uma pequena parcela da produção didática do período, o material analisado permite um olhar sobre a constituição do cânone escolar, por meio da permanência ou mudança dos autores selecionados. A opção de analisar a presença de autores ligados ao modernismo paulista pressupõe que este movimento colocou-se (assim como parte de seus críticos) como marco divisor da nossa história literária e modelo de renovação da literatura nacional. A construção do modernismo paulista como divisor de águas da literatura brasileira deve muito a uma crítica literária formada a partir dos próprios modernistas e da constituição da Universidade de São Paulo⁴⁷.

Os sentidos de modernismo, como tendência geral, foram também homogeneizados a partir de valores, temas e linguagens do grupo de intelectuais e artistas que fizeram a Semana de Arte Moderna, em São Paulo, no ano de 1922. Boa parte da crítica e das histórias culturais e literárias produzidas desde então, construíram modelos de interpretação, periodizaram, releeram o passado cultural do país, enfim, com as lentes do movimento de 1922. Atados em demasia à noção de “vanguarda” (vanguardas estéticas, vanguardas revolucionárias, vanguarda do pensamento nacional ou consciência do “nacional popular”) tais esquemas, em flagrante anacronismo, ocultaram processos culturais relevantes que se gestavam na sociedade brasileira, a rigor, desde a primeira metade do século XIX. (HARDMAN, 1994, p. 290).

Como descreve Hardman (1994), esse modelo de interpretação ligado ao movimento de 1922 aponta que deve-se ter um cuidado ao retratar os autores presentes no livro didático para não incidir numa leitura que separa entre antes e depois e que oculta um momento complexo da literatura e da sociedade brasileiras. Lajolo (2008), em artigo sobre correspondência entre Lobato e Mário de Andrade, afirma que se considerar outras manifestações da modernidade tem-se uma quebra deste projeto.

É na alteração de modos e de bases técnicas de produção que se delineiam outros modernismos, outras manifestações de modernidade que podem tirar o grupo paulista reunido em torno à Semana de Arte Moderna de 1922 a grife de exclusividade com que vem distinguindo a história literária canônica

⁴⁷ Sobre a crítica literária uspiana e as suas relações com os modernistas ver PONTES, 1998, entre outros.

– projeto ambicioso que se iniciou contemporaneamente à própria Semana e se realiza por diferentes formações discursivas, de livros didáticos a crítica militante. (LAJOLO, 2008, p. 145-146).

Se na atualidade tem-se uma consagração de Mário Andrade e Oswald de Andrade, no material da Companhia Editora Nacional os modernistas encontrados são outros, como Cassiano Ricardo, Ribeiro Couto, Ronald de Carvalho, Menotti Del Pichia, Guilherme de Almeida e Manuel Bandeira. Além de que no material pesquisado, principalmente nos livros voltados para os primeiros anos do secundário, os autores presentes não são identificados por escolas literárias como modernistas. O que se encontra dos autores citados são pequenas notas biográficas, como data de nascimento e de falecimento, o nome completo do autor e algum comentário valorativo sobre o escritor, como aparece nas notas de Othoniel Motta: *Affonso Arinos foi elegante escritor, de forma correta e suave, em que vibra uma nota de sadio brasileiro*. (MOTTA, 1935, p. 27).

É importante ressaltar também que os autores desse material didático utilizavam diversos escritores da virada do século XIX e início do século XX. Observando o Apêndice A (Quadro A.1 – Lista de autores presentes nos livros didáticos) encontram-se 160 autores brasileiros e percebe-se a presença marcante de autores nascidos na segunda metade do século XIX, com produção entre as últimas décadas daquele século e as primeiras do século XX. Outra marca do material é o grande número de excertos que tratavam da valorização do Brasil, de “tipos nacionais” do Brasil e de “cenas do Brasil”, como o gaúcho e o sertanejo, bem como textos com conotações morais, como os de “*ensinamentos elevados*”, textos sobre os “*grandes homens da nossa história*” e textos que eram utilizados como modelos da boa escrita. Essa opção, como mencionado no capítulo anterior, procurava atender aos Programas Curriculares, que solicitavam a utilização de autores modernos, ou seja, que se diferenciavam dos textos clássicos, mas também procurassem transmitir valores morais e nacionais e de amor à pátria. Essa opção é bastante compreensível, considerando-se a política educacional e cultural do governo Vargas⁴⁸, que investia no fortalecimento do nacionalismo.

Os títulos do material analisado já indicam que se trata de recortes da produção literária: *Seleção Moderna*, de Othoniel Motta, de 1935; *O nosso idioma*, de Paulo de Freitas, de 1936; *Programa de Português*, de 1938; *Programa de Português - Antologia*, de 1940;

⁴⁸ Ver VELLOSO, 2003.

Programa de Português - Antologia, de 1944; livros de Julio Nogueira, *Língua Portuguesa - Antologia*, de Aníbal Bruno, de 1943; e *Trechos Seletos*, de Sousa da Silveira, de 1943.

Como não poderia deixar de ser, esses autores faziam um recorte da produção literária nacional e portuguesa, com alguns autores de outras nacionalidades, de acordo com os seus objetivos e indicações do programa, que envolviam o ensino da língua por meio da produção literária, como destaca Sousa da Silveira, no prefácio de *Trechos Seletos*:

Não se tome o adjetivo “seleto” como denunciando orientada a escolha no sentido de serem primorosas, irrepreensíveis, como alta literatura, as páginas apresentadas. Olhou-se também um pouco para interesses gramaticais do idioma pátrio, e para fatos de sua diferenciação geográfica. (SILVEIRA, 1938, Prefácio).

3.1. OS LIVROS DIDÁTICOS SELECIONADOS

3.1.1. OTHONIEL MOTTA – *SELETA MODERNA*

Conforme mencionado no capítulo anterior, Othoniel Motta (1878-1951), nascido em Porto Feliz (SP), era ensaísta e gramático, pastor protestante, professor de português do Ginásio do Estado em Ribeirão Preto e depois em Campinas, foi comissionado na cadeira de Literatura Luso-brasileira, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, membro da Academia Paulista de Letras. Também colaborou em vários jornais como o *Correio Paulistano* e *O Estado de São Paulo*, escreveu contos e novelas, foi diretor da Biblioteca Pública de São Paulo, era um autor de prestígio e com alcance no meio educacional. O autor que tinha obras publicadas por outras editoras, ao ser publicado pela CEN, recebia de direitos autorais 23% do preço de capa do livro, diferente dos outros autores da coleção que recebiam uma variação de 3% a 10% do preço⁴⁹, sendo um indicativo da importância deste autor. Na sua *Selecta Moderna*, 4ª edição, de 1935, que atendia ao programa de 1931, percebe-se que o termo “moderna” está associado a contemporâneo, ao novo. Os autores eram todos do final do século XIX e das primeiras décadas do XX. Têm-se 30 autores, com 72 excertos. Destes, 16 eram brasileiros, sendo 10 autores pertencentes à Academia Brasileira de Letras, presentes com 42 excertos; dez eram portugueses, (com 23 excertos); três de outras nacionalidades (com 6 excertos); e um sem identificação.

⁴⁹ Informação retirada do contrato dos autores com a Companhia Editora Nacional, nos anos 1920.

Os autores selecionados por Othoniel Motta atuavam na imprensa, colaborando em jornais e revistas. São autores que estavam sendo editados nos anos 1920, 1930 e 1940. Nos excertos selecionados encontram-se prosa, poesia e, ainda, textos que não eram propriamente literários, mas informativos como “Adubos Chimicos”, da lavra de Assis Brasil⁵⁰. Na nota de rodapé sobre Assis Brasil, Othoniel Motta fez a seguinte referência: “é o ilustre patricio que ainda vive e age no cenário político de nossa terra. Pensador brilhante e escriptor elegante e correto”. (MOTTA, 1935, p. 64).

O livro de Othoniel Motta apresentava dois tipos de notas de rodapé, as de comentário gramatical e aquelas que o autor dedicava aos escritores selecionados. Mencionavam pequenos dados biográficos, sempre com carga valorativa. A inserção de autores menos conhecidos, ao lado de outros já consagrados, legitimava as escolhas, constituindo uma estratégia de valorização do material e consagração de autores. Percebe-se isso nas seguintes notas sobre Ricardo Gonçalves⁵¹ e Machado de Assis, por exemplo:

Ricardo Gonçalves foi uma brilhante promessa que a fatalidade nos roubou. Seus versos, de singeleza, doçura e verdade admiráveis, reflectem de modo peculiar, o nosso meio e falam a alma da raça, que nelles se espelha.

Machado de Assis, considerado o príncipe dos romancistas brasileiros. A sua forma, correcta, é quasi clássica. É modelo de boa linguagem. (MOTTA, 1935, p. 19 e 70)

No material de Othoniel Motta, o autor seleciona dois escritores contemporâneos aos modernistas, Gustavo Barroso (João do Norte) e Cleomenes Campos⁵², na nota sobre o escritor, Othoniel Motta escreveu: “*Cleomenes Campos é um dos mais festejados poetas da nova geração*”. (MOTTA, 1935, p. 206).

Outra estratégia de valorização do material foi a inserção de textos manuscritos de escritores selecionados pelo autor, na forma de reprodução fac-símile. Na edição pesquisada, encontrou-se a reprodução manuscrita de Candido de Figueiredo, Alberto de Oliveira, Julio Dantas, Cleomenes Campos e a de Gustavo Barroso, conforme mostra a Figura 5:

⁵⁰ Assis Brasil (1875-1945), político do Rio Grande do Sul, atuou na Primeira República e depois no Governo Vargas.

⁵¹ Ricardo Gonçalves (1883-1916), poeta e político foi companheiro de Monteiro Lobato na República do Minarete, no período que ambos estudavam no Largo São Francisco. Ver LOBATO, 1961; e PRADO, 2004, p. 93-99.

⁵² Foi “poeta, teatrólogo, jornalista, radicado em São Paulo desde 1912, agente fiscal do imposto de consumo, membro da Academia Sergipana de Letras e da Academia Paulista de Letras”, tem seus poemas publicados pela primeira vez em 1923. (COUTINHO; SOUSA, 2001, p. 413).

Figura 5 – “A *Selecta Moderna* do professor Othoniel Motta é um livro didático excelente, não só pela escolha dos trechos de autores modernos e conhecidos, como pelo método das lições que, em cada página, suas interessantes notas sugerem. Rio de Janeiro, 3 de maio 1932”. Gustavo Barroso.

Com o pseudônimo de João do Norte, Gustavo Barroso⁵³, escritor muito conhecido no período, aparece no material, com cinco excertos de sua autoria. Na carta reproduzida nas páginas do livro, Gustavo Barroso elogiava Othoniel Motta por suas escolhas, num movimento de legitimação recíproca. Ser escolhido pelo autor do material didático era sinal de prestígio, pois tal escritor merecia ser ensinado. Ao mesmo tempo, Gustavo Barroso qualificava o autor do material por acertar nas suas escolhas, entre elas a sua própria produção

⁵³ Gustavo Barroso (1888-1959) foi escritor bastante popular no período, atuava na imprensa carioca, exerceu diversos cargos públicos, participou do movimento integralista e foi membro da Academia Brasileira de Letras. Sua produção literária foi marcada pelo regionalismo. (COUTINHO; SOUSA, 2001, p. 338).

literária. Entre os excertos selecionados de Gustavo Barroso, encontra-se o título sugestivo de “A raça”.

A raça

Na maioria o sertanejo resulta do cruzamento do índio com o português. Alguns traem no gosto pela vida nômade e nas feições as já diminutas parcelas do sangue irrequieto dos ciganos que o governo da metrópole mandou que povoassem o vale do Jaguaribe. Outros a alourados, fortes de olhos azuis, lembram os holandeses. (BARROSO, *apud* MOTTA, O. *Selecta Moderna*. São Paulo, 4ª edição, 1935, p.88).

O livro também apresenta 3 imagens, uma denominada *O Brasil colonial*, sem identificação do autor, outra chamada *Pipridae “Tangará” ou dançarino*, de autoria do zoólogo alemão radicado no Brasil Herman von Ihering, e a terceira imagem trata-se da reprodução do quadro, *Caipiras negaceando* do pintor paulista Almeida Junior (Figura 6).

Figura 6 – Caipiras negaceando.

Verificando os autores presentes na seleta de Othoniel Motta (Apêndice B, Quadro B.1), que atendia ao Programa de 1931, encontra-se uma série de textos que remetem ao Brasil e à sua “gente”, como nos excertos “Carro de boi”, de Viera da Silva; “Pau d’arco”, de

Arlindo Martins; “A chuva” e “Terra do sol”, de João do Norte (Gustavo Barroso); “Pátria”, de Olavo Bilac; “Atalaia bandeirante”, e “Um Cromo”, de Afonso Arinos; “Fazedores do deserto”, de Euclides da Cunha; “Caça a queixadas”, de Bento Arruda, entre outros. Mas tem-se ainda um considerável número de autores portugueses, como Candido de Figueiredo, Ramalho Urtigão, Antonio Correa de Oliveira, Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Julio César Machado e Julio Dantas, que serviam de modelo e exemplo de escrita, além de alguns escritores de outras nacionalidades, como Maeterlinck, Sully Prud’Homme e Leconte de Lisle. O livro *Selecta Moderna* foi publicado até 1940.

3.1.2. PAULO DE FREITAS – *O NOSSO IDIOMA*

Outro material importante é o livro de Paulo de Freitas (1899-?), *O nosso idioma, curso elementar*, 1ª edição, 2ª, 3ª, 4ª de 1936, 5ª de 1937, 6ª edição de 1938, 7ª edição de 1939, 8ª edição de 1941, 9ª edição de 1942, 10ª edição 1943, 11ª 1944, 13ª edição 1945, 14ª edição 1948, 15ª edição 1948, 16ª edição de 1950, que integrava a Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira dirigida por Fernando de Azevedo. Paulo de Freitas nasceu em São José dos Campos (SP) e foi romancista, contista, pedagogo e diplomado em direito. Estudou na escola Normal Secundária de São Paulo, bacharelou-se na Faculdade de Direito de São Paulo e exerceu o magistério em escolas secundárias, e ainda, foi professor da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de São Paulo.

O Quadro B.2 (Apêndice B) arrola os excertos e os autores empregados nas várias edições do livro, desde a primeira edição (1936) até a 16ª edição (1950). A leitura das distintas edições indica a manutenção do rol dos textos e autores, não tendo sido verificada a presença de nenhum autor modernista.

No livro de Paulo de Freitas nota-se o uso de textos inicialmente curtos nas primeiras lições e nas lições finais aparecem textos um pouco maiores, quase sempre acompanhados de gravuras, com a utilização de fontes maiores, tornando a leitura mais leve, mais convidativa para a criança. A parte gramatical utilizava negritos para destacar os pontos principais das lições: de quadros para organizar verbos; e notas no rodapé sobre ortografia.

No prefácio da primeira edição (1936), encontra-se um agradecimento a Monteiro Lobato. Já na quarta edição, daquele mesmo ano, Lobato fazia a apresentação da obra, valorizando seu aspecto inovador. O texto é uma verdadeira peça publicitária, deliberadamente juntada pelo editor, uma vez que o prestígio de Lobato como escritor de sucesso e como editor certamente conferiria legitimidade ao livro e transferia o seu juízo para

o público. Na contracapa de *O nosso idioma*, que traz o texto de propaganda da coleção, é explicitada, como já mencionado, a destinação prevista para a coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira: contribuir para a *renovação dos livros escolares* e para a *renovação pedagógica*.

Entre os textos selecionados figuram pequenos excertos com conotações morais, sobre homens ilustres do país, como os excertos de Medeiros de Albuquerque, sobre Rio Branco e Paula Ney, ou o de Humberto de Campos sobre Juliano Moreira, além da presença de textos de autores estrangeiros, como Mark Twain e Humboldt.

A obra de Paulo de Freitas tem por característica a seleção de textos infantis ou com temática infantil⁵⁴, como se percebe nos títulos de alguns excertos como “O pequeno travesso”, de Arthur de Azevedo; “A boneca”, de Olavo Bilac; os textos de Lobato, sendo três da série, *O sítio do pica-pau amarelo*: “Cabecinha de boneca”, “Uma idéia da senhora Emília”, e “Na Casa dos Pronomes”; e “Cromo”, de Bento Lopes⁵⁵, reproduzido a seguir:

Cromo

A casa daquela gente
É branca como jasmim .
tem nas vidraças da frente
Forros azues de cetim.
Quando o sol atinge o poente,
Vai de bengala ao jardim
Um velhote impertinente
De roupa clara, de brim!
Enxota os pintos e clama
Contra quem pisa na grama;
Xinga as crianças, cruel!
Por encontra-las, adiante,
Pondo no lago ondulante
Embarcações de papel

(LOPES *apud* FREITAS, P. *O nosso idioma*, 1937, p. 21.).

Entretanto, nos exercícios gramaticais, utilizavam-se excertos de escritores que o autor denominava como “*mestres da nossa língua*”, sendo eles: José de Alencar, Julio de Castilho, Ramiz Galvão, Afonso Celso, Rebelo da Silva, Alexandre Herculano, Sílvio Romero, Raul Pompéia, Machado de Assis, Rodrigo Otávio, Eduardo Prado, Coelho Neto, Padre Vieira,

⁵⁴ Sobre a literatura infantil, seus aspectos pedagógicos verificar o trabalho de ZILBERMAN, 2003, p. 33-59.

⁵⁵ B. Lopes (1859-1916), escritor de origem de humilde, mestiço, ligado ao grupo simbolista, atuava no Rio de Janeiro, ligado a Cruz e Sousa.

Arthur Orlando, Cândido Figueiredo, Mário de Alencar e Júlia Lopes de Almeida. Parece que o autor inova ao se dirigir ao seu público com textos infantis, mantendo, todavia, para o ensino da língua, os autores já reconhecidos pela crítica e história literária, atingindo os professores, pois são esses que fazem a mediação entre o livro e os alunos.

Nos 34 excertos selecionados, encontraram-se somente nove autores, sendo sete autores nacionais. Desses, quatro tinham a legitimidade da ABL; Monteiro Lobato, a de ser um editor e escritor de prestígio; Paulo de Freitas, por ser o autor do material; e Bento Lopes, que era ligado à boêmia literária carioca do início do século. Os autores selecionados para os exercícios gramaticais eram todos estabelecidos na história literária. Dos brasileiros presentes, somente Júlia Lopes de Almeida não pertencia à Academia Brasileira de Letras, mas era casada com um acadêmico, Filinto de Almeida. O livro foi organizado em lições com excertos curtos, acompanhados de exercícios de gramática e os autores denominados por Paulo de Freitas como “mestres de nossa língua”, tinham seus excertos utilizados no ditado, como este de Silvio Romero⁵⁶:

No estudo dos povos que formaram a atual nação brasileira, o primeiro lugar há-de ser dado ao português.

Não é que ele por si só, como supuseram sempre os retóricos das velhas crenças, tenha constituído o nosso presente estado e tenha sido fator único de nossa civilização. Este modo de pensar arbitrário e incorreto é um dos muitos erros que devo atacar de frente. O lugar de honra deve ser dado ao português, porque ele, sem ser o único, é o principal agente de nossa cultura. (ROMERO *apud* FREITAS, P. *O nosso idioma*. São Paulo, 1937).

3.1.3. JULIO NOGUEIRA – PROGRAMA DE PORTUGUÊS

Júlio Nogueira era historiador literário, filólogo, professor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, membro da Academia Brasileira de Filologia e participou da comissão para o Acordo Ortográfico de 1943. Das suas obras analisadas, pertencentes à coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira, têm-se: os livros *Programa de Português para as primeiras séries do ensino secundário* e o *Programa de Português – exame de admissão e antologia*. O livro *Programa de Português – exame de admissão e antologia* foi o que sofreu maiores modificações. Sua primeira edição foi em 1938, voltada para as 1ª e 2ª séries do ensino secundário, com material gramatical e textos para estudo em classe e trazia orientações sobre seu uso em sala: *Este livro apresenta, depois de cada lição, trechos cuidadosamente*

⁵⁶ Silvio Romero (1851-1914), diplomado em direito, membro da denominada geração de 70, ensaísta, crítico literário, professor do Colégio Pedro II, membro da Academia Brasileira de Letras.

escolhidos de escritores que honram as nossas letras. Tais trechos de proporções sempre reduzidas devem ser lidos, em primeiro lugar pelo professor (NOGUEIRA, 1938). O trecho ressalta a seleção do autor com escritores que *honram as nossas letras* e que, portanto, deviam ser ensinados às novas gerações.

Posteriormente, o livro foi se adaptando às mudanças dos programas curriculares. A edição de 1938 segue o programa do curso fundamental do Ensino Secundário expedido pela portaria de 30 de junho de 1931, que trazia as seguintes orientações:

O programa desta cadeira tem por objetivo proporcionar ao estudante a aquisição efetiva da língua portuguesa, habilitando-o a exprimir-se corretamente, comunicando-lhe o gosto da leitura dos bons escritores e ministrando-lhe o cabedal indispensável à formação do seu espírito bem como a sua educação literária para as primeiras séries indica a leitura de trechos de prosadores e poetas contemporâneos, escolhidos de acordo com a capacidade média da classe. (Programa do Curso Fundamental do Ensino Secundário, portaria de 30 de junho de 1931).

O Quadro B.3 – Programa de Português para as primeiras e segundas séries do secundário, 1938, 1ª edição (Apêndice B), referente a Júlio Nogueira, fornece a relação dos autores e os excertos utilizados no material didático. O programa solicitava autores contemporâneos, que neste caso eram autores do século XIX e início do XX. Pode-se constatar que foram 35 autores e 37 excertos, sendo Machado de Assis e Olavo Bilac os únicos autores com dois excertos. Dos 35 autores, 29 apresentavam vínculos com a Academia Brasileira de Letras, na qualidade de fundadores, patronos ou membros da casa. Os autores repertoriados tinham uma enorme visibilidade nas primeiras décadas do século XX, destacavam-se no cenário político e cultural do país, frequentavam as rodas literárias do Rio de Janeiro, atuavam no jornalismo, ou exerciam algum cargo público (diplomatas, professores e outras atividades do funcionalismo).

Dos 37 excertos, tem-se 19 poemas e 18 textos em prosa. Entre os poemas encontram-se variações estilísticas, desde a poesia romântica até sonetos parnasianos. Já entre os textos em prosa, há passagens que podem ser chamadas de pedagógicas, que discorrem sobre a língua portuguesa ou a produção literária brasileira, como o excerto de José Veríssimo, “O lirismo brasileiro”, ou “Neologismo”, do filólogo Mario Barreto. Ainda nesta vertente, localizam-se textos que fixavam representações do Brasil de uma forma sentimental, despertando os anseios cívicos e apelando para a descrição da natureza como elemento que

ressaltava a singularidade do país. Dentre esses podem-se destacar os excertos: “A pororoca”, de Araripe Junior; “Amazônia”, de Humberto de Campos; “O minuano”, de Julia Lopes de Almeida, entre outros.

O Quadro B.4 – Programa de Português – Antologia, 1941, 2ª edição (Apêndice B) contém os autores e excertos selecionados por Julio Nogueira, ainda sob a orientação do programa de 1931. Nesta obra, tem-se um total de 45 excertos, produzidos por 42 autores, dos quais cerca de 26 pertenciam aos quadros da Academia Brasileira de Letras. Comparando os dois quadros, pode-se constatar que entre os autores que permanecem destacam-se Alfredo Taunay, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac e Rui Barbosa. Entre as novas inserções, verifica-se a presença de autores identificados com o modernismo paulista: Ribeiro Couto, com “Canção da espera feliz” e Cassiano Ricardo, com o “Enterro do sol”.

Apesar das mudanças de autores e excertos selecionados, percebe-se que as escolhas ainda giravam em torno dos temas que podem ser denominados como “cenas do Brasil”, “grandes homens da pátria” e “valores morais” ou também textos exemplares, como “As avoantes”, de Gustavo Barroso; “Patrocínio, o tribuno”, de Coelho Neto; “Se eu fosse rainha”, de Brant Horta, “A escola” de Basílio de Magalhães,⁵⁷ entre outros. Os excertos eram acompanhados de notas de esclarecimento do vocabulário.

A escola

A escola é o foco donde a luz radia,
A luz que aclara os templos e as nações;
Ora é luz que descanta, é cotovia;
Ora é centelha de revoluções!
Por onde o soldado balbucia
O nome – Pátria-, que enche os corações?
Onde é que nasce o amor? Onde a poesia?
Onde as mais santas das inspirações?
Na escola irrompe, em solitário afeto,
O altruístico e elevado sentimento,
Graças ao fogo de paixão repleto,
Das lavas do vulcão do entendimento:
_É que há mais luz nas letras do alfabeto
Que nas constelações do firmamento.

(MAGALHÃES *apud* NOGUEIRA, J. *Programa de Português*, 1941, 2ª edição, p. 119).

⁵⁷ Basílio de Magalhães (1877-1957), historiador, jornalista, professor, político e membro da Academia Paulista de Letras e da Academia Fluminense de Letras, e do IHGB.

O material trazia ainda lições sobre o exame de admissão, um estudo sobre a grafia oficial atualizada, orientando o aluno sobre o que mudou, hinário e cânticos atualizados. Entre esses chama atenção a inclusão de *O canto do Pagé*, com letra de Paula Barros e música de Vila-Lôbos; e *Luar do sertão*, com letra de Catulo da Paixão Cearense e música de João Pernambuco. O livro também utilizava imagens, usadas para orientação dos exercícios de composição, como a reproduzida na Figura 7, a seguir.

Figura 7 - Julio Nogueira, *Programa de Português*, 2^a ed., 1941. Gravura, p. 146

Na edição de 1944, o livro foi reformulado para atender à Portaria Ministerial nº 170 (11 de julho de 1942), que dispunha sobre a organização do trabalho com a leitura nos primeiros anos do secundário, indicando quatro temas: a família, as regiões naturais do Brasil, o amor ao Brasil e a iniciação literária, com base em excertos da literatura brasileira e portuguesa. Verificando o Quadro B.5, constata-se que Júlio Nogueira seguiu firmemente as

orientações, mantendo autores e excertos que se encaixavam na determinação do programa e ampliando para autores que trabalhavam com os temas determinados. O resultado foi um total de 84 excertos e 62 autores, dos quais 32 estavam ligados à Academia Brasileira de Letras.

O Quadro B.5 (Apêndice B) mostra os excertos e autores para a primeira série. Estes atendiam à determinação da Portaria, como se pode perceber pelos títulos: “No lar”, de Casimiro de Abreu, e “Ser mãe” de Coelho Neto. No material, também se encontra o excerto “A pátria”, de Rui Barbosa⁵⁸, que se encaixava perfeitamente nas indicações da Portaria e no clima nacionalista do período.

A pátria é a família amplificada. E a família, divinamente constituída, tem por elementos orgânicos a honra, a disciplina, a fidelidade, a benquerença, o sacrifício. É uma harmonia instintiva de vontades, uma desestudada permuta de abnegações, um tecido vivente de almas enlaçadas. Multiplicai a célula e tendes o organismo. Multiplicai a família e tereis a pátria. (BARBOSA, R. “A Pátria” *apud* NOGUEIRA, *Programa de Português*, 1944).

Nos excertos escolhidos para o tema *A escola*, verifica-se a mesma estrutura. Tem-se como excerto inicial *A cooperação da família e da escola*, de Delgado Carvalho, autor que atuava nos órgãos educacionais do governo Vargas. Encontram-se textos como o do Cel. Ayrton Lobo, escrito especialmente para o livro de Julio Nogueira, *A escola e a Pátria*, no mesmo tom patriótico do excerto de Rui Barbosa. Sob o tema *A Terra Natal*, a linha de escolha dos excertos parece ser a mesma; a valorização da Pátria, e de cada recanto do Brasil. O capítulo termina com *A Pátria* de Olavo Bilac, e seu famoso verso: *Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste! Criança! Não verás nenhum país como este!* Os excertos das leituras complementares são textos exemplares sobre a nobreza de caráter de vultos da história nacional, como “Inteireza dos Andradas”, de Vasconcelos Drumond.

Os textos selecionados para a segunda série foram organizados de forma a atender aos temas: *A paisagem* e *A vida em cada região do Brasil*. Encontram-se, então, excertos descritivos que falam das singularidades das vastas paisagens brasileiras, com o mesmo tom de valorização do Brasil e poemas sobre os mesmos temas.

Os excertos presentes no material de Julio Nogueira são acompanhados de dados referentes ao ano, local de nascimento e morte dos autores. Alguns trazem a referência de onde foram retirados e notas explicativas sobre o vocabulário e a gramática. Julio Nogueira teve suas obras publicadas pela CEN até 1955.

3.1.4. SOUSA DA SILVEIRA – *TRECHOS SELETOS*

Sousa da Silveira (1883-1967), nascido no Rio de Janeiro, fez os seus estudos no Colégio Pedro II, onde posteriormente foi professor, e em 1934 torna-se professor da Universidade do Distrito Federal. Era filólogo, engenheiro e membro da Comissão Nacional do Livro Didático, preparou as obras completas de D. J. G. Magalhães e de Casimiro de Abreu para o Ministério da Educação, em 1939 e colaborou na elaboração do Programa de Português de 1942. Foi o autor de *Trechos seletos, complemento prático às Lições de português*, 1942 (5ª edição), livro dirigido ao curso colegial. A obra apresenta um padrão de antologização distinto, pois fornece não apenas a listagem dos autores e dos excertos, como também a referência bibliográfica empregada para a composição da seleta, uma introdução histórico-gramatical e anotações. Neste caso, a referência aos modernistas limita-se ao um agradecimento às sugestões feitas por Manuel Bandeira, no prefácio de *Trechos Seletos*:

Atendo a um justo reparo da crítica, faço refletir-se mais acentuadamente, nas páginas de agora, a nossa natureza, as coisas do nosso meio e da nossa vida. *Neste particular, sou devedor de muito ao meu amigo, o nosso poeta Manuel Bandeira (...)* (SILVEIRA, *Trechos Seletos*, 1938).

Cabe destacar que as relações entre eles passavam pelo vínculo da amizade e da profissão, uma vez que ambos estudaram e lecionaram no Colégio Pedro II, importante centro de formação escolar e profissional na capital da República.

A obra lançada em 1919 foi reformulada nos anos 1930 e é lançada com o subtítulo “Complemento Prático às Lições de Português”. Inicia-se com uma cronologia inversa (em atendimento ao Programa de 1931) e apresenta os textos organizados em prosa e verso. O primeiro autor presente é Lima Barreto, na parte relacionada à “Prosa”, e termina com o português Bernardim Ribeiro. A seção de “Versos” é iniciada com Alphonsus de Guimarães e termina com El Rei D. Dinis. Conta com 34 autores em prosa e 48 excertos. Entre os autores, havia 19 brasileiros, dos quais 18 integravam a Academia Brasileira de Letras. Os outros 15 autores eram portugueses. Os versos selecionados totalizam 30 excertos e 16 autores. Desses, onze eram brasileiros, sendo nove ligados à Academia Brasileira de Letras como fundadores, patronos e membros. Os outros cinco autores eram portugueses. Entre os 49 excertos de prosa selecionados, observam-se 33 autores, sendo 21 brasileiros, incluindo José de Anchieta, que,

⁵⁸ Ruy Barbosa (1849-1923) jurista, político, diplomata, escritor, filólogo, tradutor e orador brasileiro, formado pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

mesmo tendo nascido nas Canárias, teve toda a sua produção identificada com o Brasil e doze autores portugueses.

Provavelmente por ser dirigido aos anos finais do secundário, o livro de Sousa da Silveira trazia uma complexidade maior, com prefácio, advertência da 3ª edição, bibliografia, explicação dos sinais, abreviaturas, introdução histórico-gramatical, anotações explicativas, índice alfabético da matéria e de autores citados. Outra marca diferencial é que o autor trabalhava a partir de uma determinada história literária. Apesar de utilizar uma cronologia inversa, observa-se a constituição de uma linha histórica, com a presença de autores do classicismo português até autores das primeiras décadas do século XX.

A seleção de *Trechos Seletos* também atingia os objetivos patrióticos e nacionalistas. A escolha iniciou com textos clássicos da literatura portuguesa e colocou a produção brasileira como pertencente a esta tradição. Incluía excertos que tratavam da língua portuguesa, como o de Silva Ramos, “Em ar de conversa”, o de Machado de Assis, “A língua na literatura brasileira” e outros, como Afonso Arinos, “Tropas e tropeiros”, e Euclides da Cunha com “O estouro da boiada”, que tratavam de aspectos do interior do Brasil. Como considera Márcia Razzini sobre a leitura no segundo ciclo:

A leitura admitida nas aulas de português do 2º ciclo era só a leitura literária, centrada na transmissão da história da literatura portuguesa e brasileira, por isso ela abrangia textos de autores portugueses e brasileiros "desde trovadores medievais até escritores do século XX". Sua função tradicional, de ponto de partida para outras atividades, foi preservada. Além do estudo da gramática (só na 1ª e 2ª séries), feito através de "comentário filológico-gramatical", a leitura servia de inspiração para os exercícios de redação e composição, e era a base da análise literária. Podemos dizer que a leitura literária, privilegiada no programa de português do 2º ciclo, atingia o objetivo patriótico e nacionalista, estabelecido na lei, quando tratava de nossa literatura, na 3ª série. (RAZZINI, 2000, p. 106).

3.1.5. ANÍBAL BRUNO – LÍNGUA PORTUGUESA

Aníbal Bruno (1889-1976) foi professor de português da Escola Normal, professor de história e filosofia da educação da escola de aperfeiçoamento do Instituto de Educação de Pernambuco, docente da Faculdade de Medicina do Recife e do Ginásio Pernambucano. Nos anos 1930 foi diretor da Diretoria Técnica de Educação de Pernambuco e redigiu a obra *Língua Portuguesa*, 1941 (1ª edição) e *Língua Portuguesa – Antologia*, 1943 (8ª edição), pertencentes à Biblioteca Escolar Brasileira, coleção dirigida por este autor. Em sua antologia constata-se a presença de alguns escritores modernistas. É interessante observar como

aparecem no corpo do livro para exemplificar estilos e servir como textos de apoio às lições (Apêndice B, Quadro B.8). Verifica-se também que os textos são, em sua maioria, poemas.

Uma parte dos autores presentes foi legitimada pela sua inserção institucional na Academia Brasileira de Letras, assim como nos demais livros analisados. No Quadro B.7 (Apêndice B), são apresentados os 41 excertos e 22 autores. O livro traz as referências às obras de onde foram retirados os fragmentos, e nesta edição encontra-se um autor identificado com os modernistas de 1922, Ronald de Carvalho.

Pela análise do Quadro B.7 identifica-se o mesmo padrão temático dos excertos e autores presentes nos livros de Othoniel Motta, Paulo de Freitas, Júlio Nogueira e Sousa da Silveira. Trata-se da valorização do que se pode chamar de “marcas da nossa brasilidade”, como os tipos humanos, o caráter da nossa “raça”, a exuberância da nossa natureza, a nossa filiação européia, por meio da presença dos escritores portugueses, como Ramalho Urtigão, Eça de Queiroz, Almeida Garret, Camilo Castelo Branco e Alexandre Herculano.

O Quadro B.8 (Apêndice B) trata dos autores e excertos presentes no mesmo livro de 1941, só que estes são trabalhados como textos de apoio às lições. Aqui se verifica o maior número de autores ligados aos modernistas de 1922, como Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Manuel Bandeira e os excertos escolhidos são todos poemas.

O livro de Aníbal Bruno, *Língua Portuguesa – Antologia 1ª e 2ª séries*, 1943 (1ª edição) integrava a coleção Biblioteca Escolar Brasileira. Esta obra era destinada às primeiras e segundas séries. Os trechos escolhidos para a 1ª série (Quadro B.9) compõem um total de 87 excertos, oriundos de 38 autores selecionados, dos quais 20 eram membros da Academia Brasileira de Letras. Nesta seleção de Aníbal Bruno, encontram-se, além de autores portugueses e brasileiros, autores estrangeiros como Tolstoi, Lamartine e De Amicis. Os critérios de seleção parecem ser os mesmos já expostos. O livro pode ser adaptado para o programa de 1942 e seus blocos temáticos, pois encontram-se excertos que se encaixam nos temas: A família, A escola e a terra natal, como “A mãe e o filho”, de Tolstoi, “O primeiro dia na escola”, de De Amicis, “O sertão bruto”, de Afonso Arinos, “A pátria”, de Batista Cepelos, entre outros. O grande número de excertos presentes no material possibilitava ao professor uma liberdade de escolha e de seleção.

No Quadro B.10, referente à 2ª série, encontram-se 80 excertos e 35 autores identificados. Destes, 25 eram membros da Academia Brasileira de Letras. Nota-se ainda a presença de dois autores portugueses: Manuel Bernardes e Guerra Junqueiro. A seleção seguia

o padrão dos temas nacionais, mas trazia uma grande variedade de autores, como Salvador de Mendonça, Mário de Alencar, Assis Brasil, Virgílio Várzea, Alfredo Varela, Cláudio de Souza, Gastão Gruls, autores hoje parcialmente esquecidos. Neste material observa-se a presença de Cassiano Ricardo com o poema “Despedida”. Percebe-se o mesmo padrão, ou seja, excertos que trazem um ensinamento, com valores morais e patrióticos.

O livro de Aníbal Bruno *Língua Portuguesa – Antologia* 3^a e 4^a série, de 1943, apresentava, para a terceira série (Quadro B.11), 68 excertos de 32 autores, dentre os quais 21 mantinham relações com a Academia Brasileira de Letras. Nessa seleção encontram-se dois autores modernistas: Ronald de Carvalho e Guilherme de Almeida. Pelos textos selecionados nota-se que algumas vezes há um aumento de excertos que não eram textos ficcionais, mas que abordavam a história brasileira e a formação do país, como “Os campanários de São Paulo”, de Eduardo Prado, “A primeira colônia”, de Rocha Pombo e “A psique brasileira”, de Ronald de Carvalho, autor com oito excertos selecionados, entre outros.

A alma brasileira nasceu de três grandes melancolias. Deu-lhe a saudade portuguesa a doçura da sensibilidade ibérica e o fatalismo voluptuoso da imaginação oriental; acrescentou-lhe o índio a inquietação do terror cósmico; ajuntou-lhe o africano a queixa imensa de sua humilhação, o travo do seu sofrimento resignado. (CARVALHO *apud* BRUNO, 1943, p. 58).

Para a 4^a série (Quadro B.12) o autor selecionou 82 excertos e 28 autores, dos quais 14 eram membros da Academia Brasileira de Letras. Nesta seleção verifica-se a mesma tendência presente nas escolhas da terceira série, ou seja, muitos textos que tratavam da história do Brasil. Têm-se três autores identificados com o modernismo: o já citado Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida e Cassiano Ricardo, com dois excertos selecionados justamente com a temática da terra brasileira, “Martim Afonso” e “Pleno Sertão”.

A leitura do conteúdo destes quadros permite compreender a estabilização de um grupo de escritores presentes em quase todos os livros, como é o caso de Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Castro Alves, Visconde de Taunay, José de Alencar, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Raul Pompéia, Olavo Bilac, Coelho Neto, Graça Aranha, Afonso Arinos, Euclides da Cunha, Julia Lopes de Almeida, Monteiro Lobato e Cassiano Ricardo, autores ainda hoje reconhecidos. Mas permite constatar, também, que houve o desaparecimento de inúmeros autores, reconhecidos somente por críticos e historiadores especializados, autores hoje esquecidos nas Academias Estaduais de Letras, nos registros de memórias de velhos

companheiros de boêmia e vida literária⁵⁹. No Quadro 1 estão relacionados os autores modernistas presentes nos livros didáticos pesquisados. Esses autores são identificados com o modernismo paulista de 1922, nos anos de 1930 e nos primeiros anos da década de 1940. Tais autores já estavam estabelecidos no campo literário, todos com mais de quarenta anos, produzindo literatura desde os anos finais da década de 1910.

QUADRO 1 – Autores modernistas presentes nos livros didáticos pesquisados.

Autores	Excerto	Livro didático
Cassiano Ricardo	O enterro do sol	Julio Nogueira – <i>Antologia</i> , 1940
	Declaração de amor	Aníbal Bruno – <i>Língua portuguesa</i> , 1941
	Martim Afonso	
	Pleno sertão	
	Despedida	Aníbal Bruno – <i>Antologia</i> , 2ª série, 1943
Ribeiro Couto	Canção da espera feliz	Julio Nogueira – <i>Antologia</i> , 1940
Ronald de Carvalho	O preconceito europeu	Aníbal Bruno – <i>Língua portuguesa</i> , 1941
	Brasileiro! Onde está tua pátria	
	O bandeirante	Aníbal Bruno – <i>Antologia</i> , 3ª série, 1943
	O segundo Império	
	Período Colonial	
	A psique brasileira	
	O ciclo da consolidação	
	A regência	
	A guerra holandesa	
	Teoria	Aníbal Bruno – <i>Antologia</i> , 4ª série, 1943
Menotti Del Picchia	Texto sem título	Aníbal Bruno – <i>Língua portuguesa</i> , 1941.
	Ventura doida	
Manuel Bandeira	Eu faço versos como quem chora	
Guilherme de Almeida	Velas	Aníbal Bruno – <i>Antologia</i> , 3ª série, 1943.
	Dor oculta	
	Balada do solitário	Aníbal Bruno – <i>Antologia</i> , 4ª série, 1943.

⁵⁹ Na pesquisa sobre os autores presentes nos livros didáticos consultou-se o site da Academia Brasileira de Letras, das Academias Estaduais de Letras, como do Maranhão, Bahia, Pernambuco e Minas Gerais. Além da obra de Brito Broca, *A vida literária no Brasil – 1900*, para localizar alguns autores.

Esses autores têm alguns pontos em comum, como já apontado, eram autores incorporados na política cultural oficial, e identificados com o modernismo de 1922. Cassiano Ricardo (1895-1974), poeta paulista e bacharel em direito, estreou em 1915, com o livro *Dentro da noite* e antes de 1922 já havia publicado a *Flauta de Pan* (1917) e o *Jardim das hespérides* (1920). Nos anos 1920, Cassiano Ricardo trabalhou para o jornal o Correio Paulistano, órgão do Partido Republicano Paulista. Participou da Semana de 1922, e, a partir de 1924, dos grupos Verde-amarelo e Anta, de tendência nacionalista exacerbada. No período que envolve os livros pesquisados, Cassiano Ricardo já se encontrava estabelecido como intelectual e durante o governo de Getúlio Vargas exerceu vários cargos políticos, prestando serviços no DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), dirigiu o jornal *A manhã*, jornal ligado ao governo e em 1937 tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras⁶⁰.

Menotti Del Pichia (1892-1988), paulista, bacharel em direito pela Academia do Largo São Francisco, iniciou carreira literária com a publicação do livro de poemas “*Poemas do vício e da virtude*”, em 1913 e antes da Semana Modernista de 1922 já havia publicado os seguintes livros de poemas: *Moisés* (1917), *Juca Mulato* (1917), *Máscaras* (1919) e os romances *Flama e Argila*, e *Lais*. Redator político do Correio Paulistano, deputado pelo PRP, após 1930 passou a colaborar com o Governo Vargas, inserido no ideário do nacionalismo. Dentro do movimento modernista, Menotti também se filiou ao verdeamarelismo e participou do movimento da Anta, como Cassiano Ricardo, entrando para a Academia Brasileira de Letras em 1943.

Ribeiro Couto (1898-1963), paulista radicado no Rio de Janeiro, poeta, bacharel em direito, diplomata, também colaborador do Correio Paulistano, teve sua estréia literária com a obra *O Jardim das confidências*, em 1921 e entrou para a Academia Brasileira de Letras em 1934. Ribeiro Couto não participou da Semana Modernista de 1922, assim como Manuel Bandeira, mas ambos tiveram apresentação dos seus poemas nas noites da semana de 1922, o que levou a uma identificação com o modernismo de São Paulo. Nos anos 1930 e 1940, Ribeiro Couto já se encontrava como parte do corpo diplomático brasileiro.

Ronald de Carvalho (1893-1935), carioca, formado em direito, pertencente a carreira diplomática, teve seu primeiro livro publicado em 1913, *Luz Gloriosa*, em seguida *Poema e Sonetos*, em 1919 e no mesmo ano publicou a *Pequena História da Literatura Brasileira*. Em

⁶⁰ Sobre as relações de Cassiano Ricardo com o Governo Vargas, ver MOREIRA, 2001.

1934 Ronald de Carvalho foi designado para a chefia da casa civil do Governo Vargas. Sobre Ronald de Carvalho, Antonio Arnoni Prado faz uma análise perspicaz do seu percurso intelectual, apontando como este autor se vinculou às correntes autoritárias e à defesa de um “*Estado Nacional forte e soberano*” (PRADO, 2010, p. 162.).

Guilherme de Almeida (1890-1969), paulista, formado em direito, iniciou sua carreira literária com o livro de poemas *Nós*, em 1917 e antes da Semana de 1922 já havia publicado: *A dança das horas* (1919), *Messidor* (1919), *Livro de horas de Sórora Dolorosa* (1920), *A flor que foi um homem: Narciso*, de 1921. Guilherme de Almeida foi o primeiro modernista a entrar para a Academia Brasileira de Letras, no ano de 1930, oito anos após a Semana de Arte Moderna de 1922.

Manuel Bandeira, (1886-1968), pernambucano, poeta, professor, cronista, crítico e historiador literário iniciou a carreira literária com a publicação do livro de poemas *A cinza das horas*, em 1917 e em 1919, publicou *Carnaval*. Em 1935 Manuel Bandeira foi nomeado pelo Ministro Capanema como inspetor de ensino secundário e em 1941 já se encontrava como professor do Colégio Pedro II. Em 1943 deixou o colégio e foi nomeado professor da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras a partir de 1940. Desde os anos de 1930, Bandeira passou a organizar antologias de poetas brasileiros para o Ministério da Educação e Saúde e neste mesmo período publicou a obra *Noções de História das Literaturas*⁶¹, pela CEN.

Todos esses autores modernistas presentes no material tiveram obras publicadas por Lobato e pela CEN. Na correspondência de Lobato *A barca de Gleyre* encontram-se referências que abonam esses escritores: *Mas vem surgindo um Guilherme de Almeida, cujo Nós revela muita coisa... Guilherme é o balbucio duma corrente nova que acabará levando para o boeiro os lecomtistas de cabelos pintados com Juventude Alexandre*, carta de 8/07/1917, na qual também fazia alusões a Menotti Del Picchia: *Menotti também desponta, meio papagaio ainda, meio discursante; mas é capaz de dar coisa. Tem coragem*. Sua correspondência também trazia referências a Ronald de Carvalho.

Dos textos selecionados, os de Ronald de Carvalho são explicitamente nacionalistas e ufanistas. Nesta linha mais explícita de exaltação da nacionalidade encontram-se, também, os

⁶¹ Sobre a atuação de Bandeira junto ao Ministério de Gustavo Capanema ver “Itinerário de Pasárgada” (BANDEIRA, 1990).

poemas de Cassiano Ricardo, *Despedida*, *Martim Afonso* e *Pleno Sertão*, do qual são reproduzidas algumas estrofes:

Pleno Sertão

O fundo da floresta, esmeralda monstruosa,
é o coração úmido e bravo do Brasil.
O mata-pau, de garras rígidas e brônzeas,
nasce como abraçado à árvore mais grandiosa,
aquela que mais alto assoma e os ramos túmidos
mais enche de alvorada e mais borra de anil.

(...)

Ah! como eu te compreendo, ó minha pátria! ó minha terra!
na selagem lição que este símbolo encerra
Podem os mata-paus, de tentáculos verdes
Com seus anéis de bronze agarrados à vida,
subir do chão ao caule, alastrar-se na frente,
alta e florida

podem os mata-paus de tentáculos verdes
crucificar-te inteira, haurir-te a seiva jovem;
a tua maldição...é uma penca de frutos,
e dos teus braços nus, ou vestidos de musgo,
as flores do perdão continuamente chovem...

(Cassiano Ricardo).

Outros autores contemporâneos⁶² aos modernistas estão também presentes no material, como pode ser observado no Apêndice A (Autores presentes nos livros didáticos) e no Apêndice B (Quadros de autores organizados por livro didático), como Alceu Amoroso Lima, Ana Amélia C. Mendonça, Aldemar Tavares, Astério de Campos, Câmara Cascudo, Cecília Meireles, Cleomenes de Campos, Gilka Machado, Gustavo Barroso, Paulo Setúbal, Viriato Correia, Mário Sete, Gastão Gruls e Nilo Bruzzi. Esses autores atuavam na imprensa e tiveram suas obras publicadas nos anos de 1930 e 1940.

Dentre esses autores, cabe destacar Alceu Amoroso Lima, que no início de sua trajetória intelectual identificava-se como *o crítico do modernismo* (LAFETÁ, 2000, p. 57), que após a sua conversão ao catolicismo, em 1928, mudou de rumo, deixando de ser crítico literário, tornando-se um crítico da sociedade, impregnado pelo catolicismo. Nos anos de publicação do material didático Alceu Amoroso Lima foi personalidade de grande influência

⁶² Neste trabalho todos os autores considerados contemporâneos aos modernistas nasceram após 1885.

no debate educacional, se contrapondo ao grupo dos educadores renovadores. Os excertos de Alceu Amoroso Lima aparecem em Júlio Nogueira, dentre os quais se destaca *Adolescência*, excerto de caráter moral. No material de Aníbal Bruno estão presentes excertos que tratavam da nossa história literária, como *Canudos e Euclides da Cunha*, *O período colonial*, e *O romantismo*, que tratavam do desenvolvimento da nossa literatura.

A inserção da nova escola literária e de seus autores no material didático foi gradual. Do material analisado, pode-se afirmar que os autores com o maior número de excertos selecionados foram aqueles que se afinaram com a política do Governo, desenvolvendo um nacionalismo exacerbado, acrítico, com uma idéia mística de Nação, ou porque foram legitimados devido à sua atuação profissional, como foi o caso de Manuel Bandeira. Coincidentemente, ou não, todos eram autores que em algum momento tiveram obras publicadas pelas casas editoriais de Lobato.

Na medida em que se analisam os quadros e observam-se os autores presentes e suas filiações, constata-se a forte presença do regionalismo no material. A determinação do programa que indicava a escolha de textos que ressaltassem as várias regiões do país favoreceu a produção de autores identificados com o regionalismo das primeiras décadas XX, como Afonso Arinos, Arlindo Martins, Viera da Silva, Gustavo Barroso e Bento Arruda, além de autores não diretamente identificados com o regionalismo, mas que tiveram excertos selecionados cuja temática era as regiões do Brasil, caso de Euclides da Cunha, presente em quase todo o material pesquisado.

Para atender às determinações dos programas curriculares de 1931 e 1942, o uso de excertos de autores regionalistas dos anos 1910 e 1920 mostrou-se o mais conveniente, ou mais acertado para aquele momento, o que leva a se considerar a importância destes no cenário literário brasileiro das primeiras décadas do século XX. Esses escritores regionalistas, em um primeiro momento, foram bastante prestigiados e considerados inovadores, pela inserção de temas “brasileiros”, pelo reconhecimento de outro Brasil. Posteriormente, a crítica literária não teve mais muito apreço pelo regionalismo, “Gênero artificial e pretensioso, criando um sentimento subalterno e fácil de condescendência em relação ao próprio país...” (CANDIDO, 2000, p.105), mas nota-se como seus autores e escritos estiverem presentes nos livros didáticos da Companhia Editora Nacional dos anos 1940.

Com representações dos “tipos nacionais”, e de “cenas do Brasil”, esses autores e seus excertos presentes em todos os livros analisados, com destaque para o regionalismo de Afonso Arinos, presente em todas as obras, cumpriam a função de apresentar um Brasil,

múltiplo, diversificado, mas unificado pela *beleza das suas paisagens*, pelo *caráter do homem brasileiro*, pela *grandeza do país*.

Outro ponto que sobressai é a rede de sociabilidade que envolvia esses autores, por exemplo: as relações entre autores de livros didáticos e escritores, como Sousa da Silveira e Manuel Bandeira; e as relações entre educadores e editores, como Lobato e Fernando de Azevedo. Quando se analisam as trajetórias desses autores dos livros didáticos e dos autores selecionados para estarem presentes nesses livros, percebe-se que esses homens e seus textos circulavam por colégios, academias, jornais e revistas. Muitos dos autores presentes nos livros didáticos, conforme já salientado, foram publicados por Lobato, colaboraram na Revista do Brasil e foram publicados pela CEN.

Como se pode inferir pelos autores presentes no material analisado, observa-se, ainda nos anos 1940, uma forte presença dos autores do final do XIX e início do século XX: parnasianos, simbolistas, regionalistas, enfim, autores que representavam várias correntes literárias. Pode-se afirmar que a escola e o livro didático têm, sim, a sua importância para a conformação de um cânone: ter sido escolhido para ser ensinado como modelo de domínio da língua ou por seu valor literário significa ser notado, preservado para as próximas gerações, o que faz do livro didático e dos envolvidos na sua produção instrumentos de consagração e de legitimação de um cânone. Entretanto, pode-se dizer também que isso não basta: uma série de nomes presentes naqueles livros – lidos, comentados e reproduzidos ao longo dos anos – encontram-se hoje esquecidos da história da literatura nacional. Ou seja, a alteração do cânone escolar passa pelos programas e objetivos dos órgãos governamentais ligados à educação, pela representação que se quer da nação e pelos homens das letras, não somente por aqueles que produzem literatura, que têm na escrita o seu ofício, mas também por aqueles que determinam o que vai ser publicado.

CONCLUSÃO

Este trabalho apresentou questões que envolvem a inserção de autores modernistas no material didático e a formação do cânone literário-escolar. Tendo em vista que o grupo modernista de São Paulo, no decorrer do tempo, postou-se como marco divisor da história literária brasileira, tornando-se referência dentro do cânone, seus membros e as idéias do movimento que criaram, passam a figurar nos livros didáticos de ensino de língua portuguesa para o secundário nos anos de 1930-1945.

Apesar de o livro didático ter sido considerado uma produção menor, por muito tempo, a sua presença na escola e junto aos alunos permite considerá-lo essencial para o entendimento da sociedade. O livro didático possibilita estabelecer quais valores uma sociedade selecionou para serem transmitidos, e no caso do material que utiliza textos literários, quais os autores e excertos mais afinados com tais valores. Portanto, estar presente no livro didático significa ter legitimidade e este material torna-se um espaço de consagração.

Ao utilizar os programas curriculares de 1931 e de 1942 para identificar o que estava sendo proposto pela política educacional do período, em relação ao ensino de Português (que envolve leitura e literatura), constatou-se um direcionamento para a formação cívica e patriótica, marcas do período.

A análise do material didático produzido entre os anos de 1930 e 1945 pela Companhia Editora Nacional foi feita em razão da sua forte presença no mercado editorial, pela importância notória da editora, e ainda por esta ter editado obras de autores modernistas. No decorrer da pesquisa constatou-se que este material tinha a intencionalidade de intervir no debate pedagógico do período. O material pertencente à coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira foi organizado por Fernando de Azevedo, ligado ao grupo de educadores pioneiros, e a CEN deixava claro em seus textos de propaganda a sua posição de partícipe da renovação do campo pedagógico e educacional.

Na produção do material desta casa editorial observou-se um cuidado extremo com os aspectos gráficos e os dispositivos editoriais, deixando claro que a Companhia Editora Nacional tinha a certeza de que a qualidade do livro era determinada também pela qualidade do material impresso. Por ser uma das maiores editoras do período a CEN foi uma casa editorial capaz de intervir no debate educacional nacional e seus gestores tinham consciência dessa capacidade, baseada em seu prestígio. Suas estratégias de legitimação, como local de poder, atentavam para a qualidade do material produzido, que ia desde a preocupação com questões gráficas até a escolha dos intelectuais que teriam obras publicadas. Seus fundadores,

no caso mais específico de Monteiro Lobato, tinham essa preocupação de tratar o livro como mercadoria. Mercadoria de caráter duplo, pois o livro era também um material de intervenção cultural.

O material didático foi um elemento desta estratégia da editora, e como vários pesquisadores apontam, o livro didático foi garantia de renda para a editora, permitindo a ela se aventurar em outras paragens. Nos livros analisados notou-se que a CEN trabalhou preferencialmente com autores de livros didáticos já reconhecidos no meio educacional, como Othoniel Motta, Paulo de Freitas, Julio Nogueira e Sousa da Silveira. Outro material selecionado foi o de Aníbal Bruno, pertencente à Biblioteca Escolar Brasileira, coleção de menor projeção da editora.

Sabendo que os programas indicavam preferencialmente autores modernos, no sentido de contemporâneos, buscou-se verificar então quais os fatores que legitimariam a inserção dos autores e excertos no livro didático. A partir da organização do Apêndice A – Lista de autores presentes no material pesquisado, onde são levantados 166 autores, destaca-se que boa parte desses autores atuava no jornalismo e na política nacional, e a maior parte desses escritores era atuante no cenário literário cultural das primeiras décadas do século XX. Desses, 79 eram ligados à Academia Brasileira de Letras, espaço de consagração. Outro aspecto que chamou a atenção durante o trabalho foi que boa parte dos autores presentes no material com excertos travaram relações com Monteiro Lobato e suas editoras, publicando livros ou artigos na Revista do Brasil.

O que se constatou foi o quanto o nacionalismo da era Vargas determinou a seleção, tendo em vista o grande número de excertos inseridos com a temática do nacionalismo, ora exaltando as grandezas do país, a diversidade do seu território e, ao mesmo tempo, a sua unidade, as singularidades do brasileiro e as particularidades da sua formação *racial*. Desta forma, a inserção dos autores e excertos se apoiaram nas indicações do programa curricular. Mas outros fatores também são importantes: as relações entre autores do material didático e escritores; e entre escritores e editores, como se percebeu na análise dos paratextos presentes no material, com destaque para o de Othoniel Motta, que trazia reproduções da correspondência deste autor com escritores selecionados para estarem presentes no material, valorizando a inserção dos seus excertos em livros destinados ao público escolar.

Deve-se lembrar que nos dizeres dos escritores dos livros didáticos, os autores escolhidos eram aqueles capazes de elevar o *moral e o caráter dos nossos jovens*. Ao

trabalhar com o material, percebe-se que os valores selecionados para formar o caráter dos jovens eram os de amor à família e à pátria, de valorização dos tipos regionais brasileiros e de questões que contribuíssem para o engrandecimento do país. Tais valores se encontram presentes no livro didático e nos programas curriculares, o que explica o grande número de autores e excertos regionalistas.

O programa oficial, ao solicitar o uso de autores modernos, obrigou o autor do livro didático a selecionar excertos de autores ainda vivos e atuantes na cena literária, revelando as relações entre autores de livros didáticos, casa editorial, escritores e a política educacional e cultural do período.

O livro didático permitiu verificar, por meio das alterações e das permanências, como se constituiu o cânone literário-escolar, pois o aparecimento de novos escritores levava a uma reconfiguração desse cânone escolar. A análise do material demonstrou que a questão do cânone literário-escolar é terreno movediço, sua configuração é decorrente de fatores como a política cultural do Estado, dos programas curriculares e das relações entre a casa editorial com os autores do material didático e com os autores selecionados.

No exame dos quadros de escritores presentes nos livros didáticos, nota-se a seleção de autores das primeiras décadas do século XX, anteriores e contemporâneos aos modernistas de São Paulo, indicando que este foi um período de grande produção intelectual, contribuindo para desfazer a imagem de que toda a literatura daquelas décadas estava estagnada. Nos livros analisados há um grande número de autores e excertos do período compreendido entre a Geração de 1870⁶³ e a que antecedeu a geração modernista. A seleção dos autores do material didático parece ter se beneficiado do fato de que a produção daqueles homens das letras, que pensaram a modernização do país, sua identidade e os seus problemas, acabou por servir às indicações dos programas curriculares dos anos de 1930 e 1940.

A seleção de autores e excertos modernistas no material didático relacionam-se com o atendimento das indicações do programa, são excertos de viés nacionalista e também autores que publicaram pela Companhia Editora Nacional. Destaca-se que os autores modernistas presentes nas obras analisadas (Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Cassiano Ricardo, e Menotti Del Picchia) são autores já consagrados naquele momento, ou por sua produção como estudiosos e organizadores de antologias da

⁶³ A Chamada Geração de 1870 envolve os seguintes intelectuais: Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, Alberto Sales, Silva Jardim, Silvio Romero, Rui Barbosa, entre outros.

história literária brasileira, caso de Manuel Bandeira, ou como Ronald de Carvalho, Cassiano Ricardo ou Menotti Del Picchia, de viés autoritário, que, embora atualmente sejam considerados autores “menores” do movimento modernista, no período estudado estavam completamente inseridos na política cultural do Estado, garantindo, assim, “seu lugar” no ensino da literatura nacional, além de serem autores já consagrados pela Academia Brasileira de Letras.

Se o movimento modernista de São Paulo carrega essa marca triunfante, colocando no limbo diversos autores contemporâneos ao movimento, reorganizando o cânone literário, ao desclassificar e excluir escritores não afinados com suas propostas, o grande número de autores presentes no material mostra como o cânone foi (e é) constantemente rearticulado, na medida em que muitos fatores ajudam a defini-lo. Sobre a conformação de um cânone literário, pode-se afirmar que os autores modernistas entram no livro didático, no caso da CEN (editora inovadora em vários aspectos) pelo seu viés mais conservador ou por um nacionalismo exacerbado, por meio de escritores afinados com a política da Era Vargas e atuantes em órgãos governamentais.

Neste trabalho analisou-se uma pequena parcela do material didático produzido por uma casa editorial de relevância e importante espaço de consagração, o que permite apontar que o cânone literário, resultado de uma seleção, tem no material didático um apoio importante para a sua conformação e consolidação, na medida em que o livro didático tem um caráter de conservação, de escolha de autores e excertos que devem ser conhecidos e reconhecidos pelas novas gerações. Para os interessados na história do livro e da leitura, este material, por sua especificidade, mostra que os critérios desta seleção são amplos, extrapolando questões estilísticas literárias, envolvendo os objetivos da política educacional do governo e a casa editorial que publica o material didático, as relações entre escritores, editores e autores didáticos.

Acredita-se ter contribuído para a história do livro didático no Brasil e para uma reflexão sobre o processo de canonização de autores e tendências, bem como a formação dos leitores. O trabalho aponta para vários caminhos que podem ser alvo de novas investigações daqui para frente, indicando tensões e ambivalências dentro e fora do movimento modernista, e na renovação pedagógica do período Vargas.

REFERÊNCIAS

FONTES

Legislação

Portaria Ministerial n.170, de 11 de junho de 1942, que expediu os programas de línguas e de ciências do curso ginásial do ensino secundário. In: Ensino Secundário no Brasil: organização, legislação vigente, programas. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952.

Portaria Ministerial n.172, de 15 de julho de 1942, que expediu e determinou as instruções metodológicas para a execução do programa de português. In: Ensino Secundário no Brasil: organização, legislação vigente, programas. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952.

Portaria n. 1.045, de 14 de dezembro de 1951, expediu os planos de desenvolvimento dos programas mínimos de ensino secundário e respectivas instruções metodológicas. In: Ensino Secundário no Brasil: organização, legislação vigente, programas. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952.

Livros didáticos

BRUNO, Aníbal. *Língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. Col. Biblioteca Escolar Brasileira.

_____. *Língua portuguesa – antologia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943. Col. Biblioteca Escolar Brasileira.

FREITAS, Paulo de. *O nosso idioma*. 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª, 7ª, 8ª, 9ª, 10ª, 11ª, 12ª, 13ª, 14ª, 15ª, 16ª edições. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936-1950. Col. Biblioteca Escolar Brasileira.

MOTTA, Othoniel. *Lições de português e seleta moderna*. 4ª, 5ª, 6ª edições. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935, 1936, 1937.

NOGUEIRA, Julio. *Programa de português*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. Col. Biblioteca Pedagógica Brasileira.

_____. *Programa de português – antologia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. Col. Biblioteca Pedagógica Brasileira.

_____. *Programa de português* (edição reformulada). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. Col. Biblioteca Pedagógica Brasileira.

SILVEIRA, Álvaro Ferdinando Sousa da. *Trechos seletos - complemento prático às Lições de português* (5ª ed.). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. Col. Biblioteca Pedagógica Brasileira.

Sites

www.academia.org.br

www.unicamp.br/iel/monteirolobato/

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia geral

ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

_____.; SCHAPOCHNIK, Nelson (Org.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado de Letras/ Fapesp, 2005.

ABUD, Katia Maria. Formação da alma e do caráter nacional: ensino de história na era Vargas. *Revista Brasileira de História* v. 18, n. 36, 1998.

_____. A história nossa de cada dia: saber escolar e saber acadêmico na sala de aula. *Anais do V Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de Historia: sujeitos saberes e práticas*. Rio de Janeiro, 2005 (CD-ROM).

ALAMBERT, Francisco. *A Semana de 22. A aventura modernista no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Scipione, 2002.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

ARAÚJO, Cristina. *A escola em Pernambuco: educação e modernidade*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2002.

AZEVEDO, Carmem Lúcia; CAMARGOS, Márcia; SACCHETA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. 2ª ed. São Paulo: SENAC, 1998.

AZEVEDO, Cecília. Identidades compartilhadas: a identidade nacional em questão. In:

BANDEIRA, Manuel. Itinerário de Pasárgada. In. _____. *Manuel Bandeira: poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro. Editora Nova Aguilar S.A. 1990.

BARBOSA, João Alexandre. *A biblioteca imaginária*. São Paulo: Ateliê, 1996.

_____. *A leitura do intervalo*. São Paulo: Iluminuras, 1990.

BATISTA, Antonio A. G. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia A. (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras/ Fapesp, 1999.

_____.; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; KLINKE, Karina. Livros Escolares de Leitura: Uma Morfologia (1866-1956). *Revista Brasileira de Educação*. ANPED, n. 20, maio/ ago, 2002.

BEDA, Epharaim de Figueiredo. *Octalles Marcondes Ferreira: formação e atuação do editor*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

_____. *Pátria, civilização e trabalho: o ensino de história nas escolas paulistas (1917-1939)*. São Paulo: Loyola, 1990.

_____. Autores e editores de competências e livros de leitura. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, FEUSP, v. 30, n. 3., set/dez. 2004.

_____. Disciplinas escolares: história e pesquisa. In: OLIVEIRA, M. A. Taborba; RANZI, S. M. Fischer (Org.). *História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil-1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. (Org.). *A escrita da história*. Novas Perspectivas. São Paulo: Ed.Unesp. 1992.

CAMARGOS, Márcia. *Villa Kyrial: crônica da Belle Époque paulistana*. 2ª ed. São Paulo: Senac, 2001.

CAMPOS, Joaquim de. *O ensino secundário no Brasil e sua atual legislação*. São Paulo: AIFES, 1942.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

_____. *Formação da literatura brasileira*. 5ª ed. São Paulo/ Belo Horizonte: EDUSP/ Itatiaia, 1975.

_____. *A educação pela noite e outros ensaios* (3ª ed.). São Paulo: Ática, 2000.

CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARDOSO, Rafael (Org.). *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Usos do impresso nas estratégias católicas de conformação do campo doutrinário da pedagogia (1931-1935). In: *Cadernos ANPED* nº 7. Belo Horizonte: ANPED, 1993.

_____. Estratégias textuais e editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil: uma perspectiva. In: GVIRTZ, Silvina (Org.). *Escuela nueva en Argentina y Brasil: visiones comparadas*. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores SRL, 1996.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A Escola Nova e o impresso: um estudo sobre as estratégias editoriais do escolanovismo no Brasil. In: FARIA FILHO, Luciano (Org.). *Modos de ler, formas de escrever: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998a.

_____. *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista: EDUSF, 1998b.

_____.; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Os sentidos da forma: análise material das coleções Lourenço Filho e Fernando de Azevedo. In: OLIVEIRA, Marco Aurélio T. (Org.). *Cinco estudos em história e historiografia da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

CARVALHO, Ronald de. *Pequena História da literatura brasileira*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Briguiet, 1922.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2000.

CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. *Discursos sobre a leitura, 1880-1980*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

CHARTIER, Roger. *A história cultural, entre práticas e representações*. Lisboa/ Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand Brasil, 1990.

_____. *A ordem dos livros*. Brasília: Ed. UnB, 1994.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um tema de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, v. 2, 1990.

_____.; COMPERE, Marie-Madeleine. As humanidades no ensino. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 25, n. 2, 1999.

CHIARELLI, Tadeu. *Um Jeca nos vernissages*. São Paulo: Edusp, 1995.

CHOPPIN, Alain. Los manuales escolares de ayer a hoy: el ejemplo de Francia. *Historia de la educación - Revista Interuniversitaria*, n. 19, 2000.

_____. A História dos livros e das edições didáticas. *Educação e Pesquisa*, v. 30, set/ dez. 2004.

_____. Os manuais escolares na França e a formação do cidadão. *Veritas*, v. 43, n. especial, 1998.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Boemia literária e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FERREIRA, Rita de Cássia Cunha. *A Comissão Nacional do Livro Didático durante o Estado Novo (1937-1945)*. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2008.

FONSECA, Silvia Assam da. *A coleção Bibliotheca do Espírito Moderno: um projeto para alimentar espíritos da Companhia Editora Nacional (1938-1977)*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FRAGO, Antonio Viñao. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, cuestiones. *RBC*, n. 0, 1995.

FORQUIM, Jean-Claude. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. *Teoria & Educação*, 1992.

FURET, François. *A oficina da história*. Porto: Gradiva, s.d.

GENETTE, Gérard. *Umbrales*. México: Siglo XXI, 2001.

GOMES, Ângela C. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. *Estudos Históricos: os anos 20*, Rio de Janeiro, v. 16, n.11, 1993.

GONTIJO, Rebeca. Identidade nacional e ensino de história: a diversidade como patrimônio sócio-cultural. In: ABREU, R.; SOIHET, R. (Org.) *Ensino de história: conceito, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

GOODSON, Ivor F. *Currículo: teoria e história*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição*. Pequeno tratado sobre a nota de rodapé. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T.A. Queiroz/ EDUSP, 1985.

HARDMAN, Francisco Foot. Antigos modernistas. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *Trem Fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOBBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____.; RANGER, T. (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HUNT, Lynn. *Nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ISER, Wolfgang. *Rutas de la interpretación*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económico, 2005.

KOSHIAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: EDUSP, 2003.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: *Revista Brasileira de Historia da Educação* nº 1, 2001.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: A crítica e o modernismo*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

_____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

_____. Livro didático; um quase manual de usuário. *Em aberto*, Brasília, n. 69, ano 16, 1996.

_____. Mário de Andrade e Monteiro Lobato: um diálogo modernista em três tempos. *Teresa*, São Paulo: Ed. 34, n. 8/9, 2008.

_____. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. *A Literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999.

LAURIA, Maria Paula. *Livro didático de português: entre as concepções de ensino, os trilhos da lei e as sendas do texto*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

LIMA, Yone Soares de. *A ilustração na produção literária: São Paulo na década de vinte*. São Paulo: IEB-USP, 1985.

LOBATO, Monteiro. *Mr. Slang e o Brasil e problema vital*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1946.

_____. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.

LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a nação*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

MACEDO, André Barbosa de. *De “Romancistas do nordeste” à “2ª fase da prosa modernista”*: um processo histórico da canonização literário-escolar em livros didáticos de português. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História da Escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/ Instituto Fernand Braudel, 2005.

MARTINS, Wilson. *O modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1969.

MATE, Cecília Hanna. *Tempos modernos na escola: os anos 30 e a racionalização da educação brasileira*. Bauru: EDUSC, 2002.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MOREIRA, Antonio Flavio B. *Currículos e programas no Brasil*. São Paulo: Editora Cortez, 1990.

MOREIRA, Luiza Franco. *Meninos, poetas & heróis*. Aspectos de Cassiano Ricardo do modernismo ao Estado Novo. São Paulo: Edusp, 2001.

MUNAKATA, Kazumi. Livro didático: produção e leituras In: ABREU, Márcia A. (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas/ São Paulo: ALB/ Mercado de Letras/ Fapesp, 1999.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo/ Rio de Janeiro: EPU/ Fundação Nacional de Material Escolar, s.d.

NERY, Ana Clara B. *A sociedade de educação de São Paulo: embates no campo educacional (1922-1931)*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

OLIVERO, Isabelle. *L'invention de la collection*. Paris: IMEC, 1999.

PASSIANI, Enio. *Na trilha do Jeca*. Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil. Bauru: EDUSC/ ANPOCS, 2003.

PONTES, Heloísa. *Destinos mistos; os críticos do Grupo Clima em São Paulo, 1940-1968*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PRADO, Antonio Arnoni. *1922 – Itinerário de uma falsa vanguarda*. São Paulo: Brasiliense, 2010.

_____. *Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

PRADO, Maria Lígia Coelho. *A democracia ilustrada: O Partido Democrático de São Paulo, 1926-1934*. São Paulo: Ática, 1986.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. *O espelho da Nação: a antologia nacional e o ensino de português e de literatura (1838-1971)*. Tese (Doutorado em Teoria Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

_____. A nação na ponta da língua: a ascensão da língua e da literatura nacional no currículo da escola secundária brasileira. In: ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de (Org.). *Escola e modernidade: saberes, instituições e práticas*. Campinas: Alínea Editora, 2004.

_____. Livros e leitura na escola brasileira do século XX. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*, v. 3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. Livro didático e expansão escolar em São Paulo (1889-1930). *Língua Escrita*, v. 1, 2007.

ROMANELI, Otaíza O. *História da educação no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Dos parnasos e florilégios aos ensaios de história literária: experimentações românticas. *História*. São Paulo, v. 16, 1997.

_____. Considerações mamalucas sobre o futurismo paulista. In GUASTINI, Mário. *A hora futurista que passou e outros ensaios*. São Paulo: Boitempo, 2006.

_____. Cicatriz de origem: notas para uma historiografia da leitura no Brasil. In: MARTINS FILHO, Plínio; TENÓRIO, Waldecy (Org.). *João Alexandre Barbosa: o leitor insone*. São Paulo: Edusp, 2007.

SCHOLES, Robert. *Protocolos de leitura*. Lisboa: Edições 70, 1991.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria B.; COSTA, Vanda Maria R. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Edusp, 2000.

SELLARO, Leda Rejane. A. *A formação profissional e o exercício do magistério em Pernambuco, na gestão de Aníbal Bruno*. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdf/tema3/0365.pdf>>. Acesso em 20 fev. 2010.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Ezequiel Theodoro. *De olhos abertos*. Reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo: Ática. 1991.

_____. *A produção da leitura na escola*. Pesquisas x propostas. São Paulo: Ática, 2004.

SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes*. Uma história da formação dos leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Org.). *A escolarização da literatura literária – o jogo do livro infantil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOUZA, Rosa Fátima de. Cultura escolar e currículo; aproximações e inflexões nas pesquisas históricas sobre conhecimentos e práticas escolares. In: XAVIER, Libânia Nacif et al. (Org.). *Escola, culturas e saberes*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1993.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Fernando de Azevedo e a cultura brasileira ou as aventuras e desventuras do criador e da criatura*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial*. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, 1993.

_____. O modernismo e a questão nacional. In FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de A. Neves (Org.). *O Brasil republicano: O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

VIDAL, Diana Gonçalves. Livros por toda parte: O ensino ativo e a racionalização da leitura nos anos 1920 e 1930 no Brasil. In: ABREU, Márcia (Org.) *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras/ Fapesp, 1999.

VIEIRA, Cleber Santos. *Entre as coisas do mundo e o mundo dos livros: prefácios cívicos e os processos escolares no Brasil republicano*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

_____.; SILVA, Ezequiel T. da (Org.). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1988.

Obras de referência

ABREU, Alzira Alves (Coord.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC, 2001.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Global Editora/ Fundação Biblioteca Nacional-DNL- Academia Brasileira de Letras, 2001.

MELO, Luis Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

APÊNDICES

APÊNDICE A – AUTORES PRESENTES NOS LIVROS DIDÁTICOS PESQUISADOS

QUADRO A.1 – Lista de autores presentes nos livros didáticos pesquisados

AUTORES DOS EXCERTOS	LIVROS DIDÁTICOS – AUTORES*	NASCIMENTO - MORTE	ATIVIDADES	LEGITIMAÇÃO
Adelino Fontoura	JN	1859-1884	Poeta e jornalista	ABL – patrono
Adelmar Tavares	JN, AB	1888- 1963	Poeta e jornalista	ABL
Adolfo Caminha	JN	1867-1897	Contista e jornalista	Membro da padaria espiritual
Afonso Arinos	OM, AB, SS, JN	1868 - 1916	Jornalista e contista	ABL
Afonso Celso	JN	1860 – 1938	Poeta e jornalista	ABL
Afrânio Peixoto	AB, JN	1876-1947	Crítico, polígrafo, professor e romancista	ABL
Alberto de Oliveira	JN, OM	1857-1937	Poeta	ABL – fundador
José de Alcântara Machado	JN	1875 – 1945	Político e advogado	ABL
Alceu Amoroso Lima	JN, AB	1893 – 1963	Crítico literário, polígrafo	ABL
Alda Pereira de Fonseca	JN	1882- ?	Romancista - poeta	
Alfredo Taunay (Visconde de Taunay)	AB, SS, JN	1843 -1899	Romancista, ensaísta, membro do IHGB	ABL – fundador
Alfredo Varela	AB	1864 - 1943	Jornalista, memorialista e político	
Alphonsus Guimarães	SS, AB	1870 - 1921	Juiz e poeta	Grupo dos simbolistas
Aluizio de Azevedo	JN, SS	1857 - 1913	Romancista e diplomata	ABL – fundador
Álvares de Azevedo	JN	1831-1852	Poeta	Crítica literária
Amadeu Amaral	JN, OM	1875 -1929	Folclorista e poeta	ABL
Ana Amélia C. Mendonça	JN	1896 – 1971	Poeta e prosadora	
Aníbal Teófilo	JN	1873-1915	Poeta e militar	Grupo de Coelho Neto
Antonio Sales	JN	1868- 1940	Poeta e jornalista	Padaria espiritual do Ceará
Antonio Tomas	JN	1868-1941	Poeta e sacerdote	Academia Cearense de Letras
D. Aquino Correa	JN	1885 – 1956	Poeta e Arcebispo	ABL
Araripe Jr.	JN	1848-1911	Cronista e crítico literário	ABL – fundador
Ariosto Espinheira	JN		Geógrafo	Editado pela CEN

Continua

Continuação

AUTORES DOS EXCERTOS	LIVROS DIDÁTICOS – AUTORES*	NASCIMENTO - MORTE	ATIVIDADES	LEGITIMAÇÃO
Arlindo Martins	OM	1885 - 1924	Poeta e jornalista	
Arthur Azevedo	PF, JN	1855-1908	Jornalista, poeta e teatrólogo	ABL
Aroldo Bruno	AB	1922 - 1982	Romancista e crítico literário	Academia Pernambucana de Letras
Arthur Orlando	PF	1858-1916	Ensaísta, jornalista e político	ABL
J.F. de Assis Brasil	OM, AB	1857- 1938	Político e diplomata	Atuou no Governo Vargas
Asterio de Campos	JN	1891-1968	Jornalista, poeta e professor	Instituto de Educação RJ
Augusto de Lima	JN	1859 - 1934	Poeta e magistrado	ABL
Auta de Souza	JN	1876-1901	Religiosa e poeta	
Ayrton Lobo	JN		Coronel	Membro do Governo Vargas
Barão de Paranapiacaba	AB	1827-1915	Poeta, historiador, professor e político	IHGB
Basílio da Gama	SS	1740-1795	Poeta	ABL – patrono
Basílio de Magalhães	JN	1874-1957	Historiador, jornalista, político e professor.	IHGB
Bastos Tigres	JN	1882 – 1957	Poeta e jornalista	Jornais do Rio de Janeiro
Batista Cepelos	AB	1872-1915	Poeta e promotor	Grupo de parnasianos do RJ
Benedita de Melo	JN	1906 - ?	Poeta e professora	Instituto Benjamin Constant - RJ
Bento Lopes	PF, OM	1859 - 1916	Poeta	Boemia carioca, simbolista
Bento Arruda	OM	1868 - 1938	Jornalista e tabelião	
Bernardo Guimarães	JN	1825 - 1884	Poeta e jornalista	ABL – patrono
Brant Horta	JN	1876 – 1959	Poeta	Academia Mineira de Letras
Câmara Cascudo	JN	1898 – 1986	Folclorista	
Carlos de Laet	SS	1847 – 1927	Professor e jornalista	ABL – fundador
Carlos D. Fernandes	JN	1875-1942	Poeta e jornalista	
Carvalho Ramos	OM	1895- 1921	Contista e romancista	
Casimiro de Abreu	JN, SS	1839 – 1860	Poeta	ABL – patrono
Cassiano Ricardo	JN, AB	1895 – 1974	Poeta	ABL

Continua

Continuação

AUTORES DOS EXCERTOS	LIVROS DIDÁTICOS – AUTORES*	NASCIMENTO - MORTE	ATIVIDADES	LEGITIMAÇÃO
Castro Alves	JN, SS, AB	1847 – 1871	Poeta	ABL – patrono
Cecília Meireles	JN	1901 – 1964	Poeta e professora	
Celso Vieira	OM	1878 - 1954	Poeta, historiador e ensaísta	ABL
Claudio de Souza	AB	1876-1954	Jornalista e teatrólogo	ABL
Cleomenes de Campos	OM	1895 - 1968	Poeta e jornalista	Academia Paulista de Letras
Coelho Neto	JN, SS, AB	1864 - 1934	Poeta, contista e jornalista	ABL
Costa e Silva	JN	1885 - 1950	Poeta	
Couto de Magalhães	AB	1837- 1898	Militar, geógrafo e sertanista	
Cristóvão Camargo	JN	1892 - ?	Poeta e jornalista	IHGB
Cruz e Sousa	SS	1861 - 1898	Poeta, jornalista e professor	
Daltro Santos	JN	1878 - 1953	Poeta e historiador	
Delgado de Carvalho	JN	1884 - 1980	Geógrafo, diplomata	Editado pela CEN
Durval de Moraes	AB	1882 - 1948	Funcionário público	
Eduardo Prado	SS, OM	1860 - 1906	Jornalista, historiador	ABL – fundador
Erasmus Braga	JN	1877 - 1932	Professor	
Ernesto C. Ribeiro	JN	1839 -1920	Professor, médico e linguista	
Ernesto Sena	JN	1858 - 1913	Poeta, jornalista e historiador	IHGB
Euclides da Cunha	JN, SS, AB, OM	1866 - 1909	Jornalista, ensaísta e engenheiro	ABL
Fagundes Varela	JN, AB	1841 - 1875	Poeta	ABL – patrono
Felix Pacheco	JN	1879 - 1935	Poeta , jornalista e político	ABL, IHGB
Filinto de Almeida	JN	1857 - 1948	Poeta	ABL
Francisco Mangabeira	JN	1879 - 1904	Poeta simbolista	Grupo Nova Cruzada Bahia
Garcia Redondo	AB	1854 - 1916	Contista, jornalista e teatrólogo	
Gastão Cruls	AB	1888 - 1959	Contista e romancista	
Geraldo Rocha	JN	1881 - 1959	Engenheiro, diretor do jornal <i>A Noite</i>	

Continua

Continuação

AUTORES DOS EXCERTOS	LIVROS DIDÁTICOS – AUTORES*	NASCIMENTO - MORTE	ATIVIDADES	LEGITIMAÇÃO
Gervasio Fioranti	AB	1870 - 1982	Advogado, professor e político	Academia Pernambucana de Letras
Gilberto Amado	AB	1887 - 1969	Poeta, jornalista, diplomata e ensaísta	ABL
Gilka Machado	JN	1893 - 1980	Poeta	Crítica literária - prêmio ABL
Gonçalves Dias	JN, SS	1823 - 1864	Poeta	ABL - patrono
Gonçalves de Magalhães	AB	1811 - 1882	Poeta, diplomata e dramaturgo	ABL - patrono
Graça Aranha	JN, SS, AB	1868 - 1931	Romancista	ABL
Guilherme de Almeida	AB	1890 - 1969	Poeta e jornalista	ABL
Gustavo Barroso	JN, OM, AB	1888 - 1959	Jornalista e político.	ABL
Helio Lobo	JN	1883 - 1960	Ensaísta e historiador	ABL
Heráclito Graça	JN	1837 - 1914	Poeta, filólogo e político	ABL
Hilário Ribeiro	JN	1847 - 1886	Poeta e professor	Autor de livro didático
Honorina Capistrano	JN	1882 - 1959	Freira e poeta	
Humberto de Campos	PF, JN	1886 - 1934	Poeta, jornalista e político	ABL
Inglês de Souza	JN, SS	1853 - 1918	Jornalista, romancista e poeta	ABL
João Francisco Lisboa	JN	1812 - 1863	Político e crítico social	ABL - patrono
João Ribeiro	JN, AB	1860 - 1934	Professor, jornalista e filólogo	ABL
João Toledo	AB	1879 - 1941	Professor	Diretor da instrução pública de SP
Joaquim Manuel de Macedo	JN	1820 - 1882	Romancista, prof. e historiador	ABL - patrono
Joaquim Nabuco	SS, AB	1849 - 1910	Diplomata, jornalista	ABL - fundador
José Albano	JN	1882 - 1923	Poeta e diplomata	Boemia carioca
Jose Bonifácio, o moço	JN	1827 - 1886	Poeta, jornalista e senador	ABL - patrono
José de Alencar	SS, AB	1829 - 1877	Romancista, jornalista e político	ABL - patrono
José de Anchieta	JN, SS	1534 - 1597	Jesuíta, poeta	História literária
José Rangel	JN	1868 - 1940	Contista, professor	Academia Mineira de Letras
José Veríssimo	JN, AB	1857 - 1916	Jornalista e crítico literário	ABL - fundador

Continua

Continuação

AUTORES DOS EXCERTOS	LIVROS DIDÁTICOS – AUTORES*	NASCIMENTO - MORTE	ATIVIDADES	LEGITIMAÇÃO
Julio Nogueira	JN		Historiador literário e filólogo,	Autor de livro didático
Julia Lopes de Almeida	JN	1862 - 1934	Romancista	Autora de livros didáticos
Julio Ribeiro	JN	1845 - 1890	Professor e jornalista	ABL - patrono
Juvenal Galeno	JN	1836 - 1931	Poeta sertanista	Padaria espiritual do Ceará
Lima Barreto	SS	1881 - 1922	Romancista	Crítica
Lourenço Filho	JN	1897 - 1970	Educador	Governo Vargas
Luis Carlos	JN	1880 - 1932	Engenheiro e poeta	ABL
Luis Delfino	JN	1834 - 1910	Poeta e político	Ligado a Machado de Assis
Luis Edmundo	JN	1878 - 1961	Poeta e jornalista	ABL
Luis Guimarães Jr	OM	1847 - 1898	Diplomata e poeta	ABL
Machado de Assis	JN, SS, AB, OM	1839 - 1908	Romancista e poeta	ABL - fundador
Malba Tahan (Melo e Sousa)	JN	1895 - 1974	Contista e professor	
Manuel Bandeira	JN, AB	1886 - 1968	Poeta e professor	ABL
Manuel A. de Almeida	JN, SS	1831 - 1861	Romancista, jornalista e poeta	ABL - patrono
Maria Eugenio Celso	JN	1890 - 1963	Poeta	Filha de Afonso Celso
Mário de Alencar	AB	1872 - 1925	Jornalista, romancista e contista	ABL
Mario Barreto	JN	1879 - 1931	Filólogo e professor	Colégio Pedro II
Mario Pederneiras	AB, SS	1868 - 1915	Poeta e jornalista	Revista <i>Fon-fon</i> RJ
Mario Sete	AB	1886 - 1950	Professor, romancista e jornalista	Academia Pernambucana de Letras
Martins Fontes	JN	1884 - 1937	Médico e poeta	Grupo de Coelho Neto
Medeiros e Albuquerque	JN, PF	1867 - 1934	Romancista, poeta, jornalista e político	ABL
Menotti del Pichia	AB	1892 - 1988	Poeta, jornalista	ABL
Monteiro Lobato	PF, AB	1882 - 1948	Editor e romancista	Jornal OESP, atuação como editor
Múcio de Leão	JN	1898 - 1969	Poeta, jornalista	ABL

Continua

Continuação

AUTORES DOS EXCERTOS	LIVROS DIDÁTICOS – AUTORES*	NASCIMENTO - MORTE	ATIVIDADES	LEGITIMAÇÃO
Múcio Teixeira	JN	1857 - 1926	Poeta, crítico e político.	Grupo dos simbolistas – Rio
Nilo Bruzzi	JN	1897 - 1978	Poeta, romancista e professor	Boemia carioca
Odorico Mendes	SS	1799 - 1864	Tradutor, poeta, político e jornalista	ABL - patrono
Olavo Bilac	PF, JN, AB, SS, OM	1865 - 1918	Poeta e jornalista	ABL
Olegário Mariano	JN, AB	1889 - 1958	Deputado e poeta	ABL
Osório Duque Estrada	JN	1870 - 1927	Poeta, crítico, professor	ABL
Pacheco Júnior	JN		Referências não encontradas	
Padre Antonio Tomas	JN	1860 - 1941	Poeta	Academia Cearense de Letras
Paula Ney	JN	1858 - 1897	Poeta e jornalista	
Paulino de Brito	JN	1858 - 1919	Poeta e gramático	Academia Paraense de Letras
Paulo de Freitas	PF	1899 ?	Contista e gramático	Autor de livro didático CEN
Paulo Setúbal	JN	1893 - 1937	romancista	ABL
Pedro Saturnino	OM	1883 - 1953	Poeta, jornalista	
Pereira da Silva	JN	1817 - 1898	Poeta, contista, senador e historiador	Autor do Parnaso Brasileiro
Quintino Bocaiúva	AB	1836 - 1912	Poeta, jornalista, teatrólogo e político	
Raimundo Correa	JN, SS, AB	1859 - 1911	Poeta e diplomata	ABL
Raimundo Moraes	JN	1875 - 1941	Romancista, ensaísta, jornalista e político	
Raul de Leoni	JN	1895 - 1926	Poeta simbolista	
Raul Machado	JN	1891 - 1959	Poeta e jornalista	
Raul Pederneiras	AB	1874 - 1953	Poeta, teatrólogo e caricaturista	<i>Revista do Brasil</i>
Raul Pompéia	JN, SS, AB	1863 - 1895	Romancista e jornalista	ABL - patrono
Ribeiro Couto	JN	1898 - 1963	Poeta e diplomata	ABL
Ricardo Gonçalves	OM, AB	1883 - 1916	Poeta	Editado por Lobato

Continua

Continuação

AUTORES DOS EXCERTOS	LIVROS DIDÁTICOS – AUTORES*	NASCIMENTO - MORTE	ATIVIDADES	LEGITIMAÇÃO
Rocha Pombo	AB	1857 - 1933	Professor, historiador, poeta, romancista	ABL, IHGB
Rodrigo Otavio	JN, AB	1866 - 1944	Poeta e romancista	ABL
Rodrigues de Carvalho	JN	1867 - 1935	Poeta, jornalista e folclorista	Academia Cearense de Letras
Ronald de Carvalho	JN, AB	1893 - 1935	Poeta e diplomata	Grupo modernista
Roquete Pinto	JN	1884 - 1954	Radialista e médico	ABL
Rui Barbosa	JN, SS, AB	1849 - 1923	Político e jornalista	ABL
Salvador de Mendonça	AB	1841 - 1913	Diplomata, jornalista, ensaísta e teatrólogo	ABL - fundador
Santa Rita Durão	SS	1722 - 1784	Poeta arcade	História literária
Silva Ramos	SS	1853 - 1930	Poeta, jornalista e professor	ABL - fundador
Silvio Romero	JN	1851 - 1914	Crítico, ensaísta, professor	ABL - fundador
Teodoro Sampaio	JN	1855 - 1937	Engenheiro, político e historiador	IHGB, ABL
Teófilo Dias	JN	1854 - 1889	Jornalista, político e poeta	ABL - patrono
Tristão de Araripe	JN	1821 - 1908	Jornalista, político e historiador	IHGB
Urbano Duarte	JN	1855 - 1902	Jornalista	ABL - fundador
Valentim Magalhães	AB	1859 - 1903	Poeta, jornalista, e professor	ABL - fundador
Vasconcelos Drumond	JN	1794 - 1865	Historiador e diplomata	Ação política
Vicente A. de Carvalho	SS	1866 - 1924	Jornalista e poeta	ABL
Viera da Silva	OM	1887 - 1940	Poeta, ensaísta	Academia Maranhense de Letras
Virgílio Várzea	JN, AB	1865 - 1941	Romancista, contista, ensaísta	
Viriato Correia	JN, AB	1884 - 1967	Político, contista, deputado, jornalista	ABL
Xavier marques	JN	1861 - 1942	Jornalista e romancista	ABL

* AB: Aníbal Bruno;
 JN: Julio Nogueira;
 OM: Othoniel Motta;
 PF: Paulo de Freitas;
 SS: Sousa da Silveira.

APÊNDICE B – QUADROS DE AUTORES E EXCERTOS ANALISADOS

QUADRO B.1 – Othoniel Motta, *Seleta moderna*, 1935 (4ª edição).

Autores	Excertos
Ricardo Gonçalves	A árvore
Maeterlinck,	A festa do mel (tradução de Cândido de Figueiredo)
Viera da Silva	Carro de boi
Affonso Arinos	Um trem na Mata
Arlindo Martins	Pau D’arco
A. Correia de Oliveira	A fala do lume
Ramalho Urtigão	Caldas de Taipas
Olavo Bilac	Os Fenícios
Ramalho Urtigão	A venda de focking
A. Correia de Oliveira	Canção do Linho
Ramalho Urtigão	O interior das casas holandesas
Luiz Guimarães Junior	O derradeiro olhar que na agonia
Eça de Queiroz	O Brasil doutor
Luiz Guimarães	Visita à casa paterna
Eduardo Prado	Avestruzes
Alberto de Oliveira	A torrente
Assis Brasil	Adubos químicos ou artificiais
Olavo Bilac	Velhas Árvores
Camilo Castelo Branco	O lobo
Machado de Assis	A Carolina
Camilo Castelo Branco	A inveja
Olavo Bilac	Língua portuguesa
Ramalho Urtigão	Manhã na Holanda
Alberto de Oliveira	As borboletas
Ramalho Urtigão	Um Quarto
Sully Prud’Homme	O Cysne (tradução de Alberto de Oliveira)
João do Norte	A Raça
Alberto de Oliveira	Conselho
João do Norte	O curandeiro
Leconte de Lisle	Os elefantes (tradução de Ricardo Gonçalves)
João do Norte	A queimada
Ricardo Gonçalves	De manhã
Carvalho Ramos	A prisão do Malachias
João de Deus	Cabra, Carneiro, Cevado

Continua

Continuação

Autores	Excertos
João do Norte	A chuva
Affonso Arinos	Colombina
A. Correa de Oliveira	A fala do berço
Ramalho Urtigão	Os homens e as vestes holandesas
Alexandre Herculano	Paisagem
Olavo Bilac	Delenda Catargo
Julio César Machado	Um prólogo
Olavo Bilac	Pátria
Camilo C. Branco	Os bois de Teresa
Guerra Junqueiro	O primeiro filho
Affonso Arinos	A atalaia bandeirante
Affonso Arinos	Um Cromo
Affonso Arinos	Os bens de Cláudio Manuel da Costa
Affonso Arinos	Uma Fazenda
Ricardo Gonçalves	Fazenda Velha
Olavo Bilac	Oração à Bandeira
Bento Lopes	O canário morto
Ramalho Urtigão	Caldas de Vizela
Pedro Saturnino	O pica – pau
Maeterlinck	A colméia (tradução de Cândido de Figueiredo)
Maeterlinck	Uma rainha estranha, (trad. Cândido de Figueiredo)
Ricardo Gonçalves	A dança dos tangarás
Maeterlinck	O enxame primário (trad. Cândido de Figueiredo)
Olavo Bilac	A um grande homem
João do Norte	Terra de Sol
Euclides da Cunha	Fazedores do deserto
Eça de Queiroz	Uma Serra
Amadeu Amaral	Voz interior
Julio Dantas	Humorismo
Julio Dantas	O rato e o vitral
Cleomenes de Campos	Simplicidade
Antero De Figueiredo	O meigo idioma
Bento Arruda	Caça a queixadas
Bento Arruda	Caça aos lobos
Bento Arruda	Piando Macucos
Cleomenes de Campos	O meu brinquedo preferido
Cleomenes de Campos	O choro das reses (manuscrito)
Sem identificação	Exames Divertidos

QUADRO B.2 – Paulo de Freitas, *O nosso idioma*, 1936 (1ª edição).

Autores	Excertos
Monteiro Lobato	Despotismo
Monteiro Lobato	Cabecinha de Boneca
Adaptação	O pior dos vícios
Bento Lopes – Versos	Cromo
Adaptação (?)	Barbas crescidas
Monteiro Lobato	O Herege
Monteiro Lobato	Pé no chão
Monteiro Lobato	Juquita
Monteiro Lobato	Cucas
Humboldt	Homens e Feras
Humberto de Campos	O incêndio
Arthur de Azevedo - Versos	Juvenal
Medeiros e Albuquerque	Rio Branco
Monteiro Lobato	Uma idéia da senhora Emília
Medeiros e Albuquerque	Um furor de Leituras
Paulo de Freitas	Camisa Nova
Medeiros e Albuquerque	A roda dos enjeitados
Medeiros e Albuquerque	Rio Branco
Mark Twain	Como foi feito o deserto
Monteiro Lobato	Na casa dos pronomes
Paulo de Freitas	O sub-consciente I
Paulo de Freitas	O sub-consciente II
Monteiro Lobato	Os guris
Adaptação	O relógio de Janjão
Adaptação	O espirituoso elefante
Olavo Bilac	A boneca
Humberto de Campos	Carta a um cidadão de 10 anos
Humberto de Campos	Carta a um cidadão de 10 anos
Monteiro Lobato	As petas
Medeiros e Albuquerque	Paula Ney
Humberto de Campos	Juliano Moreira I
Humberto de Campos	Juliano Moreira II
Arthur Azevedo	O pequeno travesso
Monteiro Lobato	A gravata

QUADRO B.3 – Júlio Nogueira, *Programa de Português para as primeiras e segundas séries do secundário*, 1938 (1ª edição).

Autores	Excertos
Alberto de Oliveira	Soneto
Alfredo Taunay	Descrição
Aluizio Azevedo	Trecho de <i>Casa de Pensão</i>
Alvarez de Azevedo	Se eu morresse amanhã!
Araripe Junior	A pororoca
Augusto de Lima	Nostalgia Panteísta
Casimiro de Abreu	Simpatia
Castro Alves	As duas flores
Coelho Neto	Mandamentos Cívicos
Ernesto C. Ribeiro	Clássicos
Euclides da Cunha	Sem título
Félix Pacheco	Em louvor do soneto
Gonçalves Dias	A concha e a virgem
Heráclito Graça	Fatos da linguagem
Humberto de Campos	Amazônia
João Ribeiro	Conto (da Colméia)
Joaquim Nabuco	Academia Brasileira de Letras
José de Alencar	Iara
José Bonifácio	Saudades
José Veríssimo	O lirismo brasileiro
Julia Lopes de Almeida	O minuano
Luis Carlos	Exortação
Luis Delfino	A escola
Luis Guimarães Junior	Noite tropical
Machado de Assis	A língua
s/identificação	A Gonçalves Dias
Mário Barreto	Neologismo
Medeiros e Albuquerque	Rui Barbosa
Olavo Bilac	A língua portuguesa
Olavo Bilac	Ama com fé e orgulho
Osório Duque Estrada	Hino brasileiro
Pacheco Junior	Trecho do prontuário
Paula Ney	Fortaleza
Raimundo Correia	Anoitecer
Rui Barbosa	A pátria
Silvio Romero	Teorias da história do Brasil
Vicente de Carvalho	Cair das folhas

QUADRO B.4 – Júlio Nogueira, *Programa de Português – Antologia*, 1941 (2ª edição).

Autores	Excertos
Adelino Fontoura	Celeste
Adelmar Tavares	Maria
Afrânio Peixoto	Os jesuítas protetores dos índios
Alceu Amoroso Lima	A adolescência
Alfredo A. Taunay	Temporal
Amadeu Amaral	Voz interior
Aníbal Teófito	A esperança
Antonio Sales	A pesca da pérola
Antonio Tomás	Contraste
Aquino Correia	O ensino primário
Artur Azevedo	A minha noiva
Auta de Souza	Cores
Basílio de Magalhães	A escola
Bastos Tigre	A lição do calvário
Brant Horta	Se eu fosse rainha
Carlos D. Fernandes	Carmem novum
Carlos Celso de Ouro Preto	Soneto humorístico
Cassiano Ricardo	O enterro do sol
Celso Vieira –	Maravilhas do instinto
Coelho Neto-	Patrocínio, o tribuno
Coelho Neto	Os três grãos de milho
Cristovão de Camargo	A vida desesperada de Carlos Gomes
Erasmus Braga	A casa das andorinhas
Filinto de Almeida	Amendoim torrado
Graça Aranha	Os pirilampos
Gustavo Barroso	As avoantes
Helio Lobo	Brasil, terra cara!
Júlia Lopes de Almeida	Polaco!
Malba Tahan	O cântaro milagroso
Maria Eugênia Celso	A idade da razão
Martins Fontes	Faroleiro
Medeiros e Albuquerque	O filho do inspetor
Múcio de Leão	A promessa
Olavo Bilac	As flores
Olavo Bilac	As velhas árvores

Continua

Continuação

Autores	Excertos
Olegário Mariano	Meu Brasil
Paulino de Brito	Contradições
Paulo Setúbal	Confitear
Pereira da Silva	Honrarás tua mãe
Ribeiro Couto	Canção da espera feliz
Roquete Pinto	Uma informante do Imperador D.Pedro II
Rui Barbosa	Excerto de um discurso
Viriato Corrêa	O desempate
Viriato Corrêa	As duas mães
Xavier Marques	A última cavalhada

QUADRO B.5 – Julio Nogueira, *Programa de Português* – Antologia, 1944.**Tema: A família.**

Autores	Excertos
	A família em face da Constituição -1937
José Bonifácio, o moço	Saudades
Luis Guimarães Júnior	Visita à casa paterna
José Rangel	O espírito de família
Múcio Teixeira	As mães
Casimiro de Abreu	No lar
Rui Barbosa	A pátria
Luis Guimarães Júnior	O filho
Olavo Bilac	A minha mãe / A casa
Coelho Neto	Ser mãe
Afonso Celso	Anjo enfermo

Tema: A escola.

Autores	Excertos
Delgado de Carvalho	Ação da família e da escola
José de Anchieta	As primeiras escolas do Brasil
Olavo Bilac	Justiça (versos)
Ayrton Lôbo	A escola e a pátria
Raul Pompéia	Festa escolar (<i>O Ateneu</i>)
Raul Pompéia	Trecho do Ateneu
Luiz Delfino	A escola
Teodoro Sampaio	A primeira escola de São Paulo
Hilário Ribeiro	A escola, O professor Primário
Basílio Magalhães	A escola
Alda Pereira da Fonseca	Respeito aos mestres
Edmundo de Amicis	O nosso professor, trecho de <i>Coração</i> (tradução de João Ribeiro)
José de Alencar	O meu primeiro professor
João Francisco Lisboa	Vieira na escola
Manuel Antonio de Almeida	Entrada para escola (<i>Memórias de um ...</i>)

Tema: A terra natal.

Autores	Excertos
Joaquim Manuel de Macedo	O torrão natal
Gonçalves Dias	Canção do exílio
Euclides da Cunha	O gaúcho e o vaqueiro (<i>Os Sertões</i>)
Casimiro de Abreu	Canção do exílio
Afonso Celso	A baía do Rio de Janeiro (<i>Por que me ufano...</i>)
Gonçalves Dias	O gigante de pedra
Visconde de Taunay	Quadros da natureza
Adelmar Tavares	Chegando a Recife
Alcântara Machado	Trecho de um discurso acadêmico
Paula Ney	Fortaleza (soneto)
José de Alencar	Verdes mares (trecho de <i>Iracema</i>)
Olavo Bilac	Ama com fé e orgulho (<i>A pátria</i>)

Leituras suplementares.

Autores	Excertos
Cônego Fernandes Pinheiro	Robério Dias ou as minas da prata
Vasconcelos Drumond	Inteireza dos Andradas
Graça Aranha	Queimada
Júlia Lopes de Almeida	O sino de ouro
Teófilo Dias	Saudade
Joaquim Manoel de Macedo	Fragmento
Bernardo Guimarães	Prólogo das <i>Folhas de outono</i>

A segunda série.**Tema: A paisagem.**

Autores	Excertos
Coelho Neto	Guimarães Passos (discurso)
Emílio de Menezes	O salto do Guairá
Lourenço Filho	Trecho de <i>O Juazeiro do Padre Cícero</i>
Martins Fontes	O coqueiro
Ariosto Pinheiro	Viagem através do Brasil
Paulo Setúbal	Plácida Fazenda
José de Alencar	O pampa
Visconde de Taunay	Tarde sertaneja
Visconde de Taunay	Trecho de <i>Céus e terras do Brasil</i>
José Veríssimo	Indo para a seringa
Rui Barbosa	O sertão e o mar
Alberto de Oliveira	Soneto
Luiz Guimarães	Noite tropical
Raimundo Corrêa	Anoitecer

Tema: A vida em cada região do Brasil.

Autores	Excertos
Inglês de Souza	O caboclo do Amazonas
Afonso Arinos	O brejão
Idem	O café
Idem	Trecho de discurso
Júlio Ribeiro	A moagem
Raimundo Moraes	A montaria
Idem	O seringueiro
Virgílio Várzea	Manhã na Roça
Coelho Neto	O nacionalismo de Silvio Romero
Da Costa e Silva	O Aboio
Câmara Cascudo	Classicismo Sertanejo
Geraldo Rocha	Vaqueiros e Remeiros
Euclides da Cunha	Conferência sobre Castro Alves
Tristão de Araripe	A pororoca
Humberto Campos	A Amazônia
Júlia Lopes de Almeida	O minuano
Juvenal Galeno	O rapaz da guia
Afonso Arinos	Trecho de discurso na Academia Brasileira de Letras
Adolfo Caminha	Os pic-nics no jardim botânico

Leituras suplementares.

Autores	Excertos
Urbano Duarte	O Andrade
Machado de Assis	O almocreve
Rodrigo Otávio	Trecho de discurso
Arthur Azevedo	Um Monstro
Humberto de Campos	Trechos de <i>O Brasil anedótico</i>
Júlio Nogueira	O folclore nacional
Juvenal Galeno	O topador
Astérios de Campos	A gota de orvalho

QUADRO B.6 – Sousa da Silveira, *Trechos Seletos*, 1942 (5ª edição).

Trechos em prosa.

Autores	Trechos	Obras
Lima Barreto	Um mal para nossa terra	<i>Triste fim de Policarpo Quaresma.</i>
Mário C. Branco Barreto	Plural de diminutivos em zinho e zito	<i>Através do Dicionário e da Gramática</i>
Amadeu Amaral	Falares brasileiros	<i>O dialeto caipira</i>
Graça Aranha	Música sertaneja	<i>A viagem maravilhosa</i>
Afonso Arinos	Tropas e tropeiros	<i>Histórias e paisagens</i>
Euclides da Cunha	O estouro da boiada	<i>Os Sertões</i>
Coelho Neto	Estio	<i>Sertão</i>
Raul Pompéia	Uma noite literária	<i>Antologia Nacional. Carlos de Laet</i>
Eduardo Prado	Jesuítas e mamelucos	<i>O catolicismo e a companhia de Jesus e a colonização do Brasil</i>
João Ribeiro	Os clássicos, modelos eternos da linguagem.	<i>Páginas de estética</i>
Aluizio de Azevedo	A pedreira	<i>O cortiço</i>
Silva Ramos	Em ar de conversa	<i>Em ar de conversa</i>
Rui Barbosa	A lição das esquadras	<i>Páginas literárias</i>
Rui Barbosa	Prece de natal	<i>Páginas literárias</i>
Rui Barbosa	O estouro da boiada	<i>Páginas literárias</i>
Joaquim Nabuco	O barão de Tautphoues e a natureza brasileira	<i>Minha formação</i>
Carlos de Laet	Mau emprego de grandes inventos	<i>O país</i>
Eça de Queiroz	A vida numa quinta do Minho	<i>A correspondência de Fradique Mendes</i>
Eça de Queiroz	Subida da serra para Tormes	<i>A cidade e as serras</i>
Visconde de Taunay	No sertão	<i>Inocência</i>
Machado de Assis	Um Apólogo	<i>Várias histórias</i>
Idem	O cônego ou o metafísico do estilo	<i>Várias Histórias</i>
Idem	A língua na literatura brasileira	<i>O Novo Mundo - New York</i>
Manuel A. de Almeida	Procissões e baianas	<i>Memórias de um sargento de milícias</i>
José de Alencar	O Paraíba	<i>O guarani</i>
Idem	A Prece	<i>O guarani</i>

Continua

Continuação

Autores	Trechos	Obras
Camilo C. Branco	Morte de um lobo	<i>Sentimentalismo e História</i>
Rebello da Silva	O Prior	<i>Contos e Lendas</i>
Idem	A ultima corrida de Touros em Salvaterra	<i>Contos e lendas</i>
Alexandre Herculano	A filosofia e as diversas épocas da vida	<i>Lendas e Narrativas</i>
Idem	O Salia	<i>Eurico, o presbítero.</i>
Idem	Godos cristãos perseguidos por árabes	<i>Eurico, o presbítero.</i>
Feliciano de Castilho	Necessidade de estudar os antigos escritores	<i>A primavera</i>
Odorico Mendes	Sobre o gênero bucólico	<i>Vergílio Brasileiro</i>
Almeida Garret	Reflexões de Garret, passando por uma charneca.	<i>Viagens na minha terra</i>
Francisco M. do Nascimento (Filinto Elisio)	O Brasil	<i>Da vida e feitos d'El Rei D.Manuel</i>
Pe. Manuel Bernardes	Contemplação das perfeições de Deus no espelho das criaturas	<i>Luz e Calor</i>
Idem	O lobo e o Cordeiro	<i>Leituras portuguesas</i>
Idem	Como passam mil anos diante de Deus	<i>Sermões e Praticas</i>
Antonio Viera	Perseverança do missionário	<i>Sermões</i>
Idem	O homem é pó	<i>Sermões</i>
Idem	O granjeiro do pão	<i>Sermões Seletos</i>
Idem	A serra de Ibiapaba	<i>Vozes saudosas da eloquência</i>
Frei Luis de Souza	O arcebispo e o pastorinho	<i>Vida de D.Frei Bartolomeu dos Martires</i>
Idem	Aspereza com que se tratava o Arcebispo	<i>Vida de ...</i>
Heitor Pinto	Instabilidade e vaidade das cousas do mundo	<i>Imagem da vida Cristã</i>
José de Anchieta	Trecho de um sermão	<i>Sermão da conversão de São Paulo</i>
Frei Tomé de Jesus	A Cruz	<i>Trabalho de Jesus</i>
Bernardim Ribeiro	Diz a donzela algumas de suas mágoas e refere-se a um livro que pretende escrever	<i>Menina e Moça</i>

Versos selecionados.

Autores	Trechos	Obras
Alphonsus de Guimarães	Ismália	<i>Pastoral aos crentes de amor e morte</i> . Ed. Monteiro Lobato – 1923
Vicente Augusto de Carvalho	Soneto	<i>Poemas e Canções</i>
Idem	Outro Soneto	<i>Poemas e Canções</i>
Olavo Bilac	Via Láctea	<i>Poesias</i> . Teixeira & Irmãos editores, 1888.
Idem	Rio Abaixo	<i>Poesias</i> . 1921 (7 edição)
Cruz e Sousa	Vida Obscura	<i>Poesias</i> . Edições do Anuário do Brasil, Rio. Poemas e Canções
Idem	Supremo Verbo	<i>Poesias</i> . Edições do Anuário do Brasil, Rio. Poemas e Canções
Raimundo Correa	A cavalgada	<i>Poesias</i> . Lisboa, 1906
Idem	Plenilúnio	<i>Poesias</i> . Lisboa, 1906
Alberto de Oliveira	Dia de viagem	<i>Poesias</i> . 1912 (2ª série)
Idem	Horas mortas	<i>Poesias</i> (3ª série)
Castro Alves	Crepúsculo Sertanejo	<i>A cachoeira de Paulo Afonso</i>
Idem	O navio negreiro	<i>Ob. completas</i> , ed. de Afrânio Peixoto
Idem	Vozes d’África	<i>Ob. completas</i> , ed. de Afrânio Peixoto
Casimiro de Abreu	Meus oito anos	<i>As primaveras</i> . Rio, Tipografia de Paula Brito, 1859.
Idem	Canção do exílio	<i>As primaveras</i> . Rio, Tipografia de Paula Brito, 1859.
Idem	No lar	<i>As primaveras</i> . Rio, Tipografia de Paula Brito, 1859.
Gonçalves Dias	A noite	<i>Cantos</i> . Leipzig, 1865.
Idem	O mar	<i>Cantos</i> . Leipzig, 1865.
Idem	Um velho tupi maldiz o seu filho, por tê-lo suposto covarde	<i>Cantos</i> . Leipzig, 1865.
Idem	Canção do Tamoio	<i>Cantos</i> . Leipzig, 1865.
Basilio da Gama	Cacambo atravessa o rio e lança fogo ao acampamento inimigo	<i>O Uruguai</i> . Lisboa, 1769.
Santa Rita Durão	Deus	<i>Caramurú</i> . Lisboa, 1781.
Idem	Moema	<i>Caramuru</i> . Lisboa, 1781.
Luiz de Camões	Alguns Sonetos	<i>Lírica</i> . Coimbra, 1932.
Cristóvão Falcão	Cantiga	<i>Cristal</i> . Ed. anotada por Sousa Silveira, 1933.
Bernardim Ribeiro	Cantar	<i>Obras de B. Ribeiro e C. Falcão</i> . Coimbra, 1932.
Gil Vicente	Todo Mundo e ninguém	<i>Obras</i> . 1562.
El Rei D.Dinis	Saudade	Apud J.J.Nunes. <i>Cantiga d’amor dos trovadores Galego – portugueses</i> . Coimbra, Imprensa da Universidade 1932.
Idem	Pastora apaixonada	Apud J.J.Nunes. <i>Cantiga d’amigo dos trovadores Galego – portugueses</i> . Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926.

QUADRO B.7 – Aníbal Bruno, *Língua Portuguesa*, 1941 (1ª edição).

Autores	Obras
Ronald de Carvalho	O preconceito europeu (<i>A margem da República</i>)
Eça de Queiroz	Valor
Machado de Assis	Razões de um livro(<i>Dom Casmurro</i>)
Ramalho Urtigão	Cena de rua na Holanda (<i>A Holanda</i>)
Visconde de Taunay	Alvorada (<i>Céus e terras do Brasil</i>)
Joaquim Nabuco	Os escravos (<i>Minha formação</i>)
Almeida Garret	Recordações (<i>Viagens na minha terra</i>)
Rui Barbosa	De volta a conferência de Haia (Estante Clássica)
Afonso Arinos	Tropeiros (<i>Histórias e paisagens</i>)
Eça de Queiroz	São Cristovão (sem referencia)
Olavo Bilac	A morte de Fernão Dias (<i>O caçador de esmeraldas</i>)
Almeida Garret	A charneca (<i>Viagens na minha terra</i>)
Graça Aranha	Música Notiva (<i>Canaã</i>)
Euclides da Cunha	O Judas do seringueiro (<i>Às margens da história</i>)
Eça de Queiroz	No Egito (<i>Correspondência de Fradique Mendes</i>)
Rui Barbosa	A lição das esquadras (Estante clássica)
Coelho Neto	Sertão (<i>Sertão</i>)
Almeida Garret	Santarém (<i>Viagens na minha terra</i>)
Joaquim Nabuco	Recordação do mestre (<i>Minha formação</i>)
Graça Aranha	Sonho (<i>Canaã</i>)
Alexandre Herculano	Perseguição (<i>Eurico, o presbítero</i>)
Antonio F. de Castilho	Heroísmo (<i>Quadros históricos</i>)
Pe. Manuel Bernardes	Um dia e a eternidade (<i>Sermões e práticas</i>)
Graça Aranha	Cavalgando (<i>Canaã</i>)
Machado de Assis	José de Alencar
Ramalho Urtigão	Manhã na Holanda
Vicente de Carvalho	Palavras ao mar (<i>Poemas e canções</i>)
José de Alencar	Iracema (<i>Iracema</i>)
Eça de Queiroz	Um encontro (<i>Correspondência de Fradique Mendes</i>)
Rui Barbosa	Trecho de discurso (Estante Clássica)
Camilo Castelo Branco	O lobo
Joaquim Nabuco	Admiração filial (<i>Minha formação</i>)
Castro Alves	Vozes da África (<i>Os escravos</i>)
Visconde Taunay	Noite Tropical (<i>Céus e terras do Brasil</i>)
Graça Aranha	Lendas (<i>Canaã</i>)
Eça de Queiroz	Manhã Auspiciosa (<i>Ilustre casa de Ramires</i>)
Euclides da Cunha	Visão do Amazonas (<i>A margem da história</i>)
Ramalho Urtigão	Na Holanda
Raul Pompéia	Salvos (<i>Canções se metro</i>)
Alexandre Herculano	Recordações
Latino Coelho	Poesia e matemática (Estante Clássica)

QUADRO B.8 – Aníbal Bruno, *Língua Portuguesa*, 1941. Textos de apoio às lições (1ª edição).

Autores	Obras
Ronald de Carvalho	Brasileiro! Onde está tua pátria?
Cecília Meireles	Canção para Além
Cassiano Ricardo	Declaração de Amor
Sem identificação	texto sem título
Menotti del Picchia	texto sem título
Manuel Bandeira	Eu faço versos como quem chora
Guilherme de Almeida	Balada do solitário
Menotti del Picchia	Ventura doida.
Cassiano Ricardo	Martim Afonso
Cassiano Ricardo	Pleno sertão
Guilherme de Almeida	Velas
Luis Guimarães	Versos
Mario Pederneiras	Versos

QUADRO B.9 – Aníbal Bruno, *Língua Portuguesa* – Antologia 1ª série, 1943 (1ª edição).

Autores	Excertos
Coelho Neto	Os dois meninos
José de Alencar	O dilúvio e o tamandaré
Antero de Quental	Deus e poesia
Bernardo Guimarães	Paisagem
Valentim Magalhães	O primeiro dente
Leon Tolstoi	A mãe e o filho
Olavo Bilac	A mocidade
Afonso Arinos	O Brasil
Monteiro Lobato	O veado e a moita
Olavo Bilac	Os corsários
Barão de Paranapiacaba	O leão e o rato
De Amicis	O primeiro dia de escola
Casimiro de Abreu	Meus oito anos
Julia Lopes de Almeida	A nossa bandeira
Amadeu Amaral	Lenda Oriental
Ramalho Urtigão	A pátria
Monteiro Lobato	A morte e o lenhador
Garcia Redondo	As aves
Afonso Arinos	No rancho
Monteiro Lobato	O corvo e o pavão
Antonio Feliciano de Castilho	Noite de Natal
Machado de Assis	As flores e os pinheiros
De Amicis	A minha antiga mestra
Luis Guimarães Júnior	O cruzeiro do sul
Mario Sete	Os velhos bandeirantes
Monteiro Lobato	O galo que logrou a raposa
Coelho Neto	Recordação
Olavo Bilac	O credo
Lamartine	Os dois irmãos
Afonso Arinos	O sertão bruto
Coelho Neto	O perna de pau
Barão de Paranapiacaba	O lavrador e seus filhos
Monteiro Lobato	O gato e a raposa
Coelho Neto	Os três grãos de milho
Casimiro de Abreu	Deus
De Amicis	A escola
Gonçalves Dias	Não me deixes
Monteiro Lobato	O pastor e o leão
Malba Tahan (Melo e Sousa)	O tesouro de Bresa
Julio Ribeiro	O poder da Oração
Batista Cepelos	Manhã Brasileira

Continua

Continuação

Autores	Excertos
Julia Lopes de Almeida	Heroísmo
Monteiro Lobato	O macaco e o gato
De Amicis	Meu amigo Garrone
Batista Cepelos	A pátria
Coelho Neto	O mentiroso
Olavo Bilac	A boneca
De Amicis	Os pobres
Monteiro Lobato	Assembléia dos ratos
Monteiro lobato	Cinderela
Olavo Bilac	A casa
De Amicis	O pedreirinho
José Joaquim de Macedo	Berço pátrio
João Lúcio	A galinha dos ovos de ouro
Mário Sete	O sol de Guararapes
Amadeu Amaral	A humanidade
Casimiro de Abreu	Infância
Ricardo Gonçalves	De manhã
De Amicis	Poesia
Olavo Bilac	Ave Maria
Monteiro Lobato	A pescaria
Coelho Neto	A cobra e o gaturano
Quintino Bocaiúva	Inocência
Afonso Arinos	O caboclo d'água
De Amicis	O litígio
Raul Pederneiras	A madrugada
João Ribeiro	O compadre da morte
Eça de Queiroz	Jesus
De Amicis	A última página
Casimiro de Abreu	Exílio
Coelho Neto	Patriotismo
Rui Barbosa	Alexandre da Macedônia
Monteiro Lobato	A cigarra e a formiga
Gustavo Barroso	O brilhante e o seixo
Visconde de Taunay	Noite escura
José de Alencar	Iara
Coelho Neto	O Brasil nativo
Visconde de Taunay	A pelota
Olavo Bilac	Uma vida I
Olavo Bilac	Uma vida II
Gastão Cruls	Crepúsculo Tropical
Gonçalves de Magalhães	Hino ao criador

QUADRO B.10 – Aníbal Bruno, *Língua Portuguesa* – Antologia 2ª série, 1943 (1ª edição).

Autores	Excertos
Afonso Arinos	Tropeiros
Salvador de Mendonça	O salto de Itu
José de Alencar	Mares do norte
Monteiro Lobato	O gato vaidoso
Euclides da Cunha	O estouro da boiada
Graça Aranha	Os pirilampos
Olavo Bilac	Velhas árvores
Júlia Lopes de Almeida	Flores
Monteiro Lobato	O leão e o ratinho
Euclides da Cunha	O umbuzeiro
Gustavo Barroso	As enchentes do sertão nordestino
Manuel Bernardes	O sapateiro
Olavo Bilac	Uma regata
Alberto Oliveira	O ninho
Afonso Arinos	Um trem na mata
Extraído do <i>Tesouro da juventude</i>	O rei dos leões
Gastão Cruls	Caçada
Afonso Arinos	O rio
Mário de Alencar	Bichos da noite
Monteiro Lobato	O reformador do mundo
Júlia Lopes de Almeida	O minuano
Cassiano Ricardo	Despedida
José Veríssimo	O tapuio e o surucuju
José de Alencar	O pampa
Sílvio Romero	A raposa e a cegonha
Rui Barbosa	O estouro da boiada
Visconde de Taunay	Tarde sertaneja
Afonso Celso	Cachoeira de Paulo Afonso
Gastão Cruls	A índia e o jacaré
João do Norte (Gustavo Barroso)	Uma roça no Ceará
Couto de Magalhães	A casa do sertanejo no Amazonas
Manuel Bernardes	O lobo e o cordeiro
Joaquim Nabuco	Massangana
Olavo Bilac	Anoitecer
Olavo Bilac	O negrinho do pastoreio
Afonso Arinos	Em fuga
Gastão Cruls	O uirapuru
Vicente de Carvalho	O orgulho da águia
Rodrigo Otavio	Um temporal
Olavo Bilac	Meio dia

Continua

Continuação

Autores	Excertos
Júlia Lopes de Almeida	Rendas
Coelho Neto	Paisagem
Assis Brasil	A vida no sul
Alberto de Oliveira	Lição da pátria
Monteiro Lobato	O drama da geada
Virgílio Várzea	Manhã na roça
Alberto de Oliveira	Flor de cardo
Gastão Cruls	Paisagem Amazônica
Julio Ribeiro	A procelária
Alberto de Oliveira	A cigarra na chácara
Araripe Junior	O Igapó
Júlio Ribeiro	A moagem
Visconde de Taunay	O sertanejo
Guerra Junqueira	A primavera
Afonso Celso	Belezas do Brasil
Júlia Lopes de Almeida	Simplicidade
Tristão de Ataíde	A poesia
Olavo Bilac	Oração à bandeira
Visconde de Taunay	Terra Queimada
Alfredo Varela	Ocaso no Rio Grande
Olavo Bilac	Pátria
Júlia Lopes de Almeida	Saber ler
Fagundes Varela	Avemaria
Graça Aranha	Rio Doce
Graça Aranha	Queimada
João do Norte (GustavoBarroso)	A chuva
Graça Aranha	A vida
Euclides da Cunha	O sertanejo e a seca
Sílvio Romero	A mochila de ouro
Mário de Alencar	Manhãs e noites da serra
Monteiro Lobato	O orgulhoso
Coelho Neto	Na mata
Monteiro Lobato	A pele de urso
Cláudio de Souza	A baía de Guanabara
Euclides da Cunha	A seca
Arthur de Azevedo	O pequeno travesso
Medeiros de Albuquerque	Mãe tapuia
Monteiro Lobato	A garça velha
Euclides da Cunha	O Judas do seringueiro I
Euclides da Cunha	O Judas do seringueiro II

QUADRO B.11 – Aníbal Bruno, *Língua Portuguesa* – Antologia 3ª série, 1943 (1ª edição).

Autores	Excertos
Ronald de Carvalho	O bandeirante
Eduardo Prado	Os campanários de São Paulo
Rocha Pombo	A primeira colônia
Castro Alves	Crepúsculo sertanejo
Coelho Neto	Noturno
Ronald de Carvalho	O segundo Império
Julia Lopes de Almeida	As aves
Olavo Bilac	A lenda das amazonas
Luiz Guimarães	Visita a casa paterna
Gastão Cruls	Crepúsculo Tropical
Gilberto Amado	Nacionalismo
Alberto de Oliveira	Baile de Inverno
Visconde de Taunay	Queimada
Ronald de Carvalho	Período Colonial
Rui Barbosa	A volta das andorinhas
Rocha Pombo	As nossas letras, arte e ciência
Julia Lopes de Almeida	O livro
Tristão de Ataíde	O regato cristalino
Tristão de Ataíde	Canudos - Euclides da Cunha
Raimundo Correa	Anoitecer
Olavo Bilac	Patriotismo
Ronald de Carvalho	A psique brasileira
Olavo Bilac	Poesia
Euclides da Cunha	Em Marcha
Joaquim Nabuco	Barão de Tautphoeus I
Julia Lopes de Almeida	Crianças
Olavo Bilac	A morte de Fernão Dias
Ronald de Carvalho	O ciclo da consolidação
Alberto de Oliveira	A mata
Joaquim Nabuco	Barão de Tautphoeus II
Olavo Bilac	O bandeirante
Julia Lopes de Almeida	Plantas
Coelho Neto	A primeira missa
Castro Alves	O baile na flor
Coelho Neto	Nova Pátria

Continua

Continuação

Autores	Excertos
Joaquim Nabuco	Os escravos
Durval de Moraes	O sementeiro
Afonso Arinos	Fugitivos
Ronald de Carvalho	A regência
Afrânio Peixoto	Oswaldo Cruz
Alphonsus de Guimarães	As mãos da virgem
Julia Lopes de Almeida	Jardins
Ramalho Urtigão	Tropical
Joaquim Nabuco	A escravidão
Ronald de Carvalho	Brasileiro onde está tua pátria!
Afonso Lopes Viera	A dança do vento
João Toledo	Fernão Dias
Mário de Alencar	Manhãs e noites da Serra
Afonso Arinos	A atalaia bandeirante
Graça Aranha	Terra do Brasil
Guilherme de Almeida	Dor Oculta
João Ribeiro	A regência
Julia Lopes de Almeida	Flores
Rocha Pombo	O que é hoje o Brasil
Visconde Taunay	O guia Lopes
Adelmar Tavares	A cidade do Recife
Joaquim Nabuco	Libertação dos escravos
Julia Lopes de Almeida	Os pobres
Tristão de Ataíde	O período colonial
Augusto Gil	Balada da neve
Visconde de Taunay	O sertanejo
Rui Barbosa	Pátria
Ronald de Carvalho	A guerra holandesa
Julia Lopes de Almeida	Criados
Tristão de Ataíde	Joaquim Nabuco
Ricardo Gonçalves	A árvore
Rocha Pombo	Descoberta do Brasil
Alphonsus de Guimarães	Ismália

QUADRO B.12 – Aníbal Bruno, *Língua Portuguesa* – Antologia 4ª série, 1943 (1ª edição).

Autores	Excertos
Euclides da Cunha	O valor de um símbolo
Tristão de Ataíde	O romantismo
Alberto de Oliveira	Aspiração
Euclides da Cunha	Depois do combate
José Garibaldi	Carta
Rui Barbosa	Rosas
Cassiano Ricardo	Martim Afonso
Alexandre Herculano	Recordações
Vicente de Carvalho	Poesia
Joaquim Nabuco	Recordações do Mestre I
Eça de Queiroz	Uma serra
Julia Lopes de Almeida	Carta
Gilberto Amado	A unidade da pátria
Guerra Junqueira	Regresso ao lar
Machado de Assis	A língua
Graça Aranha	Sonho
Antonio Feliciano de Castilho	Carta
Alexandre Herculano	Perseguição
Mário Pederneiras	Pelo caminho da Vida
Ramalho Urtigão	Caldas de Vizela
Machado de Assis	O delírio
Júlia Lopes de Almeida	Bilhetes Postais
Joaquim Nabuco	Recordação do Mestre II
Olavo Bilac	Os rios
Eça de Queiroz	No Egito
Rui Barbosa	carta
Antero de Quental	A virgem santíssima
Afonso Arinos	Um cromo
Eça de Queiroz	A vida numa quinta do ninho
Ramalho Urtigão	Jardins
Luiz Guimarães	Poesia
Julia Lopes de Almeida	Carta
Almeida Garret	O latim
Olavo Bilac	Poesia
Joaquim Nabuco	Academia Brasileira de Letras
Camilo Castelo Branco	O lobo
Olavo Bilac	Pátria
Julia Lopes de Almeida	Carta

Continua

Continuação

Autores	Excertos
Euclides da Cunha	Rebate falso
Eça de Queiroz	Valor
Machado de Assis	José de Alencar
Almeida Garret	A charneca
Graça Aranha	Musica nativa
Cassiano Ricardo	Pleno Sertão
Julia Lopes de Almeida	Carta
Graça Aranha	Cavalgando
Julia Lopes de Almeida	Carta
Alexandre Herculano	Recordações
Ronald de Carvalho	Teoria
José de Alencar	Iracema
Olavo Bilac	Inania verba
José Maria Latino Coelho	Carta
Vicente de Carvalho	Palavras ao mar
Rui Barbosa	De volta a conferência de Haia
Alberto Oliveira	Poesia
Joaquim Nabuco	Os escravos
Eça de Queiroz	Carta de uma noiva
Almeida Garret	Recordações
Antonio Feliciano de Castilho	Heroísmo
Vicente de Carvalho	Poesia
Padre Manoel Bernardes	Um dia e a eternidade
Camilo Castelo Branco	Carta
Rui Barbosa	Trecho de discurso
Visconde de Taunay	Alvorada
Rui Barbosa	A mocidade
Gervásio Fioranti	Paisagem Bizantina
Julia Lopes de Almeida	Bilhete
Joaquim Nabuco	Política e Letras
Eça de Queiroz	Carta de uma criada
Aroldo Bruno	Pai João
Ramalho Urtigão	Interior holandês
Rui Barbosa	Marinha
Julia Lopes de Almeida	Carta
Machado de Assis	Razões de um livro
Olavo Bilac	A língua portuguesa
Eça de Queiroz	Manhã auspiciosa
Euclides da Cunha	Visão do Amazonas
Guerra Junqueira	Oração a luz
Graça Aranha	Lendas
Guilherme de Almeida	Velas

APÊNDICE C – IMAGENS DOS LIVROS DIDÁTICOS ANALISADOS

Figura C.1 – Capa da obra *Selecta Moderna*, de Othoniel Motta. Este exemplar foi adquirido em sebo, apresentando as marcas do uso, como este adesivo na parte central.

Bibliotheca Pedagogica Brasileira

Sob a direcção de Fernando de Azevedo

Série II { **LIVROS DIDACTICOS**
(manuaes, livros de texto e livros-fonte)

VOLUMES PUBLICADOS

VOLS.
CARTONAS

I — Sciencias Physicas e Naturaes — Tomo I — 2. ^a edição — FRANCISCO VENANCIO FILHO e EDGAR SUSSEKIND DE MENDONÇA	88
II — O desenho ao alcance de todos — F. NEREO SAMPAIO	78
III — Lições de Portuguez — 8. ^a edição — OTHONIEL MOTTA	88
IV — Grammatica Expositiva (Curso Elementar) — 60. ^a ed. — EDUARDO C. PEREIRA (Adaptada á nova orthographia por LAUDELINO FREIRE)	58
V — Grammatica Expositiva (Curso Superior) — EDUARDO CARLOS PEREIRA (Adaptada á nova orthographia por LAUDELINO FREIRE)	88
VI — Grammatica Historica — EDUARDO CARLOS PEREIRA	108
VII — Ler Brincando (cartilha) — THALES DE ANDRADE	28
VIII — Psychologia — A. SAMPAIO DORIA	108
IX — Como se aprende a lingua (Curso Elementar) — A. SAMPAIO DORIA	58
X — Como se aprende a lingua (Curso Geral) — A. SAMPAIO DORIA	88
XI — Elementos de Anatomia e Physiologia Humanas — A. ALMEIDA JUNIOR	108
XII — Primeiro anno de mathematica — 5. ^a edição — J. STÁVALE	108
XIII — Segundo anno de mathematica — 4. ^a edição — J. STÁVALE	108
XIV — Selecta Moderna (2. ^a edição) — OTHONIEL MOTTA	78
XV — Curso Elementar de Historia Natural — C. DE MELLO LEITÃO (Tomo I)	108
XVI — Sciencias Physicas e Naturaes — Tomo II — 2. ^a edição — FRANCISCO VENANCIO FILHO e EDGAR SUSSEKIND DE MENDONÇA	108
XVII — Educação — SAMPAIO DORIA	128
XVIII — Logica — L. LIARD (trad. de GODOFREDO RANGEL) — 2. ^a edição	78
XIX — Como se aprende inglez — 2. ^a edição — J. L. CAMPOS JUNIOR	108
XX — Chave da Lingua — 3. ^a edição — OTHONIEL MOTTA	38
XXI — Terceiro anno de mathematica — 2. ^a edição — J. STÁVALE	128
XXII — Curso Elementar de Historia Natural — C. DE MELLO LEITÃO (Tomo II)	128
XXIII — Physica (2. ^a edição) — 3. ^o anno — OSCAR BERGSTROM LOURENÇO	78
XXIV — Vitae Excellentium Imperatorum de CORNELII NEPOTIS — Tradução e notas de ANTONIO PICCAROLO	88
XXV — Mon Petit Univers (Como se aprende francez) — MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT (Edição illustrada)	88
XXVI — Geographia Humana — AROLD DE AZEVEDO (Edição illustrada)	108
XXVII — Geographia Gymnasial — 1. ^a Série — RENATO JARDIM	78
XXVIII — Physica (para o 3. ^o anno) — FRANCISCO VENANCIO FILHO	78
XXIX — Physica (4. ^o anno gymnasial) — OSCAR BERGSTROM LOURENÇO	158
XXX — English Anthology — 4. ^a edição — NUNO SMITH DE VASCONCELLOS	108
XXXI — Historia da Civilização (4. ^o anno gymnasial) — ERASTO DE TOLEDO	108
XXXII — Historia da Civilização Brasileira — para a Escola Primaria — (Edição illustrada) — PEDRO CALMON	58
XXXIII — Dicionario de verbos inglezes — J. L. CAMPOS JUNIOR	88

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 24-A a 30, São Paulo

Figura C.2 – Contracapa da obra *Selecta Moderna*, de Othoniel Motta, relacionando os volumes da Coleção BPB, Série Didáticos, em que se observam os preços das obras.

Figura C.3 – Capa da obra *O nosso idioma: sintaxe geral*, de Paulo de Freitas, cujo padrão de diagramação se repetiu nas outras obras do autor.

Figura C.4 – Folha de rosto da obra *Trechos Seletos*, na qual se observam elementos para a legitimação da obra, tais como o símbolo da Coleção BPB e a referência acadêmica do autor.

LIVROS DIDÁTICOS	
(Manuais, livros de texto e livros-fontes)	
2.ª SÉRIE DA	
BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA	
Sob a direção de Fernando de Azevedo	
VOLUMES PUBLICADOS:	
GRAMÁTICAS E ESTUDOS DE PORTUGÊS:	
EDUARDO CARLOS PEREIRA:	
4— Gramática Expositiva - Curso Elemental - 77.ª edição	5\$000
5— Gramática Expositiva - Curso Superior - 46.ª edição	8\$000
6— Gramática Histórica - 10.ª edição	12\$000
OTONIEL MOTA:	
7— Lições de Português - 8.ª edição	9\$000
8— Seleta Moderna - 6.ª ed.	7\$000
9— Chave da Língua - 5.ª ed.	3\$500
10— O Meu Idioma - 7.ª ed.	10\$000
A. SAMPAIO DORIA:	
11— Como se Aprende a Língua - Curso Elemental - 3.ª edição	6\$000
12— Como se Aprende a Língua - Curso Geral - 8.ª edição	10\$000
TALES DE ANDRADE:	
13— Ler Brincando 32.ª edição	3\$000
PAULO DE FREITAS:	
14— O Nosso Idioma - Antologia e gramática aplicada - Morfologia - 5.ª edição	8\$000
15— O Nosso Idioma - Curso Elemental - 5.ª edição	5\$000
16— O Nosso Idioma - Sintaxe geral - 2.ª edição	7\$000
17— O Nosso Idioma - Parte III - Síntese das categorias gramaticais	9\$000
MÁRIO PEREIRA DE SOUSA LIMA:	
18— Gramática da língua portug.	12\$000
19— Elementos de Gramática	10\$000
ARTUR DE ALMEIDA TORRES:	
20— Compêndio de Língua Portuguesa - para 5.ª série ginásial - 2.ª ed.	8\$000
21— Compêndio de Língua Portuguesa - para 4.ª série ginásial	8\$000
22— Compêndio de Língua Portuguesa - para 3.ª série ginásial	—\$000
ANTENOR NASCENTES:	
23— O Idioma Nacional - 2.ª ed.	—\$000
DELIO NOGUEIRA:	
24— Programa de Português - para 1.ª e 2.ª séries ginásial	10\$000
RAUL GÓMEZ:	
25— Prática de Redação - Curso Elemental	—\$000
JOUSA DA SILVEIRA:	
26— Trechos Seletos - 4.ª ed.	—\$000
FRANCÊS:	
MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT:	
27— Mon Petit Univers - (Como se aprende francês) - 2.ª edição	7\$000
34— Heures Joyeuses - Livro de introdução	8\$000
76— La France - 3ème année de français	12\$000
INGLÊS:	
J. L. CAMPOS JÚNIOR:	
19— Como se Aprende Inglês - (How to learn English) - 4.ª edição	10\$000
33— Dicionário de Verbos Ingleses - 2.ª edição	8\$000
79— Springtime - (School Memories) An English Reading book for Boys and Girls - Illustrated	7\$000
NUNO SMITH DE VASCONCELOS:	
30— English Anthology with Biographical Sketches - 6.ª edição	10\$000
43— English Simplified Grammar - 2nd grade - 2.ª edição	4\$000
44— English Secondary Grammar - 3rd grade - 2.ª edição	6\$000
50— English Intuitive Method - 2nd grade - 3.ª edição	6\$000
67— English Intuitive Method - 3rd grade	8\$000
64— English Advanced Grammar - 4th grade and Preparatory course - 2.ª edição	9\$000
NUNO SMITH DE VASCONCELOS e LUIZ CAMILO DE OLIVEIRA NETO:	
65— English Reader for Brazilians - Science Reader	13\$000
ISABEL JUNQUEIRA SCHMIDT:	
45— My Little World - Vitalized method	9\$000
KARL WEISSMANN:	
62— Our English Teacher - 30 Lições de inglês - 2.ª edição	13\$000
LATIM:	
CORNELLI NEPOTIS:	
24— Vitae Excellentium Imperatorum - Tradução e notas de Antônio Pícarolo	8\$000
VILHENA MORAIS e ORLANDO FONSECA:	
54— Língua Latina - 2.ª ed.	10\$000
58— Língua Latina - Trechos Escolhidos - 2.ª edição	6\$000
MATEMÁTICA:	
JÁCOMO STÁVALE:	
12— Primeiro Ano de Matemática - 11.ª edição	10\$000
13— Segundo Ano de Matemática - 8.ª edição	10\$000
21— Terceiro Ano de Matemática - 5.ª edição	12\$000

(continua)

Figura C.5 – Folha de apresentação dos volumes da BPB, publicados na Série Didática, presente em algumas obras analisadas.

Figura C.6 – Exemplo de lombadas, da BPB e da BEB.